



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

LINHA DE PESQUISA: PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

FLÁVIA CAVALCANTI BARRETTO

**TECENDO “NÓS”: UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE A AMIZADE
ENTRE JOVENS EM CONTEXTO DE VIOLÊNCIAS EXTREMAS**

RECIFE
2019

FLÁVIA CAVALCANTI BARRETTO

**TECENDO “NÓS”: UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE A AMIZADE
ENTRE JOVENS EM CONTEXTO DE VIOLÊNCIAS EXTREMAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Área de Concentração: Psicopatologia Fundamental e Psicanálise.

Orientadora: Profa. Dra. Véronique Donard

RECIFE
2019

B274t

Barretto, Flavia Cavalcanti

Tecendo “nós”: um estudo psicanalítico sobre a amizade entre jovens em contexto de violências extremas / Flavia Cavalcanti

Barretto, 2019

139 f.

Orientadora: Véronique Donard

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Mestrado em
Psicologia Clínica, 2019.

1. Psicologia clínica. 2. Psicanálise. 3. Violência. 4. Amizade.
5. Juventude. I. Título.

CDU 159.964.2

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Josefa Vital de Oliveira CRB-4/543

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

LINHA DE PESQUISA: PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

FLÁVIA CAVALCANTI BARRETTO

**TECENDO “NÓS”: UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE A AMIZADE
ENTRE JOVENS EM CONTEXTO DE VIOLÊNCIAS EXTREMAS**

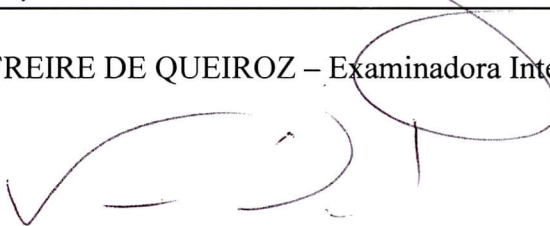
BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. PERLA CALDAS KLAUTAU DE ARAÚJO – Examinadora Externa



Profª. Dra. EDILENE FREIRE DE QUEIROZ – Examinadora Interna



Profª. Dra. VÉRONIQUE DONARD – Orientadora

Recife, 01 de abril de 2019

A Artur Antônio da Silva e aos jovens da “Banda Liberdade: alguém acreditou em mim”, pela potência criativa de música e de amizade.

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Osório e Lígia, pelo amor e cuidado constantes. A meus irmãos, Simone e Eduardo, pela força e companheirismo, que fizeram/fazem da nossa “fratria” uma matriz para a *philía*... A minhas sobrinhas, Maria Carolina e Letícia, pela oportunidade de (re)aprender a brincar.

Ao amigo Amaro Jordão, por me acolher em seu generoso coração, com alegria e confiança.

A Cláudia Guedes, Lígia Pacheco e Poliana Lorena, pela amizade nossa de cada dia, amém!

A Letícia Fonsêca, “interlocutora confiável” de longa data, minha *e-terna* gratidão pela escuta atenta dos meus voos e vazios, por me fazer “andar” a cada tropeço...

A Véronique Donard, pela honra e privilégio de tê-la como orientadora, em uma profícua “transferência de trabalho”. Agradeço imensamente por toda disponibilidade e presença ativa sempre que necessário, pelo rigor-vigor teórico, pela sensibilidade na escuta e por compartilhar de seu inesgotável “gênio criativo”, que tanto inspirou a execução e a escrita do presente estudo.

A Edilene Freire de Queiroz, nossa “alquimista dos projetos”, pelo olhar-escuta que nos surpreende e encanta. Obrigada por participar de todos os momentos de avaliação deste trabalho, trazendo sempre suas preciosas e imprescindíveis contribuições.

A Perla Klautau, pela gentileza em aceitar nosso convite para compor a Banca enquanto “examinadora externa”, pela leitura criteriosa da dissertação e pelo admirável e valoroso trabalho realizado com a juventude de periferia do Rio de Janeiro.

A Maria Consuêlo Passos, pelas palavras de incentivo desde a seleção do Mestrado, pelas excelentes indicações de leitura e por encorajar os alunos ao pensamento “subversivo”, que convoca o novo, o inusitado.

A Albenise de Oliveira Lima, Ana Lúcia Francisco, Cristina Amazonas e Paula Barros, por trazerem, cada uma a seu modo, relevantes contribuições para a qualificação do nosso projeto de pesquisa.

A Miriam Debieux Rosa, pelo compromisso ético-político na transmissão e na prática da “psicanálise implicada”, pelo interesse em nosso tema de pesquisa e pela disponibilidade de continuar essa desafiadora conversa...

A Cristina Brito e Marisa Amorim, pelo apoio prestado enquanto coordenadora e vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da UNICAP.

Aos colegas da UNICAP, em especial à Turma do Mestrado 2017.1, pela troca de ideias e pela convivência ao longo do curso.

A Danielle Mendes, Eliene Fabrício, Nélia Queiroz, Nicéas Alves e Sérgio Wanderley, pela atenção e presteza no atendimento aos discentes do Programa de Pós-graduação da UNICAP.

Aos colegas-amigos da Equipe Interprofissional da Vara Regional da Infância e da Juventude da 1ª Circunscrição Judiciária (VRIJ), Betânia Andrade, Bruno Cunha, Lúcia Melo, Milton Bezerra, Rosângela Oliveira, Verônica Mafra e Vilma França, porque juntos somos mais fortes! Agradeço especialmente a Milton e a Verônica, pela constante disponibilidade de interlocução e pelas valiosas sugestões para o presente estudo. Também agradeço a Mirela Torres e Zilma Amorim, pelo incentivo que permanece.

A Rivaldo Mafra, meu novo amigo, por me presentear com a riqueza de uma amizade intergeracional!

A Neci Béder, pela prática competente e amorosa da Odontologia, fazendo-me lembrar de que o “agente de cuidados” também precisa cuidar de si e deixar-se cuidar pelos outros...

A Cristiane Miranda, agradeço pela entusiasmada revisão do texto e pela amizade que cresce!

A Rita de Cássia Dutra Monteiro, pelo primoroso trabalho de elaboração do *Abstract*.

Aos Juízes da VRIJ, Artur Teixeira de Carvalho Neto, pelo estímulo à qualificação profissional dos servidores, Ana Maria Wanderley Freire, pela autorização da pesquisa, e Maria Amélia Pimentel Lopes, pelo empenho e compromisso na fiscalização das unidades de internação socioeducativa, pela sensibilidade e apoio ao desenvolvimento da “Banda Liberdade: alguém acreditou em mim”.

A Nadja Alencar, presidente da Fundação de Atendimento Socioeducativo de Pernambuco (FUNASE), pela anuência à nossa pesquisa, e aos profissionais do Centro de Internação selecionado, Abinoan Barbosa, Wilson Morais, Rebeqa Nascimento, Clóvis Benvindo, Fernanda Paula Castro, Adriana Accioly e Marcela Mariz, pela colaboração prestada em suas respectivas áreas de atuação.

A Artur Antônio da Silva, pelo acolhimento e firme parceria em todos os momentos da pesquisa e pelo relevante trabalho que vem desenvolvendo junto aos jovens da Banda Liberdade, devolvendo-lhes, inclusive, a capacidade de sonhar.

Aos jovens da Banda Liberdade, sobretudo a Diego, John, Felipe e Mateus, pela confiança e pela disponibilidade de compartilhar suas histórias, tornando possível esta construção conjunta.

*Eis o que eu aprendi
nesses vales
onde se afundam os poentes:
afinal, tudo são luzes
e a gente se acende é nos outros.
A vida é um fogo,
nós somos suas breves incandescências.*

Fala de João Celestioso ao regressar
do outro lado da montanha

Mia Couto, *Um rio chamado tempo, uma
casa chamada terra* (2003, p. 241)

RESUMO

O presente estudo está inserido no campo da pesquisa de fenômenos sociais e políticos, a partir dos referenciais teóricos e epistemológicos da Psicanálise, tendo como objetivo principal verificar as potencialidades de vínculos de amizade entre jovens privados de liberdade, em condições de violências extremas, e compreender suas formas de expressão. Pernambuco tem figurado entre os estados da federação brasileira com os maiores índices de óbito de jovens nas unidades de privação ou restrição de liberdade, sendo o conflito interpessoal uma das causas mais frequentes. Assim, em face do alto risco pessoal e social vivenciado pelos jovens “em conflito com a lei”, pensamos na amizade enquanto potência “subversiva” de transformação social e individual, capaz de produzir outras formas de sociabilidade, em que a pluralidade, o dissenso e o próprio conflito sejam propulsores da vida coletiva. Nesse sentido, interrogamos se era possível, para esses jovens, inseridos em um contexto de violências e agressões constantes, tecer relações amistosas, e como os laços de amizade emergiam e se mantinham nessas circunstâncias. Buscando alcançar tais questões, traçamos como objetivos específicos: identificar as estratégias de apoio mútuo utilizadas entre pares no contexto da privação de liberdade, analisar as vivências e os sentidos atribuídos à amizade por esses jovens e apreender suas motivações/justificativas para a prática de violências e agressões recíprocas durante o cumprimento da medida socioeducativa de internação. Para tanto, realizamos pesquisa de campo em Unidade da Fundação de Atendimento Socioeducativo de Pernambuco – FUNASE, com jovens do sexo masculino, na faixa etária de 17 a 19 anos, sentenciados ao cumprimento da medida socioeducativa de internação. A produção de “dados” se fez, primordialmente, a partir de *Entrevista Semiestruturada*, individual e audiogravada, com quatro jovens que integravam o projeto de música da Unidade. Anteriormente às entrevistas, participamos de alguns ensaios da Banda, utilizando *Diário de Campo*. Quanto aos procedimentos analíticos, o material produzido em três das entrevistas realizadas foi interpretado pelo método da pesquisa com/em psicanálise. A fundamentação teórica foi desenvolvida após a análise dos dados de pesquisa, tendo como interlocutores basilares S. Freud e D.W. Winnicott. Os resultados indicaram que, na Unidade em estudo, a convivência em um contexto de agressões e violências constantes desfavorece os vínculos criativos com o outro, incluindo os laços de amizade, dado o encurtamento do “espaço intermediário” estabelecido entre os jovens. Por outro lado, no espaço e na temporalidade da Banda, os participantes experienciavam a dinâmica da “área transicional” – o brincar, o brincar compartilhado e a experiência cultural, estando presentes os processos de ligação, próprios ao trabalho do pré-consciente, como a sublimação e a simbolização, o que lhes possibilitava, ao menos, um “ensaio” de amizade.

Palavras-chave: Amizade. Juventudes. Medida socioeducativa. Violência extrema.

ABSTRACT

The Present study is inserted in the research field of social and political phenomena, departing from the theoretical and epistemological referential elements of Psychoanalysis. Its main objective is to verify the potentialities of friendship bonds among juveniles deprived of liberty under extreme violence and understand their forms of expression. Pernambuco has appeared among the states of Brazilian Federation with the highest rates of juveniles' death in units of deprivation or restriction of liberty, being interpersonal conflict one of its most frequent causes. Thus, considering the high personal and social risk lived by juveniles "in conflict with the law", friendship was thought as a "subversive" potency of social and individual transformation, capable of producing other forms of sociability in which plurality, dissent and conflict itself be propellants of collective life. In this sense, this study questioned if it was possible for these juveniles, inserted in a context of violence and constant aggression, to weave amicable relations and how friendship bonds emerged and were kept in these circumstances. Seeking to get to these matters, specific objectives were defined: identifying the strategies of mutual support used among peers in the context of deprivation of liberty; analyzing the experiences and meanings attributed to friendship by these juveniles; and learning their motivations / justifications for the practice of violence and reciprocal aggressions during the observation of the socio-educative measure of internment. To reach them, field research work was done in a Unit of the Fundação de Atendimento Socioeducativo de Pernambuco – FUNASE (Foundation of Socio-Educative Care of Pernambuco) with 17 to 19-year-old male juveniles who had been sentenced to internment as a socio-educative measure. Data were produced mainly departing from individual audio-recorded semi-structured interviews with four juveniles who integrated the music project of the Unit. Before the interviews, some of the Band rehearsals were observed and a Field Journal used. With regards to the analytical procedures, the material produced in three of the interviews was interpreted through the research method with/in psychoanalysis. The theoretical grounds were developed after the analysis of the research data, having as basilar interlocutors S. Freud and D.W. Winnicott. The results indicated that, in the studied Unit, coexistence in a context of constant aggression and violence disfavors creative bonds with others, including friendship ones, due to the shortening of the "in-between space" established between juveniles. On the other side, in the space and temporality of the Band, participants experienced the dynamics of the "transitional space" – playing, shared playing and cultural experience, with the presence of the linking processes characteristic of the work of the preconscious, as sublimation and symbolization, which made at least a "rehearsal" of friendship possible.

Key Words: Friendship. Youths. Socio-educative measure. Extreme Violence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	
A AMIZADE À LUZ DA METAPSICOLOGIA FREUDIANA	17
1.1 Amizade: inibição ou sublimação das pulsões?	20
1.2 Freud <i>com</i> Empédocles: Pulsão de Vida e Pulsão de Morte, <i>Phília</i> e <i>Neikos</i>	33
1.3 Sublimação e Pulsão de Morte	36
CAPÍTULO 2	
DAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS MÃE-BEBÊ ÀS RELAÇÕES DE AMIZADE: CONTRIBUIÇÕES DE D.W. WINNICOTT	41
2.1 Do colo ao abraço: <i>holding</i> , <i>mutualidade</i> , <i>ego-relatedness</i> e <i>capacidade de estar só na presença do outro</i>	42
2.2 O estabelecimento de uma área transicional ou espaço potencial: o brincar e a amizade ..	47
2.3 A “destruição-sobrevivência” do objeto e a <i>capacidade de se preocupar</i>	50
2.4 Espaço Intermediário e (des)transicionalizações dos laços: amizade e violência	61
CAPÍTULO 3	
PERCURSO METODOLÓGICO: TECENDO “NÓS”	66
3.1 Local da pesquisa	66
3.2 Participantes	67
3.3 Instrumentos e técnicas da pesquisa	67
3.3.1 Conhecendo o “campo observacional”	68
3.3.2 Entrevistas Semiestruturadas	71
3.4 Método para a Análise dos Dados	74

CAPÍTULO 4

DO BANDO À BANDA: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	77
1 Diego: <i>Neikos e Philía</i>	78
2 John: <i>Amigos de brincadeira e amigos de infração</i>	90
3 Felipe: <i>Aprendendo a brincar?</i>	98
4 A Banda: um “ensaio” de amizade?	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	117
ANEXO – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa	128
APÊNDICES	
APÊNDICE A – Guia de Entrevista	132
APÊNDICE B – Termo de Acordo para Observação de Atividade (Monitor).....	133
APÊNDICE C – Termo de Acordo para Observação de Atividade (Jovens).....	134
APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	136
APÊNDICE E – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE	138

INTRODUÇÃO

*Duplas (coisas) direi: pois ora um foi crescido a ser um só
de muitos, ora de novo partiu-se a ser muitos de um só,
fogo e água e terra, e de ar a infinita altura,
e Ódio funesto fora deles, de peso igual em toda parte,
e Amizade dentro deles, igual em comprimento e largura;*

Empédocles, *Fragmentos* (Fr. 17), Os Pré-Socráticos (1996, p. 175-176)

O presente estudo é fruto de inquietações, impasses e questões advindos do meu trabalho enquanto Psicóloga Judiciária, junto aos adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa no estado de Pernambuco. Inseridos em um laço social perverso, que legitima a violência simbólica e real contra as classes populares, de periferia, nossos jovens carregam o estigma, propagado pelo discurso dominante, de serem “potencialmente violentos”, “perigosos” e até mesmo incapazes de estabelecer vínculos criativos com o outro.

A execução das medidas socioeducativas (MSEs) destinadas ao adolescente que pratique ato infracional, no Brasil, é regulamentada pela Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012. Cabe ao Poder Judiciário, mais especificamente aos Juízes das Varas da Infância e da Juventude, sem prejuízo das competências do Ministério Público e da Defensoria Pública, fiscalizar o atendimento prestado pelos programas executores de medidas socioeducativas em meio aberto (Prestação de Serviços à Comunidade e Liberdade Assistida) e em meio fechado (Semiliberdade e Internação, respectivamente, medidas restritiva e privativa de liberdade).

Como integrante da equipe de apoio especializado aos Magistrados da Vara Regional da Infância e da Juventude da 1ª Circunscrição Judiciária, buscamos construir estratégias de avaliação do atendimento socioeducativo, com vistas a propor intervenções que promovam, à população em cumprimento de medidas socioeducativas, uma política integrada ao Sistema de Garantia de Direitos (SGD). Também realizamos o atendimento a adolescentes/jovens e a seus familiares nos casos de maior complexidade, como, por exemplo: ameaça/risco de morte, sofrimento psíquico/transtorno mental, grave adição de substâncias psicoativas, situação de rua, exploração sexual e violação de direitos no cumprimento das MSEs determinadas.

Em nosso cotidiano de trabalho, chama-nos a atenção as frequentes demandas de proteção à integridade física de adolescentes/jovens do sexo masculino, ameaçados de morte, de uma maneira geral, pelo envolvimento em “guerras do tráfico” de drogas ilícitas. E, nessa “guerra”, parece não haver meio-termo: “É matar ou morrer”, como eles costumam relatar

durante os atendimentos. Nas unidades de semiliberdade, as incontáveis e recorrentes evasões são motivadas, notoriamente, pela ocorrência de formação de grupos de “comando” e conflitos entre os socioeducandos. Nos Centros de Internação, as situações-limite são agravadas: as rivalidades entre os “comandos” levam à segregação de alguns jovens em “alas de proteção”, sendo relatadas ocorrências de violência física, incluindo a prática de tortura, violência sexual e mortes. São essas ações destrutivas e brutais contra um outro semelhante, tomado em posição de “coisa”, de objeto “matável”, que estamos denominando de “violências extremas”. Partimos do pressuposto de que as manifestações presentes nesse microespaço da Internação Socioeducativa são um recorte da realidade encontrada no macroespaço da sociedade, todavia, com uma dinâmica de sofrimentos e de estratégias de sobrevivência própria à situação de estar privado de liberdade.

O Levantamento Anual dos/as Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa – 2012, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (2013), apontou como principais causas de óbito de adolescentes nas unidades socioeducativas de meio fechado no Brasil: o conflito interpessoal (37%), o conflito generalizado (30%) e o suicídio (17%). Dos doze estados da federação que afirmaram a existência de óbitos em suas unidades de privação ou restrição de liberdade durante o ano de 2012, Pernambuco apresentou o maior índice, com sete óbitos por conflito interpessoal, três dos quais registrados no mesmo dia. Em 2013, Pernambuco e Minas Gerais apresentaram o maior índice, também em decorrência de conflito interpessoal, na maioria dos casos (BRASIL, 2015). No último levantamento disponível, referente ao ano de 2014, São Paulo concentrou o maior número de óbitos, mas Pernambuco ainda aparece em segundo lugar, juntamente com os estados de Alagoas e Ceará (BRASIL, 2017).

De acordo com a Lei nº 8.069/1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente, a medida de internação só poderá ser aplicada quando se tratar de ato infracional praticado mediante grave ameaça ou violência a pessoa, por reiteração no cometimento de infrações graves ou por descumprimento repetido e injustificável de medida anteriormente imposta. Dados da Fundação de Atendimento Socioeducativo de Pernambuco - FUNASE, apresentados no Plano Estadual Decenal de Atendimento Socioeducativo 2015-2024 de Pernambuco, indicam que, em 2013, os atos infracionais cometidos por adolescentes do sexo feminino (6%) foram significativamente menores quando comparados àqueles praticados pelos adolescentes do sexo masculino (94%). Ao mesmo tempo, conforme o Mapa da Violência 2015 – *Mortes matadas por arma de fogo*,

no Brasil a proporção de vítimas do sexo masculino corresponde a 94% da população total e a 95% da população jovem (WAISELFISZ, 2015).

Ao abordar sexualidades e socialização masculina, Benedito Medrado (2004) diz que, em geral, os homens são educados para responder a expectativas sociais de modo proativo, sendo o risco algo que não deve ser evitado, mas experimentado e superado cotidianamente. A noção de autocuidado é, assim, substituída por uma postura autodestrutiva, que pode levar, inclusive, à morte.

Na mesma direção, Gary Barker (2004) propõe o questionamento sobre as razões pelas quais alguns homens usam de violência e outros não como matriz para refletirmos sobre a violência e a socialização dos homens jovens, enfatizando que alguns estão “morrendo por ser homens e, outros, de uma forma figurativa, morrendo para comprovar-se como homens, na busca por afirmar-se dentro de certo modelo da masculinidade” (p. 54-55). O referido autor também aponta que a violência entre homens jovens faz parte do que ele denomina de *projeto reputacional*, que marca o pertencimento a um grupo específico e a busca por status social, sendo atrativo o modelo de “bandido”.

De nossa parte, fortemente impactada com o contexto de alto risco pessoal e social vivenciado pelos jovens “em conflito com a lei”, sobretudo aqueles privados de liberdade, em condições de violências extremas, percebemos a urgência de encontrar “saídas” para essa grave situação, que concerne a todos nós, enquanto sociedade civil, mas que interpela, mormente, os trabalhadores que se dedicam a escutar/cuidar dessa juventude que, apesar dos direitos previstos em lei, permanece relegada ao limbo social. Inicialmente tomada pela face cruel e “assombrada” da violência, foi com muitas idas e vindas, desvios de rota, infindáveis destruições e (re)construções do projeto de pesquisa que, a partir da fundamental interlocução com nossa orientadora, começamos a pensar na *amizade* não no sentido de cumprir a impossível injunção de “amar o próximo com a si mesmo”, como nos advertiu Freud, mas enquanto potência “subversiva” de transformação social e individual, capaz de produzir outras formas de sociabilidade, em que a pluralidade, o dissenso e o próprio conflito sejam propulsores da vida coletiva. Assim, passamos a interrogar se era possível, para esses jovens, inseridos em um contexto de violências e agressões constantes, tecer relações amistosas, e como os laços de amizade emergiam e se mantinham nessas circunstâncias. Mais especificamente, buscamos, então, identificar possíveis estratégias de apoio mútuo utilizadas entre pares no contexto da privação de liberdade, analisar as vivências e os sentidos atribuídos à amizade por esses jovens

e apreender suas motivações/justificativas para a prática de violências e agressões recíprocas durante o cumprimento da medida socioeducativa de internação.

No que se refere ao termo “amizade”, o Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2015) apresenta as seguintes definições: 1. *Sentimento de simpatia, de afeição*; 2. *Concordância de sentimentos ou posição a respeito de algo, aliança*; 3. *Amigo, companheiro, camarada*. Etimologicamente, a palavra “amizade” provém do termo latino *amicitia*, que teria se originado de *amicus*, traduzido como “amigo” em português. Alguns etimologistas apontam que a raiz desta palavra se desenvolveu a partir do verbo latino *amare*, que expressa atualmente o sentido de “amor” ou “amar” (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO, 2017).

Ao lado dos laços familiares e dos relacionamentos afetivo-sexuais, a amizade constitui uma importante dimensão da vida social e uma exigência da vida psíquica, que “responde, desde a aurora das civilizações, a uma necessidade essencial de encontro com o outro, renovada ao longo da existência” (BRUN, 2007, p. 312). Particularmente na adolescência, a amizade permite o distanciamento das relações primárias de parentesco, trazendo a possibilidade de uma autonomia do pensamento e da palavra, “que só pode se realizar fora da família, mesmo que “seja nesta ou em comparação com esta que sua representação adquira sentido” (BRUN, 2007, p. 313).

Nosso estudo está inserido no campo da pesquisa de fenômenos sociais e políticos, a partir dos referenciais teórico-epistemológicos da Psicanálise. Para nos aproximarmos da nossa questão norteadora, entrevistamos quatro jovens em cumprimento da MSE de internação, integrantes da “Banda Liberdade: alguém acreditou em mim”, projeto de música da Unidade Socioeducativa selecionada. No entanto, restringimo-nos a analisar e discutir as entrevistas realizadas com três desses jovens, aqui chamados de Diego, John e Felipe. O “campo” foi soberano, como deve acontecer em toda pesquisa, sobretudo quando se utiliza do método psicanalítico. Desse modo, toda a fundamentação teórica deste estudo foi construída após a análise dos dados produzidos no encontro com nossos “sujeitos de pesquisa”, o que nos levou a identificar dois eixos principais de investigação: 1) a relação ou coexistência entre amizade e violência e 2) O espaço intermediário e as (des)transicionalizações dos laços.

No primeiro Capítulo, revisitamos a noção de *inibição* e o conceito de *sublimação*, no intuito de compreendermos como se constituem e como se mantêm os vínculos de amizade à luz da metapsicologia freudiana. Em seguida, para contemplar nosso primeiro eixo de investigação, isto é, que amizade e violência não se excluem, mas coexistem, tecemos uma breve articulação entre a segunda teoria das pulsões (*pulsão de vida e pulsão de morte*) e a

teoria cosmogênica do filósofo pré-socrático Empédocles (*amizade e discórdia*). Ainda foi preciso enfrentar a “espinhosa” relação entre sublimação e pulsão de morte, a partir do caminho aberto por Freud em suas reflexões finais, ante as constantes manifestações de violência presentes em nosso contexto de pesquisa.

Apropriando-nos do aporte teórico desenvolvido por Donald W. Winnicott e seus interlocutores, no segundo Capítulo buscamos articular alguns elementos conceituais/fenômenos, como o *holding*, a *mutualidade*, o “relacionamento com o ego” ou *ego-relatedness* e a *capacidade de estar só na presença do outro*, presentes na relação inicial do bebê com o agente materno (*ambiente*), à possibilidade de tecer laços de amizade. Abordamos, em seguida, o estabelecimento de uma “área transicional”, enfatizando a capacidade de brincar como condição para a capacidade de fazer amigos, e trabalhamos a questão da “destruição-sobrevivência” do objeto e da “capacidade de se preocupar”, tendo em vista nosso primeiro eixo de investigação. O segundo eixo nos conduziu a pensar sobre o “espaço intermediário” quando a violência real predomina, levando ao que denominamos de (des)transicionalizações dos laços.

O terceiro Capítulo versou sobre o percurso metodológico do presente estudo. Adotamos a metodologia da pesquisa qualitativa, apoiada nos pressupostos epistemológicos e teóricos da Psicanálise. A produção de “dados” se fez, primordialmente, a partir de *Entrevista Semiestruturada*, individual e audiogravada, com quatro jovens que integravam o projeto de música da Unidade. Anteriormente às entrevistas, participamos de alguns ensaios da Banda, utilizando *Diário de Campo*. Quanto aos procedimentos analíticos, o material produzido em três das entrevistas realizadas foi interpretado pelo método da “pesquisa com/em psicanálise”, nos termos de Renato Mezan (QUEIROZ, no prelo) e de Luís Claudio Figueiredo e Marion Minerbo (2006).

No quarto e último capítulo, apresentamos a análise e discussão dos resultados de nosso estudo, seguindo os movimentos e vibrações de uma “sinfonia” embalada pelo ritmo do afeto e da confiança. Dessa composição/execução em conjunto, nasceu esta “partitura”...

CAPÍTULO 1

A AMIZADE À LUZ DA METAPSICOLOGIA FREUDIANA

Mas ninguém pode substituir, para mim, o relacionamento com um amigo, que é exigido por um lado especial – talvez feminino (...)

Sigmund Freud, carta a Wilhelm Fliess, de 7 de maio de 1900.
(MASSON, 1986, p. 413)

Segundo Jô Gondar (2014), o tradutor e editor das obras de Freud na língua inglesa, James Strachey, elenca apenas seis ocorrências do termo “amizade” nos textos freudianos, em geral, referindo-se ao seu engendramento na sexualidade ou no retorno do erotismo nos laços de parceria.

Não podemos, contudo, deixar de destacar o valor da amizade na vida pessoal de Freud. Com seu amigo de juventude, Eduard Silberstein, Freud estabeleceu uma amizade da ordem da “necessidade” e do “viver com” (CORNALBA, 2007). Na passagem a seguir, contida em carta de 7 de fevereiro de 1884, endereçada a Martha Bernays, à época sua noiva, diz Freud sobre sua amizade com Silberstein: “Nós somos ligados a um momento em que não se considera a amizade como um esporte ou uma vantagem, mas no qual se tem necessidade de um amigo para viver com ele”¹ (p. 260, *tradução nossa*). A interlocução com Wilhelm Fliess, por meio de cartas datadas de 1887 a 1904, mostra a importância desse laço afetivo para a elaboração de uma nova disciplina, a Psicanálise, e revela uma amizade apaixonada e íntima, típica da época vitoriana (PRIMO, 2015), notoriamente no seguinte excerto: “(...) me regozijo mais uma vez por ter-me apercebido, já há onze anos passados, de que era necessário que eu o amasse para enriquecer minha vida” (FREUD, 1898/1986, p. 324). Por outro lado, de acordo com Luiz Ricardo Prado de Oliveira (2012), a amizade de Freud com Fliess é rompida numa oportunidade em que havia se formado um forte laço emocional entre ambos, envolvendo uma ambivalência de sentimentos – amor e ódio – despertados em Freud.

Ainda conforme Oliveira (2012), o reconhecimento, por parte de Freud, de um dos fatores que se encontrariam na origem de sua dificuldade de fazer rupturas, mantendo-o

¹ *Nous nous sommes liés à un moment où l'on ne considère pas l'amitié comme un sport ou un avantage mais où l'on a besoin d'un ami pour vivre avec lui.*

oscilante em um conflito notavelmente ambivalente, é apontado como intolerável, e foi por ele abordado na seguinte passagem de *A interpretação dos sonhos*:

(...) minhas ternas amizades, bem como minhas inimizades com contemporâneos remontam às minhas relações na infância com um sobrinho que era um ano mais velho que eu; como ele era meu superior, como cedo aprendi a defender-me contra ele, como éramos amigos inseparáveis e como, de acordo com o testemunho dos mais velhos, algumas vezes lutávamos um com o outro e fazíamos queixas um do outro. Todos os meus amigos foram, num certo sentido, reencarnações dessa primeira figura (...). Minha vida emocional sempre insistiu em que eu tivesse um amigo íntimo e um inimigo odiado. Sempre fui capaz de reabastecer-me de ambos e não infrequentemente aconteceu que a situação ideal da infância foi reproduzida de forma tão completa que amigo e inimigo reuniram-se num único indivíduo – embora não, é natural, ambos ao mesmo tempo ou com oscilações constantes, como pode ter sido o caso em minha primeira infância (1900/1980, p. 516).

Para Freud, somente ao dominar a corrente de dependência em relação ao outro semelhante mais velho, subjacente a um conflito ambivalente estabelecido entre o amor e o ódio, torna-se possível libertar-se para dar impulso às próprias ideias, correr o risco de expô-las às críticas alheias e tolerar a perspectiva de uma solidão eventualmente decorrente de incompreensões ou rejeições (OLIVEIRA, 2012).

Segundo Oliveira (2012), Freud nomeia esse conflito de “complexo de irmão”, também denominado “complexo fraterno”, e concede especial atenção, ao longo de sua vida, à realização do desejo de tornar-se uma “autoridade” entre os pares e na sociedade em geral, e ainda na figura da autoridade/analista junto ao analisando. Assim, para o autor, Freud compreende a amizade como algo da ordem da utilidade e um meio para que determinados fins sejam alcançados, subordinando-a a interesses contingentes e momentaneamente compartilhados entre as partes envolvidas, de modo que rupturas devem ser esperadas, sendo até mesmo desejáveis, na perspectiva da realização de um desejo legítimo de poder e norteador das decisões daquele que pretenda tornar-se uma “autoridade”.

Ernest Jones (1979) relata um episódio ocorrido em Munique, no ano de 1912, em sua presença e de Jung, no qual Freud, ao perceber os sinais de dissensão de alguns de seus discípulos, incluindo Jung, teria caído no chão no mais completo desmaio, dizendo, ao acordar: “Como deve ser doce morrer” (p. 320). O próprio Freud afirmou ter sofrido de sintomas semelhantes alguns anos antes, no mesmo local, em encontro com Fliess, fazendo a seguinte relação: “(...) essa cidade parece ter adquirido uma forte conexão com a minha amizade para com esse homem. Há qualquer coisa de um persistente sentimento homossexual no fundo dessa questão” (p. 320). Para Oliveira (2012), a atenção de Freud quanto ao componente homossexual

envolvido nos laços de amizade tem origem em suas experiências pessoais, o que acaba contribuindo para a concepção da amizade a partir de uma parcela de inibição psíquica, atuando junto ao mecanismo de sublimação das pulsões sexuais.

Não parece à toa que Freud tenha encontrado, no *Eros* platônico, uma correlação muito próxima ao que chamou de *libido* ou *pulsões de vida*. No texto *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/1980), diz Freud: “Em sua origem, função e relação com o amor sexual, o ‘Eros’ do filósofo Platão coincide exatamente com a força amorosa, a libido da psicanálise” (p. 116). Além do amor sexual, Freud considera que a palavra “amor” abrange, também, o amor próprio, o amor pelos pais e pelos filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, sendo que esses últimos também teriam origem sexual, só que “desviados desse objetivo ou impedidos de atingi-lo” (p. 116).

Em *Dois verbetes de enciclopédia: (B) A Teoria da libido* (1923 [1922]/1980), Freud considera que os laços sociais, incluindo os “sentimentos de amizade”, pertencem a uma classe de pulsões que prescindem serem descritas como sublimadas, embora estejam estreitamente relacionadas, que são as pulsões sexuais inibidas quanto ao objetivo ou meta. Nesse caso, os objetivos diretamente sexuais não são abandonados, mas “impedidos, por resistências internas, de alcançá-los; contentam-se com certas aproximações à satisfação e, por essa própria razão, conduzem a ligações especialmente firmes e permanentes entre os seres humanos” (p. 311). Freud recorre à noção de “inibição” para elucidar a origem dos sentimentos de ternura e dos sentimentos sociais. Para ele, inibição e sublimação são dois processos distintos, porém, relacionados (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001).

Do mesmo modo, em *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]/1980), Freud coloca que os “sentimentos positivos” (p. 123) entre pais e filhos e entre irmãos na categoria de “amor inibido em sua finalidade ou afeição” (p. 123), esclarecendo que o amor com finalidade inibida foi, originalmente, plenamente sensual, e que assim permanece na dimensão inconsciente. Para ele, tanto o amor plenamente sensual quanto o amor inibido em sua finalidade “estendem-se exteriormente à família e criam novos vínculos com pessoas anteriormente estranhas” (p. 123). Aqui, Freud distingue o amor genital e o amor inibido em sua finalidade, na medida em que o primeiro “conduz à formação de novas famílias” (p. 123), enquanto o último “a amizades que se tornam valiosas, de um ponto de vista cultural, por fugirem a algumas das limitações do amor genital, como, por exemplo, à sua exclusividade” (p. 123). Mais adiante, Freud afirma que uma comunidade cultural não consiste em indivíduos que, libidinalmente satisfeitos em si mesmos, vinculam-se uns aos outros por meio do trabalho comum e dos interesses comuns. A civilização

visa a unir os membros da comunidade também de maneira libidinal e emprega todos os meios para tanto. Nas suas palavras, a civilização:

Favorece todos os caminhos pelos quais identificações fortes possam ser estabelecidas entre os membros da comunidade e, na mais ampla escala, convoca a libido inibida em sua finalidade, de modo a fortalecer o vínculo comunal através das relações de amizade (p. 130).

Aqui, é preciso destacar o papel dos processos identificatórios na constituição das relações de amizade. De uma forma sintética, podemos pensar na *identificação*, a partir das elaborações de Freud em *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/1980), como “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (p. 133), isto é, com os primeiros objetos de amor e de ódio, tendo em conta as rivalidades e contradições presentes na relação edipiana. Portanto, a identificação “é ambivalente desde o início” (p. 133), podendo tornar-se tanto expressão de ternura quanto desejo de afastamento, na mesma proporção. Regressivamente, a identificação permite uma vinculação de objeto libidinal, por meio da introjeção do objeto no ego [Eu] ou pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguém que não seja objeto da pulsão sexual. Para Freud, quanto mais importante essa qualidade comum, “mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço” (p. 136).

Vislumbramos, pois, a amizade como criação (“novo laço”), na medida em que possibilita uma tomada de distância das relações primordiais, do “todo poder” das referências parentais para experiências que transitam do narcisismo à alteridade, como discutiremos adiante.

1.1 Amizade: inibição ou sublimação das pulsões?

Nosso campo de pesquisa, caracterizado por expressões constantes de agressão e de violências extremas, conduziu-nos a indagar se nesse contexto, em que a renúncia pulsional cede lugar à descarga direta, aos processos de desligamento, ao agir violento, seria possível constituir vínculos de amizade, a partir da sublimação das pulsões destrutivas. Para Kaës (2005), tais expressões indicam que as formas de sofrimento psíquico do sujeito contemporâneo, distantes da moderna “neurose da civilização”, dizem respeito a dificuldades ou falhas na constituição dos limites internos e externos do aparelho psíquico, quer dizer, estão relacionadas a problemáticas nas funções intermediárias ou mediadoras do pré-consciente,

como a capacidade de inibição e de sublimação das pulsões e de simbolização que, enquanto processos de ligação e de transformação, possibilitam a relação com o outro.

Partindo de tais considerações, revisitaremos, doravante, a noção de *inibição* e o conceito de *sublimação* na metapsicologia freudiana, observando de que modo tais processos se diferenciam e como estão relacionados, buscando compreender como os laços de amizade se constituem e se mantêm nessa perspectiva.

O uso do termo inibição (*Hemmung*), nos escritos de Freud, é contemporâneo ao próprio nascimento do corpo teórico-clínico da psicanálise, ou seja, surge no momento em que esboça suas hipóteses iniciais sobre o funcionamento do aparelho psíquico. As primeiras referências de Freud sobre a inibição são encontradas em sua correspondência com Fliess, a partir de 1892. O termo *Hemmung* já era correntemente empregado no campo da fisiologia para designar o processo de impedimento motor de um determinado dispositivo. Freud toma-o no mesmo sentido para nomear um mecanismo de parada, bloqueio ou freada, que interrompe o funcionamento normal do pensamento. A conotação inédita deste termo na psicanálise é a consideração de um aspecto ativo que intervém no processo de inibição, que é o fato de ser ele acionado pelo sujeito. Desse modo, na concepção freudiana do funcionamento psíquico, o sujeito que sofre as consequências de uma determinada inibição funcional é, ele próprio, o agente de tal ação (SANTIAGO, 2005).

Em 1895, no *Projeto para uma Psicologia Científica*, Freud apresenta a função da inibição do ponto de vista econômico, como um processo inerente ao funcionamento psíquico e como condição de possibilidade do pensamento. A inibição é introduzida para que a consciência possa ajustar as informações oriundas do inconsciente em função da realidade. Assim, a inibição dos processos primários instaura os processos secundários, favorecendo a formação do Eu – instância mediadora entre as exigências da realidade e do inconsciente. O sujeito torna-se capaz não apenas de realizar um julgamento, como também de produzir um ato visando à realização de seu desejo. Podemos identificar, então, duas funções distintas do mecanismo inibitório na metapsicologia do psiquismo: a primeira é a de orientar a pulsão sexual no sentido de buscar satisfação a partir de um objeto da realidade; a segunda é a de impedir que a pulsão sexual encontre satisfação no mundo externo, sendo este um mecanismo de regulação contra os excessos de excitação sexual. Cada vez que o excesso pulsional coloca em risco o equilíbrio do psiquismo, a inibição interrompe a cadeia associativa das representações, impedindo o acesso à consciência de ideias incompatíveis com o Eu (SANTIAGO, 2005; LIMA e MARTINS, 2011).

Já o termo “sublimação”, em Freud, segundo Chemama e Vandermersch (2007, p. 359), não remete nem a “uma tagarelice sobre o ideal”, nem à descrição de um processo químico, tampouco à categoria filosófica do sublime. E, como nos indicam os referidos autores, Freud destruiu por completo um ensaio sobre a sublimação, deixando-nos não uma teoria constituída, mas elementos fragmentários acerca do tema. Nesse sentido, Loffredo (2014) destaca que a sublimação é mais enunciada do que desenvolvida no discurso freudiano, apresentando-se mais como uma temática a ser problematizada do que como um conceito. A mesma autora nos lembra de que a sublimação deveria compor uma série de doze artigos que seriam publicados por Freud sob o título “Preparação para uma metapsicologia”, contudo, apenas cinco deles foram publicados em 1915, nos *Ensaio de metapsicologia*.

É exatamente em um desses artigos, *As pulsões e seus destinos* (1915/1980), que a sublimação será apresentada como um dos encaminhamentos possíveis para a *pulsão*, que tem o estatuto de “conceito fundamental” da Psicanálise (LOFFREDO, 2014), sendo, para Freud, um conceito-limite entre o psíquico e o somático, “o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (1915/1980, p. 142). No referido texto, Freud afirma que, no processo de desenvolvimento, as pulsões podem passar por quatro destinos ou vicissitudes: 1. Reversão a seu oposto; 2. Retorno em direção ao próprio eu do indivíduo; 3. Recalque; 4. Sublimação.

Segundo Nasio (1991), o “fluxo pulsional pode, em primeiro lugar, sofrer o destino do *recalcamento*, ou de uma tentativa de recalque seguida de um fracasso, que então dá lugar ao sintoma neurótico” (p. 81). Esse mesmo fluxo também pode encontrar outra forma de oposição, na qual “o eu desliga o fluxo pulsional do objeto sexual externo em que se depositara e o faz voltar-se sobre si mesmo” (p. 81), sendo a *fantasia* a formação característica desse segundo destino, de *retorno para o próprio eu*. Na fantasia, o investimento libidinal no objeto sexual é substituído por uma identificação do eu com esse mesmo objeto. Nesse destino pulsional, como sublinha Garcia-Roza (1984), há uma mudança de *objeto*, enquanto a *meta* permanece inalterada. Já na *reversão a seu oposto*, a mudança pode se manifestar de duas maneiras: uma mudança da atividade para a passividade e uma reversão de seu *conteúdo* que, em Freud, consiste no exemplo isolado da transformação do amor em ódio. Em ambos os casos, a mudança diz respeito à *meta*. Nasio (1991), por seu turno, considera tal destino pulsional como uma “*inibição pura e simples*” (p. 81), por meio do qual a pulsão inibida se transforma no afeto de ternura. No último destino, a *sublimação*, a moção pulsional, desviada de sua meta

primária de obter satisfação sexual, coloca-se a serviço de uma finalidade social, seja ela artística, intelectual ou moral.

No aludido texto de 1915, Freud dirá que a capacidade de sublimar o objeto não concerne a todas as pulsões sexuais, mas apenas àquelas que nascem amparadas nas pulsões de autoconservação e estão ligadas, portanto, às pulsões do Eu. Para Sophie de Mijolla-Mellor (2012), com a introdução ao narcisismo, uma acepção mais ampla da sexualidade será, então, trazida, momento em que a meta e o objeto serão definidos não mais a partir do corpo e de suas zonas erógenas-fonte, mas a partir do Eu investido de libido sexual narcísica. A novidade maior no que diz respeito à teorização da sublimação, conforme a referida autora, foi introduzida em *O Eu e o Id* (1923), nos termos da hipótese de que toda sublimação seria produzida por intermédio do Eu, o qual transformaria primeiramente a libido do objeto sexual em libido narcísica para, em seguida, dar-lhe, talvez, uma outra meta. Nas palavras de Freud:

A transformação da libido do objeto em libido narcísica, que assim se efetua, obviamente implica um abandono de objetivos [metas] sexuais, uma dessexualização – uma espécie de sublimação, portanto. Em verdade, surge a questão, que merece consideração cuidadosa, de saber se este não será o caminho universal à sublimação, se toda sublimação não se efetua através da mediação do eu, que começa por transformar a libido objetal sexual em narcísica e, depois, talvez, passa a fornecer-lhe outro objetivo [meta] (1923/1980, p. 44).

Nesse processo, ainda de acordo com Mijolla-Mellor (2012), o Eu passa a constituir a matriz dos objetos sublimados e assegura, assim, sua vicariedade, porém, mediante uma dessexualização que comporta algum perigo, pois seus objetos não seriam como os outros, uma vez que estariam investidos de libido narcísica. É o próprio Freud que diz, em *O Eu e o Id* (1923), que o Eu, mediante seu trabalho de identificação e sublimação, ajuda as pulsões de morte do Id a obter controle sobre a libido, e assim procedendo, corre o risco de se tornar, ele próprio, objeto das pulsões de morte e perecer. E continua:

(...) já que o trabalho de sublimação do Eu resulta numa desusão das pulsões e numa liberação das pulsões agressivas no Supereu, sua luta contra a libido expõe-no ao perigo de maus-tratos e morte (1923/1980, p. 73).

Por outro lado, como observa Dominique Cupa (2005), “a dessexualização implica um tempo desintricador em que se desfazem os nós, se rompem os vínculos a fim de reatar alguns mais eficazes, mais maduros, permitindo por aí mesmo a organização do narcisismo” (p. 90). Tal assertiva nos faz pensar nos processos criativos no seio mesmo da destrutividade.

Em uma nota no artigo em referência (1923/1980, p. 44), Freud precisa que o Id é o grande reservatório da libido e que a libido que flui em direção ao Eu, graças às identificações deste ao objeto, instaura um “narcisismo secundário”, diferente do “narcisismo primário” dos primórdios da vida psíquica. A energia sublimada seria secundária a um trabalho de luto objetal bem-sucedido, no qual o sujeito se colocaria, ele mesmo, como objeto para substituir sua perda de objeto. A operação sublimatória situar-se-ia na distância que separa a identificação ao objeto perdido da construção de um objeto que não se pareça necessariamente com ele, mas que possua todas as qualidades próprias para torná-lo “amável” (MIJOLLA-MELLOR, 2012). Segundo Freud:

Quando o eu assume características do objeto, ele está-se forçando, por assim dizer, ao id como um objeto de amor e tentando compensar a perda do id, dizendo: “Olhe, você também pode me amar; sou semelhante ao objeto” (p. 44).

Géraud Manhes (2009) sublinha que a amizade, em Freud, não é uma noção moral: se amamos o amigo, muito bem, mas não porque devemos amá-lo incondicionalmente. Os “deveres” relacionados à amizade nascem após a amizade em si, do investimento afetivo das pulsões inibidas quanto à meta. Não há amizade independentemente do amigo, nem substantificação que a ancoraria em qualquer ontologia que pudesse fazer dela um “ser”. Nesse sentido, o amigo seria o resultado de uma escolha de objeto, portanto, de uma distinção, de uma eleição e de um julgamento, e a amizade teria valor apenas enquanto uma relação com a singularidade do outro amado, e não como um projeto em si. O amigo é um “outro eu”, mas a amizade não tem “em si”. A amizade não cria, assim, uma relação angelical, mas modifica as contradições de Eros em direção a uma ordem de realidade mais simbólica que pulsional.

Se o amigo é um “outro eu”, assim o é em sua função de *alter ego*, “segundo eu” que não reproduz o mesmo, mas que, por ser “alter” (do latim, “outro”), é um semelhante diferente de mim, um não-eu. A identificação opera, portanto, no registro da alteridade. Identificar-se não é ser o outro, ser como o outro, é identificar-se *com* o outro. Já existe, aí, uma hiância, um espaço habitado pela alteridade.

Além da intervenção do “eu narcísico” no processo de sublimação, é preciso destacar o papel do “ideal do eu”, que inicia e orienta a sublimação. Nasio (1991) sustenta que a passagem de uma satisfação erotizada e infantil para outra não erotizada não poderia se desdobrar sem o apoio dos ideais simbólicos e dos valores sociais de uma época, mas que “o fato de as obras criadas pela sublimação assumirem um valor social não significa que elas atendam a qualquer

utilidade social” (p. 85). De fato, a vinculação clássica da sublimação a atividades e criações socialmente valorizadas requer uma atenção mais cuidadosa, pois, como nos alerta Mijolla-Mellor (2012):

As atividades sublimadas podem ser intensamente valorizadas pelo grupo social de pertencimento, ignoradas por ele ou rejeitadas e condenadas. O critério que fará delas sublimações só pode se referir a essa negociação interna do sujeito com seu narcisismo e suas instâncias ideais (MIJOLLA-MELLOR, 2012, n.p, *tradução nossa*²).

Nasio (1991) enfatiza que o “ideal do eu” cumpre duas funções na sublimação: em primeiro lugar, o ideal desencadeia o processo, “com a particularidade de que, uma vez iniciado o movimento de sublimação, o impulso criador da obra desliga-se do ideal do eu que o suscitara inicialmente” (p. 86). A essa primeira função simbólica, “acrescenta-se uma segunda, de acordo com a qual o ideal indica a *direção* do movimento iniciado” (p. 86). Essa segunda função esclarece a afirmação freudiana de que a sublimação representa a satisfação da pulsão “sem o recalçamento”, o que não significa que a força pulsional seja “transbordante, plena e livre de qualquer constrangimento” (p. 86). Afirma ele:

A expressão “sem recalçamento certamente quer dizer ausência de censura que barre o ímpeto da pulsão, mas nem por isso implica a ideia de errância e perda da força pulsional. A sublimação da pulsão decerto não é o recalçamento, mas é, não obstante, um cerceamento imposto à atividade pulsional sob a forma de um desvio do curso de seu fluxo para uma satisfação diferente da satisfação sexual. Ora, justamente o elemento que impõe esse desvio não é a censura que reprime, mas o ideal do eu que exalta, guia e encerra a capacidade plástica da pulsão (1991, p. 86).

Ocorre, porém, como nos indica Freud em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914/1980), que a formação de um ideal do eu não se confunde com a sublimação da pulsão, pois um “homem que tenha trocado seu narcisismo para abrigar um ideal elevado do eu, nem por isso foi necessariamente bem sucedido em sublimar suas pulsões libidinais” (p. 112). E acrescenta:

É verdade que o ideal do eu exige tal sublimação, mas não pode fortalecê-la; a sublimação continua a ser um processo especial que pode ser estimulado pelo ideal, mas cuja execução é inteiramente independente de tal estímulo (p. 112).

² *Les activités sublimées peuvent être soit intensément valorisées par le groupe social d'appartenance, soit ignorées par lui, soit rejetées et condamnées. Le critère qui en fera des sublimations ne peut tenir qu'à cette négociation interne du sujet avec son narcissisme et ses instances idéales.*

Freud também diferencia os processos de sublimação e idealização, na medida em que o primeiro está relacionado à pulsão, enquanto que o segundo tem a ver com o objeto. Freud enfatiza que a sublimação “diz respeito à libido objetal e consiste no fato de a pulsão se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual; nesse processo, a tônica recai na deflexão da sexualidade” (1914/1980, p. 111). Já a idealização “é um processo que diz respeito ao *objeto*; por ela, esse objeto, sem qualquer alteração em sua natureza, é engrandecido e exaltado na mente do indivíduo” (1914/1980, p. 111). Na idealização, o objeto está recoberto libidinalmente e opera como tampão, como ponto de fixação imaginária que reforça o narcisismo. Neste caso, está implicado o Eu Ideal, registro do narcisismo não atravessado pela castração. A sublimação, ao contrário, é marcada pela falta, pelo reconhecimento da inconsistência da Lei [Universo Simbólico], de sua falta de garantia, daquilo que não se recobre (AMBERTÍN, 2003).

Abordando a sublimação na vida afetiva, Sophie de Mijolla-Mellor (2012) mostra de que modo a presença do mecanismo sublimatório no interior de um afeto tão vasto como o amor permite distinguir diferentes manifestações, desde a ternura e a amizade até a caridade cristã. Embora a autora não trate especificamente sobre a amizade à luz da metapsicologia freudiana, dá a entender, em suas elaborações, o papel do processo sublimatório na constituição dos laços amistosos.

Na sublimação a meta não vai se encontrar revertida em seu contrário como na formação reativa, mas modificada/adaptada, sendo o exemplo mais banal a transformação da pulsão sexual em amor dessexualizado, amizade, sentimento social. Aqui, a inibição da meta sexual, presente no processo sublimatório, difere da simples reversão a seu contrário, uma vez que a última supõe, no plano econômico, uma defesa de energia libidinal para assegurar um contrainvestimento da pulsão. Já a inibição, enquanto atenuação da característica sexual da meta, parece um mecanismo mais flexível, de intensidade variável e que permite um certo dispêndio libidinal mediante as transformações de meta que ela impõe, porém não se trata de uma mera filtragem de libido (MIJOLLA-MELLOR, 2012).

Nos *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1980), Freud indica que o processo sublimatório tem início no período de latência sexual da infância (após os cinco anos de idade até antes da puberdade), momento em que os mecanismos inibitórios atuam como forças psíquicas, “diques”, cuja função é limitar o curso da pulsão sexual (LIMA e MARTINS, 2011). Tais forças se expressariam sob diversas modalidades, como “a repugnância, os sentimentos de vergonha e as exigências dos ideais estéticos e morais” (FREUD, 1905/1980, p.

181), durante o período de latência. Nesse período, a atividade dos impulsos sexuais infantis não cessa,

embora sua energia seja desviada, no todo, ou em grande parte, de seu uso sexual e dirigida para outras finalidades. Os historiadores da civilização parecem unânimes em admitir que poderosos componentes são adquiridos para toda espécie de realização cultural por este desvio das forças pulsionais sexuais dos objetivos sexuais e sua orientação para objetivos novos – processo que merece o nome de “sublimação” (1905/1980, p. 182).

Como observa Santiago (2005), os poderosos componentes inibitórios adquiridos, que são as forças psíquicas já mencionadas (repugnância, vergonha e moral), reforçam a sublimação ou consolidam o processo de inibição da pulsão quanto ao seu objetivo. A inibição trabalharia a serviço da sublimação, em certa medida. Durante o período de latência, as forças inibitórias não apenas se formam, mas agem para conter a pulsão sexual que escapa ao processo de sublimação. Desse modo, a função da inibição sexual auxilia o processo de dessexualização do pensamento, assim como ocorre na sublimação.

No mesmo texto, Freud afirma que a escolha de um objeto é um processo difásico, isto é, que ocorre em duas ondas: a primeira delas inicia entre as idades de dois e cinco anos, é interrompida ou regredida durante o período de latência e se caracteriza pela natureza infantil dos objetivos sexuais; a segunda onda começa com a puberdade e determina o resultado da vida sexual. As resultantes da escolha de objeto infantil ou permanecem como tais ou são revividas na época da puberdade. No entanto,

em consequência do recalque que se desenvolveu entre as duas fases, revelam-se inutilizáveis. Seus objetivos sexuais se atenuam e agora representam o que pode ser descrito como “corrente afetiva” da vida sexual. Só a investigação psicanalítica pode mostrar que atrás desta afeição, admiração e respeito estão ocultos os velhos anseios sexuais das pulsões parciais infantis, que agora se tornaram inúteis. A escolha de objeto do período puberal é obrigada a abrir mão dos objetos da infância e começar de novo como uma “corrente sensual”. Se estas duas correntes deixarem de convergir, o resultado frequentemente é que um dos ideais da vida sexual, a concentração de todos os desejos num único objeto, será inatingível (1905/1980, p. 206).

A partir do trecho supracitado, Mijolla-Mellor (2012) ressalta que a sublimação, no período de latência, concerne ao amor edipiano em todos os casos. Sobre os sentimentos ternos derivados para a criança de uma libido incestuosa inibida em sua meta, Freud considera os sentimentos daí decorrentes como “sublimados”, mas é a operação de recalque que é determinante. A sublimação, nesse caso, limita-se a uma atenuação, o que significa que a meta

sexual não procura mais se realizar e se contenta com sucedâneos ou metáforas. Esta aproximação da sublimação em termos de uma dessexualização parcial pareceria pobre e mecanicista, restrita a um esquema de descarga pulsional. Contudo, a inibição da realização para o ato sexual está bem longe de uma diminuição e oferece, antes, as condições de um renascimento ou de um prolongamento erótico. O amor cortês e o erotismo em geral mostram como essa inibição reforça o desejo. Mais do que uma atenuação, é uma renúncia total que caracteriza a ternura, se considerarmos (mais do lado dos pais do que da criança) que aos pais retorna a tarefa e a capacidade de impor à criança o recalçamento dos desejos incestuosos partilhados, do mesmo modo que lhes foi imposto, a seu tempo, por seus próprios pais.

Tendo em conta as correntes terna e sensual, descritas por Freud, Jean-Louis Baldacci (2007) considera que, estando o fantasma e a sexualidade infantil de um lado e a ternura do outro, essas duas correntes podem, em parte, se reunir em “amar e ser amado”, eventualmente seladas pela genitalidade. Apenas uma parte das pulsões estão concernidas pelo destino da dessexualização. Outras são, com efeito, satisfeitas ou modificadas no caminho e outras não. Aquelas que não são satisfeitas ou que escapam à reversão e à transformação encontram um outro processo para evitar a descarga, que é a “inibição de alvo”, a qual condensa inibição propriamente dita e “desvio”. O desvio vai alimentar a epistemofilia, pela dessexualização, e a criatividade, do lado da sexualização. Pulsões ligadas, pulsões desviadas e pulsões inibidas são diferentes destinos que, desde cedo, implicam o objeto e o grupo em uma experiência compartilhada, em torno dos “motivos morais”.

Em *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/1980), Freud reforça que as pulsões inibidas em seus objetivos conservam alguns de seus objetivos sexuais originais, pois “mesmo um devoto afetuoso (...), um amigo ou admirador, desejam a proximidade física e a visão da pessoa que é agora amada apenas no sentido ‘paulino’ (...)” (p. 174). Para Freud, “podemos identificar nesse desvio de objetivo [meta] um início de *sublimação* das pulsões sexuais ou, por outro lado, podemos fixar os limites da sublimação em algum ponto mais distante” (p. 174). Em seguida, assevera que as pulsões inibidas em seu objetivo [meta] possuem uma grande vantagem funcional em relação às pulsões desinibidas:

Desde que não são capazes de satisfação realmente completa, acham-se especialmente aptas a criar vínculos permanentes, ao passo que as pulsões diretamente sexuais incorrem numa perda de energia sempre que se satisfazem e têm de esperar serem renovadas por um novo acúmulo de libido sexual (p. 174).

Ademais, as pulsões inibidas são capazes de se mesclar com as desinibidas e podem ser novamente transformadas em desinibidas, tal como foram originadas. É desse modo que os desejos eróticos se desenvolvem facilmente a partir de relações de caráter amistoso e, inversamente, que impulsos diretamente sexuais de pequena duração se transformem em um laço permanente, puramente afetivo.

Kamieniak e Kaswin-Bonnefond (2009) observam que, em Freud, a inibição quanto à meta tem em conta o objeto em detrimento da satisfação, dando origem aos sentimentos sociais de ternura, afeição e amizade. No entanto, para as autoras, resta compreender o que aciona esta inibição específica da satisfação, tendo em vista que o recalque não é a causa da inibição de meta, pois a pulsão se poupa do recalque graças a este destino particular.

Em seu estudo sobre Freud e a Sublimação, França Neto (2007) pontua que é difícil definir a posição freudiana sobre o que aconteceria com os impulsos sexuais na sublimação, uma vez que, em alguns momentos, fala em “inibição”, em outros, em “desvio” (ou mudança) do alvo [meta] que, de forma alguma, são a mesma coisa:

Como é possível que a sublimação seja, ao mesmo tempo, inibição quanto à satisfação e desvio quanto à forma de satisfazer-se? Ou bem o impulso é inibido no que se refere à sua satisfação, ou bem ele continua sua busca, apesar de desviado. Ou bem a satisfação é inibida, ou bem ela se processa, apesar de que por outras vias (2007, p. 42).

Além disso, para França Neto (2007), se o processo sublimatório exige que uma parcela de satisfação sexual direta também ocorra, a inibição implicaria uma exclusão desse fator fundamental que envolve a sublimação. Ou seja, para que a sublimação persista enquanto processo, é necessário que algo na inibição quanto ao alvo [meta] falhe. Na hipótese extrema em que as pulsões estejam inibidas em seu objetivo, o processo se congela e a sublimação deixa de existir enquanto movimento.

Sobre essa questão, Laplanche (1989) ressalta que entre a satisfação sexual direta e a chamada meta “sublimada” haveria uma etapa intermediária, designada como “inibição quanto à meta”, “na qual a sequência que ela representa seria interrompida, freada” (p. 15). É nesse ponto que Freud invoca essa inibição da meta para explicar os laços de ternura ou apego como relações que podem “adquirir consistência à margem de toda e qualquer satisfação abertamente sexual” (p. 15). Assim é que na ternura, seja no amor platônico, na amizade ou mesmo nas relações afetivas no seio da família, a “meta principal, que é a satisfação sexual, vê-se inibida e substituída por metas quer preliminares, quer circunstanciais, que vêm mascarar sua não-realização” (p. 101). O que resta nesse processo, para Laplanche, “é a persistência do próprio

objeto” (p. 101), pois “a inibição quanto à meta talvez seja uma via para a sublimação, mas não é a sublimação; talvez seja apenas, no máximo, uma certa etapa nesse caminho” (p. 101). Além disso,

não se trata simplesmente de substituir uma meta por outra num movimento pulsional que, em seu conjunto, continuaria o mesmo; no sublimado não sobra *nem* a meta *nem* o objeto *nem* mesmo a fonte da pulsão, de sorte que se presume reencontrarmos finalmente só a “energia sexual”; mas uma energia sexual... ela mesma “dessexualizada”, desqualificada, posta a serviço de atividades não-sexuais (1989, p. 101).

A observação de Laplanche de que a inibição quanto à meta talvez seja “uma via para a sublimação” ou “apenas uma certa etapa nesse caminho” ilumina a questão que ora nos colocamos, no que concerne à amizade na perspectiva freudiana. Se nos textos iniciais Freud fala dos sentimentos de ternura como decorrentes de uma “espécie de sublimação”, após o recalque do desejo incestuoso, mais adiante indica que as pulsões inibidas quanto à meta “prescindem serem descritas como sublimadas, embora estejam estreitamente relacionadas”, deixando claro que inibição e sublimação são dois processos distintos, ainda que relacionados. Na constituição dos laços sociais, incluindo a amizade, restaria uma satisfação atenuada que, por isso mesmo, conduziria à construção de laços firmes e permanentes entre os seres humanos. Tratar-se-ia, aqui, do mecanismo de inibição, sem que necessariamente a sublimação venha a desempenhar algum papel, já que haveria na amizade uma “persistência do objeto”?

Mas Freud também afirma que o limite do mecanismo de sublimação favorece o surgimento das forças inibitórias e que podemos identificar no desvio de objetivo “um início de *sublimação* das pulsões sexuais” ou “fixar os limites da sublimação em algum ponto mais distante”. Mais do que apontar contradições em tais enunciados ou tentar identificar qual dos processos surge primeiro: inibição ou sublimação, pensamos que a sublimação também está envolvida na constituição e manutenção dos laços de amizade, dada a sua relação com o processo de inibição. Pois, com Baldacci (2007), vimos que as pulsões ligadas, desviadas e inibidas são diferentes destinos que, desde cedo, implicam o objeto e o grupo em uma experiência compartilhada, podendo a amizade estar aí incluída.

Laplanche (1989) avalia que “as verdadeiras sublimações são ‘precoces’, como Freud nos deu a entender, especialmente a propósito dessa sublimação particularmente sólida que é a intelectualidade de Leonardo [da Vinci]” (p. 91), sendo necessário “conceber a sublimação como algo que se produz no próprio momento do surgimento da excitação sexual, no tempo da pulsão parcial sexual” (p. 91). No entanto, como ressalta o autor, convém substituir a qualificação de “precoce” por “originária”, para não impor a ideia de que as sublimações só

ocorrem nos primeiros anos de vida e admitindo-se que a pulsão sexual não é dada de uma vez por todas, mas que há no ser humano capacidade “de criar sem cessar, perto da origem, o sexual, a partir de toda espécie de abalos exteriores, a partir do *novo*, em relação ao qual o trauma representa apenas o mais dramático paradigma” (p. 91). Se parece evidente haver uma diminuição da atividade sexual naquele que se entrega a uma atividade sublimada, é preciso considerar que, por vezes, a sublimação vai em sentido oposto ao da sexualidade, porém, outras vezes, ao contrário, as duas complementam-se, o que sugere que “a sublimação pode estar vinculada a uma espécie de neogênese da sexualidade” (p. 92).

A esse propósito, Daniel Lagache (1984) considera que a participação do corpo na sublimação não se limita a uma metáfora, uma vez que o ato de pensar pode proporcionar uma satisfação global, um verdadeiro orgasmo, ao contrário do que ocorre no sentimento de “anestesia dolorosa” da neurose obsessiva. Para ele, há na sublimação um gozo de interesse, de funcionamento e de realização. Capturado pelo objeto, o sujeito se esquece de si mesmo e alcança uma plenitude tal que não corresponde a um prazer preliminar. Para Mijolla-Mellor (2012) um gozo assim não seria um puro dispêndio libidinal, mas, por meio de um tipo de neogênese, seria um criador de energia. Assim, longe de esgotar a fonte libidinal, a sublimação a manteria, assegurando uma espécie de neogênese da energia sexual. Na neurose obsessiva, inversamente, a coexcitação sexual vem enterrar o trabalho intelectual, o que confirma a distância entre intelectualização defensiva e a sublimação, como hipotetiza Lagache.

Freud ainda propõe que os laços sociais e a amizade resultam de uma sublimação das pulsões homossexuais. Em *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo* (1922/1980), Freud aponta a conexão entre o “sentimento social”, a sublimação de uma escolha de objeto homossexual (narcísica) e uma libido homossexual não recalçada:

À luz da psicanálise, estamos acostumados a considerar o sentimento social como uma sublimação de atitudes homossexuais para com objetos. Nos homossexuais com acentuados interesses sociais pareceria que o desligamento do sentimento social da escolha de objeto não foi inteiramente efetuado (p. 281).

Mijolla-Mellor (2012, 2013) indaga se o fato de a libido homossexual só ser sublimada sob a forma de um laço social nos autoriza a considerar que a meta e o objeto da libido tenham fundamentalmente mudado. Em termos de economia libidinal, haveria uma distribuição de investimento, de modo que uma parte da libido homossexual permaneceria ligada aos objetos sexuais, enquanto outra, sendo sublimada, efetuaría as escolhas afastadas das posições objetais

iniciais que se tornaram inconscientes. É precisamente a natureza do objeto que se encontra em causa quando os “sentimentos sociais” estão endereçados a um só sexo ou a apenas uma categoria de indivíduos, o que leva a autora a questionar se o papel da sublimação é, de fato, determinante nesse caso. Diante da possibilidade de ressexualização de um interesse aparentemente não sexual, observa-se que a escolha de objeto permanece inalterada, sendo apenas a meta que se modifica. Todavia, se o “sentimento social” se mostra passível de se estender mais amplamente para investir em ações de ordem humanitária ou filantrópica sem relação com o objeto inicial da escolha sexual, podemos considerar que a sublimação toca o objeto da pulsão. Assim, para Mijolla-Mellor, o fator econômico na análise metapsicológica se formularia em termos de distância, do seguinte modo: quanto mais distante a origem sexual, mais estaremos na parte sublimada das pulsões, embora tal critério não diga nada quanto ao processo sublimatório em si mesmo.

No campo da sociologia, Daniel Welzer-Lang (2001) analisa a construção da masculinidade, considerando as relações entre homens. Segundo ele, quando as crianças do sexo masculino deixam o “mundo das mulheres” e começam a se reagrupar com outros meninos de sua idade é comum que atravessem uma “fase de homosociabilidade”, na qual “os pequenos homens se iniciam mutuamente nos jogos do erotismo” (p. 462), como comparar o tamanho do pênis, brincar de quem urina mais longe e maratonas de masturbação. Com os mais velhos, aprendem que para “ser homem” é preciso se distinguir das mulheres e das crianças, o que significa aceitar o sofrimento e a dor, entrar em uma luta amigável ou não tão amigável com os outros para se mostrar “viril” e assim ganhar o direito de estar entre os homens. A “homosociabilidade” não faz deles homossexuais (para si mesmos e entre o próprio grupo), constituindo-se mais como um “rito de passagem”, que acaba produzindo homofobia e conferindo-lhes poder e domínio não apenas em relação às mulheres, mas também sobre os homens que não se enquadram nos rígidos padrões de masculinidade e são, por esta razão, associados a elas [mulheres] ou a seus equivalentes simbólicos [os homossexuais], parecendo-lhes lícito, inclusive, o exercício da violência contra esses grupos.

Vale lembrar que nos *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1980), Freud sublinha que a atividade muscular exercida nas brincadeiras de luta corporal entre colegas traz excitação genital, ao contato com a pele do oponente, e que tanto as lutas físicas quanto as disputas verbais sinalizam “que se está diante da escolha de objeto” (p. 209). Aproximando essa questão ao nosso tema de estudo, destacamos que na adolescência masculina tais brincadeiras são corriqueiras e podem tomar proporções inusitadas de violência. Por outro lado, a partir da

história de Diego, um de nossos entrevistados, pensamos que uma amizade não se constitui apenas de ternura e que pode, inclusive, nascer da violência, tanto pela capacidade de sublimar as pulsões homoeróticas quanto pela identificação com o oponente, nesse caso, pelo traço de força e virilidade, como mostraremos adiante, na análise e discussão dos resultados da presente pesquisa.

1.2 Freud com Empédocles: Pulsão de Vida e Pulsão de Morte, *Philía* e *Neikos*

O entrelaçamento entre amizade e violência, que caracterizou fortemente as relações do jovem Diego com seus amigos, suscitou a necessidade de examinarmos, brevemente, como essa questão pode ser pensada, com Freud, a partir da segunda teoria das pulsões, inspirada, segundo o próprio Freud, no par de opostos teorizado por Empédocles de Agrigento (490 a.C. a 430 a.C.).

Em sua teoria cosmogênica, Empédocles entendia o universo como o resultado de quatro elementos ou raízes: a água, o ar, a terra e o fogo, que seriam governados pelo princípio de isonomia, não sendo nenhum deles, portanto, mais importante ou mais primitivo que os demais. A diversidade das coisas resultantes dos quatro elementos adviria de sua mistura em diferentes proporções. Quanto ao movimento, existiriam duas forças cósmicas que, respectivamente, causariam a união e a separação desses elementos: o Amor ou Amizade (*Philía*) e o Ódio ou Discórdia (*Neikos*). *Philía* e *Neikos* conviveriam em um processo cíclico e permanente, oscilando entre a máxima junção – obra do Amor/Amizade, e da máxima separação – obra do Ódio/Discórdia (OS PRÉ-SOCRÁTICOS, 1996). Nesse processo não haveria uma síntese, mas uma tensão constante de forças que nunca terminariam de se superar, porque jamais cessam de recomeçar (ALMEIDA, 2007).

Freud descobriu Empédocles a partir da leitura do livro de Wilhelm Capelle, *Die Vordokraiker* [Os Pré-Socráticos], como dá a entender em *Análise Terminável e Interminável* (1937/1980), texto no qual faz referência direta ao filósofo. Posteriormente, em *Esboço de Psicanálise*, Capítulo II: A Teoria das Pulsões (1940 [1938]/1980), Freud também se refere a Empédocles, em uma nota de rodapé. No primeiro texto, afirma:

Estou bem cômico de que a teoria dualista, segundo a qual uma pulsão de morte ou de destruição ou agressão reivindica iguais direitos como sócia de Eros, tal como este se manifesta na libido, encontrou pouca simpatia e na realidade não foi aceita, mesmo entre psicanalistas. Isso me deixou ainda mais satisfeito quando, há muito tempo atrás, me deparei com essa teoria de minha autoria nos escritos de um dos maiores pensadores da antiga Grécia. Estou

prontíssimo a ceder o prestígio da originalidade em favor de tal confirmação, em especial porque nunca pode ficar certo, em vista da ampla extensão de minhas leituras nos primeiros anos, se aquilo que tomei por uma nova criação não constituía um efeito da criptoamnésia (1937/1980, p. 278).

E fala sobre a estreita aproximação entre as duas teorias, que não seriam “idênticas” apenas por ser a teoria de Empédocles uma “fantasia cósmica”:

Mas a teoria de Empédocles que merece especialmente nosso interesse é uma que se aproxima tanto da teoria psicanalítica das pulsões, que ficaríamos tentados a sustentar que as duas são idênticas, não fosse pela diferença de a teoria do filósofo grego ser uma fantasia cósmica, ao passo que a nossa se contenta em reivindicar validade biológica. Ao mesmo tempo, o fato de Empédocles atribuir ao universo a mesma natureza animada que aos organismos individuais despoja essa diferença de grande parte de sua importância (1937/1980, p. 279).

Para Freud (1937/1980), os dois princípios fundamentais de Empédocles – *Philia* e *Neikos* – eram, em nome e em função, os mesmos que as pulsões primevas por ele concebidas: *Eros e destrutividade*. Enquanto Eros “se esforça por combinar o que existe em unidades cada vez maiores” (p. 280), a segunda “se esforça por dissolver essas combinações e destruir as estruturas a que elas deram origem” (p. 280). Freud destaca que, evidentemente, após dois milênios e meio, a teoria de Empédocles havia sofrido algumas alterações: além da imposição de circunscrevê-la ao campo biofísico, os quatro elementos de Empédocles não eram mais considerados como “substâncias fundamentais”, o ser vivo já era “nitidamente diferenciado do que é inanimado” (p. 280) e não mais se pensava “em mistura e separação de partículas de substância, mas na solda [fusão] e na desfusão dos componentes pulsionais” (p. 280). Além disso, conferindo um fundamento biológico ao princípio de Discórdia [*Neikos*], faz a pulsão de destruição remontar à pulsão de morte, “ao impulso que tem o que é vivo a retornar a um estado inanimado” (p. 280) ou inorgânico.

Com base nos escritos de Jean Bollack sobre a obra de Empédocles, Graziella Nicolaidis (2009) destaca o “poder criador” do *Neikos*. Discórdia e Amizade seriam apenas a negação e o duplo de um mesmo princípio dividido. O mundo nasce e subsiste graças a *Neikos*, força negativa, e por isso mesmo, criativa, sem a qual só haveria Um. A Discórdia não é pensada como a desordem total. Opondo-se à Amizade, produz seus cataclismos, mas assim suscita a atividade da *Philia* para recriar a ordem do mundo. Nessa perspectiva, a Discórdia não representa o “mal” e é de sua atuação conjunta com a Amizade, ou do “equilíbrio” entre as duas forças, que provém a beleza e a ordem do mundo.

Em *Por que a guerra?* (1933 [1932]/1980), na carta endereçada a Einstein, Freud, na esteira de Empédocles, mas desta vez sem citá-lo, coloca que os dois tipos de pulsão – uma erótica e a outra agressiva ou de destruição – são igualmente essenciais e é da “ação confluyente ou mutuamente contrária” (p. 252) de ambas que surgem os fenômenos da vida. Ademais,

é como se uma pulsão de um tipo dificilmente pudesse operar isolada; está sempre acompanhada – ou, como dizemos, amalgamada – por determinada quantidade do outro lado, que modifica o seu objetivo, ou, em determinados casos, possibilita a consecução desse objetivo. Assim, por exemplo, a pulsão de autopreservação certamente é de natureza erótica; não obstante, deve ter à sua disposição a agressividade, para atingir seu propósito. Dessa forma, também a pulsão de amor, quando dirigida a um objeto, necessita de alguma contribuição da pulsão de domínio, para que obtenha a posse desse objeto (p. 252).

Antes, em *O problema econômico do masoquismo* (1924/1980), Freud enuncia que “jamais temos de lidar com pulsões de vida puras ou pulsões de morte puras, mas apenas com misturas delas, em quantidades diferentes” (p. 205), a partir de “uma fusão e amalgamação muito ampla, em proporções variáveis, das duas classes de pulsões” (p. 205). Em seguida, diz poder existir, sob determinadas influências, uma defusão das pulsões, não sendo possível “imaginar a extensão das partes das pulsões de morte que se recusaram a ser amansadas assim, por estarem vinculadas a misturas de libido” (p. 205).

Laplanche (1989) propõe pensarmos nas pulsões de vida e de morte funcionando, respectivamente, segundo o regime de energia ligada e o de energia livre ou não-ligada, de forma que teríamos a síntese contra a anti-síntese. Nesse caso,

quando se opõe síntese e anti-síntese *não se tem uma simetria*; as duas pulsões não estão no mesmo plano, visto que a pulsão de morte é não só a antipulsão de vida mas, ao mesmo tempo, *é o princípio que impede a união entre ela própria e a pulsão de vida* (1989, p. 122).

Assim, para o autor, na pulsão de morte, tanto quanto no princípio de Discórdia, de Empédocles, há uma espécie de heterogeneidade radical do funcionamento não-ligado (energia livre), no sentido de uma energia que corre para a desorganização. Esse elemento de heterogeneidade radical “faz com que o não-ligado seja não só o inimigo do ligado, (...) mas igualmente o inimigo de sua própria fusão com o ligado” (p. 123).

Jacques Lacan, por sua vez, recusa o dualismo pulsional e entende que só existe uma pulsão, que é a pulsão de morte, a qual contém as pulsões de vida, de autoconservação, sexuais e gregárias. Em sua releitura da teoria freudiana, Lacan retira da pulsão de morte seu

fundamento biológico, de retorno ao estado inorgânico, conferindo-lhe uma dimensão ontológica, na medida em que presume um conflito originário, uma ausência de identidade no começo do processo subjetivo. A pulsão de morte representa a síntese do próprio conceito de pulsão: força da contradição e da negatividade, que permite pensar a linguagem, o ser, o desejo. Apoiada na sublimação, a pulsão de morte possibilita os processos criativos. A destrutividade, a violência, não provêm diretamente da pulsão de morte, mas são efeitos da defusão pulsional (DUNKER, 2017).

De uma forma ou de outra, podemos pensar que as pulsões ligadas ou fusionadas são produtoras de modos criativos de vínculo, como a amizade. É o que buscaremos desenvolver a seguir.

1.3 Sublimação e Pulsão de Morte

Nosso campo de pesquisa, fortemente identificado por manifestações de violência contra o outro, nas mais diversas e extremas modalidades, convoca-nos a enfrentar a questão que se desdobra do caminho aberto por Freud em suas reflexões finais, sobre a capacidade da pulsão de morte de aliar-se a Eros em um movimento construtivo, qual seja: é possível sublimar a pulsão de morte?

Em 1937, na carta endereçada a Marie Bonaparte, Freud explicita que a pulsão de vida e a pulsão de morte podem se unir e se combinar, tornando possível a sublimação parcial da pulsão agressiva ou de destruição. Já a sublimação completa da pulsão agressiva ou de destruição poderia advir do “impulso de investigação”:

A “sublimação” é um conceito que contém um juízo de valor. Na verdade significa a aplicação a outro campo em que são possíveis realizações socialmente mais valiosas. Deve-se então admitir que desvios semelhantes do objetivo de destruição e exploração para outras realizações são demonstráveis em ampla escala no tocante à pulsão de destruição. Todas as atividades que reorganizam ou efetuam mudanças são em certa medida destruidoras e assim desviam uma porção da pulsão de seu objetivo destruidor original. Mesmo a pulsão sexual (...) não pode atuar sem alguma medida de agressividade. Portanto, na combinação regular das duas pulsões há uma sublimação parcial da pulsão de destruição. Pode-se por fim considerar a curiosidade, o impulso de investigar, como uma completa sublimação da pulsão agressiva ou de destruição. Também na vida do intelecto a pulsão alcança uma elevada importância como motor de toda discriminação, negação e condenação (FREUD *apud* JONES, 1989, p. 449-450).

Haveria, então, uma parte da pulsão de destruição não afeita ao processo sublimatório? Anteriormente, em *O problema econômico do masoquismo* (1924/1980), a pulsão de destruição é concebida como pura emanção da pulsão de morte, mas já tendo passado por uma derivação pelo encontro com a libido que a carrega para o exterior:

A libido tem a missão de tornar inócuo o instinto destruidor [a pulsão de destruição] e a realiza desviando esse instinto [pulsão], em grande parte, para fora – e em breve com o auxílio de um sistema orgânico especial, o aparelho muscular – no sentido de objetos do mundo externo. O instinto [pulsão] é então chamado de instinto destrutivo [pulsão de destruição], instinto de domínio [pulsão de domínio] ou vontade de poder (p. 204).

Se a pulsão de morte é, em seu fundamento, pulsão de “nada”, um voltar para trás no sentido da cessação da excitação, da vida, como podemos pensar as passagens ao ato violentas, que visam ao domínio do outro, à destruição da alteridade?

Para Mijolla-Mellor (2013), no cenário teórico do segundo dualismo pulsional, a pulsão de domínio derivada da pulsão de morte pela ação de Eros em direção aos objetos externos demanda ao sujeito esse além da vida que vai lhe permitir caçar e matar. Tratar-se-ia mais de uma pulsão de assassinato ou de destruição do que de uma pulsão de morte, uma vez que o último termo, em seu sentido estrito, “só conviria ao masoquismo originário, silencioso e subtraído a qualquer espécie de observação” (n.p, *tradução nossa*³). Sublimar a pulsão de destruição implica que o processo sublimatório não se aplica ao material libidinal ligado a Tanatos, mas ao que ocorreu nele em função da ação de Eros. A autora indaga, assim, se a pulsão de destruição, colocada a serviço de um amplo espectro de atividades, seja no controle muscular do próprio corpo, seja no domínio do objeto com vistas à sua utilização, e não à sua destruição, seria, de fato, uma sublimação.

Em *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]/1980) Freud se refere a uma “agressividade não sexual”, que não é sádica nem masoquista, mas que só pode ser observada a partir das manifestações de Eros:

Sei que no sadismo e no masoquismo sempre vimos diante de nós manifestações do instinto destrutivo [pulsão de destruição] (dirigidas para fora e para dentro), fortemente mescladas ao erotismo, mas não posso mais entender como foi que pudemos ter desprezado a ubiquidade da agressividade e da destrutividade não eróticas e falhado em conceder-lhe o devido lugar em nossa interpretação da vida. (O desejo de destruição, quando dirigido *para dentro*, de fato foge grandemente à nossa percepção, a menos que esteja revestido de erotismo.) (p. 142).

³ (...) *ne conviendrait qu'au masochisme originaire, silencieux et soustrait à toute d'observation.*

Mais adiante, no mesmo artigo, Freud diz que mesmo quando a pulsão de morte “surge sem qualquer intuito sexual, na mais cega fúria de destrutividade” (p. 144), estaria vinculada à libido narcísica, por “presentear o ego com a realização de antigos desejos de onipotência” (p. 144). A pulsão de destruição, assim moderada e domada, isto é, inibida em sua meta, quando dirigida a objetos deve “proporcionar ao ego a satisfação de suas necessidades vitais e o controle sobre a natureza” (p. 144). Não fica claro se Freud considera indiferente que a sublimação das pulsões agressivas ou de destruição se dê, a partir da mediação do Eu, por uma dessexualização ou por um investimento de libido narcísica que, por meio da identificação, possibilitaria o narcisismo secundário, retirado dos objetos. No entanto, Mijolla-Mellor (2013, 2015) comenta que na agressão erotizada, não se trata de uma dessexualização, mas de uma libido de outra natureza. Nesse caso, estamos diante de uma pulsão de morte aliada ao Eros narcísico que retorna em direção ao mundo externo, cujo objetivo continua sendo uma atividade de fragmentação destinada a destruir toda vida ou todo movimento, mas que vai, graças ao processo sublimatório, aplicar-se em um número infinito de domínios de construção da vida.

Com tais formulações em perspectiva e considerando nosso foco de investigação, aventamos dois caminhos para a saída sublimatória das pulsões de destruição, que evidentemente não se excluem: a) pela inibição da meta (para Freud, “uma espécie de sublimação”), que conduz à dessexualização do objeto, tornando possível, por exemplo, o investimento em atividades do pensamento ou artísticas, como a atividade de música em que estavam envolvidos os jovens da presente pesquisa; e b) pelo investimento da libido narcísica que, direcionada aos objetos externos por meio dos processos identificatórios, poderá constituir os laços de amor e de amizade.

Retomando a carta de Freud a Marie Bonaparte, Mijolla-Mellor (2015) observa que, também aí, a pulsão de morte aparece em relação com uma atividade construtiva, a partir de Eros, uma vez que a destruição supõe a presença, ao menos virtual, de um elemento novo que se estabelecerá nos escombros. No campo pulsional, não é possível pensar no surgimento separado e sucessivo de uma destruição e de uma construção. Se elas não estiverem ligadas desde o início, não estaremos lidando com uma atividade de transformação, mas com uma erotização sadomasoquista da pulsão de morte, que se manifesta, ao contrário, pela pregnância de uma repetição estéril. A sublimação da pulsão de destruição supõe, pois, que uma parte da energia mortífera seja destacada e ligada a uma atividade de Eros. A meta pulsional é não apenas distanciada da meta original, mas lhe é até mesmo oposta. Um laço a mais é adicionado no caminho que conduzia à morte, graças a uma verdadeira derivação da pulsão. Para a autora, o

sentido dessa transformação, oposta à repetição, limita e, portanto, aumenta a eficácia teórica da noção de uma sublimação da pulsão de destruição.

Em *O Eu e o Id* (1923/1980), Freud presume a existência de “uma energia deslocável, a qual, neutra em si própria, pode ser adicionada a um impulso erótico ou destrutivo” (p. 59), embora as pulsões eróticas sejam mais plásticas e, por conseguinte, mais facilmente desviadas e deslocadas que as pulsões destrutivas. Se essa energia “deslocável” e “neutra” (indiferente) “é libido dessexualizada, ela também pode ser descrita como energia *sublimada*, pois ainda reteria a finalidade principal de Eros – a de unir e ligar” (p. 61). Por outro lado, as pulsões de morte são mudas e “o clamor da vida procede, na maior parte, de Eros” (p. 62). Resta que a pulsão de morte, em si, não é sublimável e a saída sublimatória só pode ser aplicada a partir do componente erótico que a manifesta.

Lacan (1959-1960/1997) indica que a “pulsão, como tal, e uma vez que é então pulsão de destruição, deve estar além da tendência ao retorno ao inanimado” (p. 259), e não seria, senão, uma vontade de destruição direta. E se “tudo o que é imanente ou implícito na cadeia dos acontecimentos naturais pode ser considerado como submetido a uma pulsão dita de morte, é somente na medida em que há a cadeia significante” (p. 259). O que Freud articula como pulsão de destruição põe em causa tudo o que existe e é, além de uma vontade de destruição direta, “vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar” (p. 260).

A pulsão de morte não adstrita à sublimação, irrepresentável, vertente inassimilável do traumatismo, da castração, corresponde à dimensão do *real*, em Lacan. Em sua paradoxalidade, esse “nada” pode ser pensado como um “princípio” fundador de todos os começos, uma possibilidade de criação. No *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1985), Lacan se utiliza das noções de *Tiquê* e *Autômaton*, retiradas da Teoria das Causas, de Aristóteles, para distinguir duas modalidades da *repetição*. A *tiquê* diz respeito à repetição do trauma, da marca primeira, do impossível de simbolizar, e é por ele traduzida como o “encontro do real” (p. 56), encontro faltoso, que lança o sujeito à tentativa (repetição), sempre fracassada, de reencontrar o objeto perdido. O *autômaton* indica o retorno, “a insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer” (p. 56), ou seja, refere-se ao princípio da cadeia simbólica.

A repetição, índice e indicador do real, produz e promove a organização simbólica e permanece, em segundo plano, em todas as escapatórias imaginárias (CHEMAMA e VANDERMERSCH, 2007). Como diz Lacan (1964/1985), o real “vige sempre por trás do *autômaton*” (p. 56). A repetição “demanda o novo (...) se volta para o lúdico, que faz, desse

novo, sua dimensão” (p. 62), mas tudo o que varia e modula, na repetição, “é apenas alienação de seu sentido” (p. 62). As atividades, o jogo, as brincadeiras, são deslizamentos que velam “o verdadeiro segredo do lúdico, isto é, a diversidade mais radical que constitui a repetição em si mesma” (p. 62).

Uma frase de Lacan, contida no *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11* (1976/2003), remete-nos diretamente ao tema central de nosso estudo. Ao se referir à instância real do inconsciente, enuncia: “Não há amizade que esse inconsciente suporte” (p. 567). O que isto quer dizer, senão que o real (ou a pulsão de morte refratária à sublimação) não faz laço social, não faz amizade? Os enlaces com o outro e, portanto, a amizade, constituem as dimensões simbólica e imaginária do inconsciente, a partir das quais podemos transformar o “insuportável” em alegria de viver, em “viver com”.

Abordaremos, doravante, a noção de amizade segundo a perspectiva de Donald W. Winnicott, o qual, tanto quanto Freud, oferece uma valiosa contribuição para o estudo da temática aqui proposta, porém, diferentemente dele, não recorre ao modelo pulsional e privilegia as primeiras experiências mãe-bebê, anteriores ao “complexo de Édipo”.

CAPÍTULO 2

DAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS MÃE-BEBÊ ÀS RELAÇÕES DE AMIZADE: CONTRIBUIÇÕES DE D.W. WINNICOTT

Na pessoa normal uma experiência altamente satisfatória como essa pode ser conseguida em um concerto ou no teatro ou em uma amizade que pode merecer um termo tal como o orgasmo do ego, que dirige atenção ao clímax e à importância do clímax.

Donald W. Winnicott, *A capacidade para estar só* (1958, p. 36)

Assim como Freud, Winnicott não desenvolveu um trabalho sistemático ou específico acerca da amizade, embora a ela se refira em alguns dos seus textos, a partir de elementos conceituais que consideramos fundamentais para compreendermos a gênese e a manutenção dos laços de amizade. O complexo pensamento de Winnicott, expresso em linguagem aparentemente comum, apresenta-se como uma rede de múltiplos fios interconectados, não sendo possível falar de um conceito sem que esteja articulado a outros. Assim, no presente Capítulo, o leitor encontrará noções ou conceitos que aparecem “antecipadamente” e que são aprofundados em item específico, e outros que são retomados. Inicialmente, abordamos alguns fenômenos presentes na relação primitiva do bebê com o agente materno (*ambiente*), como o *holding*, a *mutualidade*, o “relacionamento com o ego” ou *ego-relatedness* e a *capacidade de estar só na presença do outro*, buscando relacioná-los à constituição da amizade. Em seguida, apresentamos como se dá o estabelecimento de uma “área transicional” ou “espaço potencial”, com ênfase na articulação entre o brincar e a amizade. A questão da “destruição-sobrevivência” do objeto ganhou um item à parte, uma vez que tal dinâmica foi de substancial importância para a análise dos dados que emergiram do nosso campo de pesquisa. No mesmo item, ainda abordamos a “capacidade de se preocupar”, que se torna possível após a “destruição-sobrevivência” do objeto, e que permeia as relações interpessoais mais próximas, como a amizade. Por fim, considerando nossos “achados” de pesquisa – o “encontrado-criado” na/pela interpretação psicanalítica – propomos possibilidades de pensar o “espaço intermediário” quando a violência real permeia uma relação de amizade ou predomina em um “ambiente impiedoso”, levando ao que denominamos de (des)transicionalizações dos laços.

2.1 Do colo ao abraço: *holding*, *mutualidade*, *ego-relatedness* e *capacidade de estar só na presença do outro*

Para pensarmos o bebê winnicottiano nos estágios iniciais do processo de amadurecimento, é preciso considerar que, em face do indiscutível estado de “dependência absoluta” a que está submetido, bebê “é uma coisa que não existe” (WINNICOTT, 1952/1978, p. 208). O que há é um par ou unidade mãe-bebê, sendo a mãe ou agente materno sinônimo de ambiente e cuidado “suficientemente bom”. Neste momento, a relação entre o lactente e a mãe “é de vital importância e, no entanto, não deriva da experiência pulsional, nem da relação objetal que surge a partir da experiência pulsional. É anterior à experiência pulsional, ocorrendo, ao mesmo tempo, paralelamente a ela e misturando-se a ela” (WINNICOTT, 1952/1978, p. 206).

Em *Teoria do relacionamento paterno-infantil* (1960/1990), Winnicott designa como “fase de *holding*” – “sustentação confiável” – esse período no qual o bebê é completamente dependente dos cuidados maternos. Para ele, o termo *holding* significa “não apenas o segurar físico de um lactente, mas também a provisão ambiental total anterior ao conceito de *viver com*” (p. 44). A expressão “viver com”, conforme Winnicott, diz respeito às relações objetais, quando o bebê emerge do estado de estar fundido à mãe e já percebe os objetos como externos a ele próprio, como diferentes de si (eu e não-eu).

Winnicott, no texto em referência, enfatiza que a consistência da “provisão ambiental” implica a empatia materna. Se o *holding* inclui especialmente os cuidados físicos, não deixa de ser uma forma de amar, “possivelmente a única forma em que uma mãe pode demonstrar ao lactente o seu amor” (1960/1990, p. 49).

A existência/presença contínua e confiável da mãe é fundamental para oferecer suporte ao ego imaturo da criança e torná-la capaz de tolerar os momentos de não-integração, sem que isso represente perigo para sua continuidade pessoal. Conforme Klautau e Salem (2009), é do conjunto de cuidados necessários ao desenvolvimento do bebê, oferecidos pela mãe em seu estado de preocupação materna primária, que se estabelecerá a “capacidade de confiar”.

Confiar é antes de tudo confiar no ambiente, crer na permanência e na estabilidade de seu entorno. A emergência da confiança no início da vida da criança pode, nesse sentido, ser compreendida como um fenômeno dependente de interações regulares e contínuas que garantam a previsibilidade do seu contato primeiro com o ambiente (KLAUTAU E SALEM, 2009, p. 38).

Em 1969, Winnicott teoriza a experiência de “mutualidade” na relação mãe-bebê. Trata-se de uma comunicação silenciosa e íntima muito inicial, na qual as pulsões instintivas não se acham especificamente envolvidas, sendo o principal nessa comunicação entre o bebê e a mãe os movimentos de “corpos vivos”, tais como a respiração, os batimentos cardíacos ou o calor do seio. Ainda no estágio de dependência absoluta, no qual a mãe-ambiente é também uma parte do próprio bebê, essa comunicação dependerá tanto do potencial inato⁴ do bebê para o amadurecimento quanto da capacidade materna de se adaptar às necessidades da criança e de “tornar real aquilo que o bebê está pronto para alcançar, descobrir e criar” (1969/1994, p. 198).

O processo de alimentação pode ser acompanhado ou não desse tipo de comunicação. Isto só acontecerá quando se desenvolve uma situação de alimentação mútua, como ilustra Winnicott no exemplo seguinte:

(...) com doze semanas eles [os bebês] são capazes de brincar assim: instalado para mamar, o bebê olha para o rosto da mãe e a sua mão se levanta, de maneira que, de brinquedo, ele está amamentando a mãe por meio de um dedo que coloca na sua boca (1969/1994, p. 198).

Aqui, explicita Winnicott, a criança “dá de comer” e sua experiência “inclui a ideia de que a mãe sabe que é alimentada” (1969/1994, p. 198). Embora a comida conceda gratificação em termos pulsionais, a comunicação entre o bebê e a mãe é uma questão de experiência e depende da mutualidade que resulta das “identificações cruzadas”⁵.

Para Luiz Marcírio Kern Machado (2012), o jogo da alimentação mútua, ainda que apoiado na necessidade pulsional, vai além da realidade interna da pulsão e do desejo. O efeito produzido por essa experiência compartilhada de comunicação, mesmo que não intencionalmente, reassegura de que “algo que está sendo transmitido por uma conduta corporal está sendo recebido e correspondido por um gesto simultâneo e similar que demonstra um estado de plenitude e de prazer” (n.p). A mutualidade consiste, portanto, na demonstração de reciprocidade e de reconhecimento, como se o bebê, com seu corpo, dissesse à mãe que entendeu o desvelo que ela lhe dedicou nesse período inicial de sua vida e que deve assim continuar, pois está “indo bem”. É o que expressa Winnicott quando diz, em *A experiência mãe-bebê de mutualidade* (1969), que a “sustentação confiável” (*holding*) “é algo que precisa ser

⁴ Em Donald W. Winnicott, devemos entender o “potencial inato” nos processos de amadurecimento e na criatividade, por exemplo, não como mera capacidade biológica, mas como fator inerente à condição humana, no sentido de “estar vivo”.

⁵ “Os mecanismos de introjeção e projeção provêm o indivíduo da capacidade de se pôr no lugar do outro ou de se ver através do outro, que é o que Winnicott denomina identificações cruzadas” (Dias, 2007, p. 42).

comunicado, e isto é questão das experiências do bebê. [...] envolve a comunicação em termos físicos, dos quais a linguagem é a mutualidade na experiência” (p. 202).

Por seu turno, Plinio Montagna (2012) assinala que, em Winnicott, a mutualidade na relação mãe-bebê é, necessariamente, assimétrica, considerando que a mãe já foi um bebê e aí teve sua experiência, enquanto o bebê está sendo bebê pela primeira vez. É a existência de um aspecto da mãe que ainda “continua bebê” que lhe permite a identificação naquele momento. Para o autor, trata-se de um aspecto simétrico no interior da assimetria que enseja a mutualidade, e nela, as identificações cruzadas implicam a possibilidade de “acesso e trânsito entre aspectos de diversos níveis de maturação e maturidade” (n.p). Mas Montagna, contrapondo-se à descrição usual de que, na mutualidade, a reciprocidade da relação envolve, inelutavelmente, a assimetria, entende que as relações podem ser simétricas ou assimétricas, verticais ou horizontais, com variáveis intensidades, qualidades e níveis de comunicação, desde um muito elementar ou primordial, até os mais sofisticados níveis de compreensão linguístico-representacionais.

A experiência da mutualidade – comunicação primitiva, direta e silenciosa entre a criança e o agente materno, forma mais primária de intimidade, será a fonte do afeto e da amizade entre indivíduos separados, que acedem a uma comunicação indireta, voluntária e explícita, que inclui a linguagem apoiada em símbolos orais sofisticados, como são as palavras (GIVRE, 2007; LEJARRAGA, 2010; MACHADO, 2012).

Em entrevista para a Revista *Percurso*, o psicanalista peruano Saul Peña (1996), que foi supervisionado por Winnicott em Londres, falou sobre a “mutualidade” como algo da ordem da liberdade. É “quando se faz alguma coisa, não para receber necessariamente a retribuição por aquilo que você pode dar ou deu, mas sim pelo próprio valor e significado que tem o estar comprometido, envolvido, vivendo esta experiência” (p. 110). Desse modo,

A mutualidade ocorre quando se gera um sentimento em que está implícita a liberdade de cada um, uma confiança não-idealizada, um reconhecimento de que esta pessoa está com você e você com ela em uma situação de liberdade. Este sentimento de mutualidade se refere ao fato de ambos estarem sintonizados em uma relação a dois, pois mutualidade significa que estão compartilhando algo não apenas no nível prazeroso, que é bem-vindo, mas também no nível de sofrimento, de dor (PEÑA, 1996, p. 110).

Com suas preciosas palavras, Peña (1996) traduz o que, para nós, indica a dinâmica da área intermediária ou transicional, na qual localizamos a amizade: encontro que transcende “os narcisismos”, que se dá em um espaço de interpenetração, cuja temporalidade é o “aqui-agora”. A “confiança não-idealizada” pode acontecer porque a amizade comporta dissonâncias e

paradoxos, ou seja, torna possível a coexistência “pacífica” de diferenças, sem suprimir a dimensão do conflito.

Além da mutualidade, destacamos, para o estudo da amizade, o que Winnicott nomeia de “relacionamento com o ego” [*ego-relatedness*], assim como a “capacidade de estar só na presença do outro”.

Em *A capacidade para estar só* (1958), Winnicott confere uma extrema importância ao *ego-relatedness* – tipo de relação que há entre a criança e o “ego auxiliar” da mãe – uma vez que constitui “o substrato de que a amizade é feita” (p. 35) e pode vir a ser a “matriz da transferência” (p. 35). Se tal asserção dá a entender que a dinâmica transferencial não é estranha à dimensão da *Philia*, ela deixa explícito que o “relacionamento com o ego” é a matéria a partir da qual a amizade se forma (GIVRE, 2007).

A abordagem winnicottiana da relação de objeto se edifica pela oposição entre o “relacionamento com o ego” [*ego-relatedness*] e o “relacionamento com o id” [*id-relationship*], sendo que “a relação com o id fortifica o ego quando ocorre em um contexto de relação com o ego” (WINNICOTT, 1958/1990, p. 35), isto é, quando a imaturidade do ego é compensada pelo apoio egoico da mãe (ou substituta). É a partir dessas experiências precoces de contato com a mãe que a criança desenvolve a capacidade de estar só. Essa capacidade, enuncia Winnicott, é um paradoxo, pois tem origem na experiência do lactente ou criança pequena de estar só na presença da figura materna.

Com o tempo, a criança pode dispensar a presença *real* da mãe e, estando só, “e somente quando só” (WINNICOTT, 1958/1990, p. 35), pode desfrutar dos “estados calmos”, o que equivale “ao que no adulto chamamos relaxar” (WINNICOTT, 1958/1990, p. 35), e descobrir sua vida pessoal própria. A capacidade de estar só, assim, “é uma condição para que o contato com o semelhante, com o amigo, se origine espontaneamente, como um movimento do si-mesmo” (LEJARRAGA, 2010, p. 91).

De acordo com Philippe Givre (2007), se à primeira vista poderíamos pensar que a noção de “relacionamento com o ego” estaria ligada a um registro narcísico, ao mesmo tempo sem reais correspondências com a amizade, devemos constatar que Winnicott abandona essa perspectiva egocentrada para propor a hipótese de que o “relacionamento com o ego” envolve necessariamente duas pessoas, “uma das quais está de qualquer modo só; talvez ambas estejam sós, ainda assim a presença de uma é importante para a outra” (WINNICOTT, 1958/1990, p. 33). Givre considera que o paradoxo de “estar só na presença de alguém” também constitui a amizade, por ser esta uma experiência relacional que autoriza prioritariamente a cada um a

capacidade de estar só na presença do outro. É nessa perspectiva que Vincent Cornalba (2007), tomando o “viver com” [vivre avec] e o “estar só” [être seul] como a face e o verso da mesma moeda no trabalho de subjetivação, situa a amizade ao mesmo tempo como resultado e elemento desencadeador dessa dialética entre “viver com” e “estar só”.

Ainda sobre a conexão entre “ego-relatedness” e amizade, Winnicott (1958/1990) estabelece o conceito de “orgasmo do ego” e considera a possibilidade de que “uma experiência altamente satisfatória como essa” (p. 36) seja obtida em um concerto, no teatro ou em uma amizade. Conforme Ana Lila Lejarraga (2010), em Winnicott a amizade não estaria relacionada a uma inibição, como é concebida na teoria freudiana, “mas constitui um afeto por direito próprio” (p. 100), de modo que o prazer da amizade pode ser tão intenso quanto os prazeres erógenos, embora não esteja referido às satisfações pulsionais. Assim, a expressão “orgasmo do ego”, apesar de trazer uma conotação erótica, aludiria a um ápice de prazer não sexual, como pode ser o prazer das experiências próprias do “espaço potencial”. De nossa parte, pensamos que o espaço potencial já inclui a dimensão pulsional, portanto, o desejo.

Em nossa pesquisa, percebemos, na fala dos jovens, que a participação na “Banda Liberdade” lhes proporcionava uma experiência altamente satisfatória, de “alegria”, “confiança” e “brincadeira”, de um “esquecer do tempo”. Na atividade lúdica e artística da Banda, além da possibilidade de compartilhamento ou de amizade com os outros jovens e com o professor, destacamos que a dimensão sensitiva da música, que permite entrar em contato com o puro afeto, pode gerar esse “orgasmo do ego”. O “esquecer do tempo” no ambiente musical parece propiciar um momento de suspensão dos afetos violentos ou destrutivos, enquanto outros afetos podem brotar, pois, como indica Alain Didier-Weill (1997), “o apelo que existe na música não requer um eu que já estaria lá, mas um sujeito que ainda não está lá, indefinidamente suscetível de advir” (p. 238).

Para o referido autor, a música transmite uma alteridade que transcende qualquer significação pela palavra. Seu espaço-tempo é habitado pela amplidão do ilimitado, uma comemoração do tempo primordial, antes de germinar a palavra e que remete ao momento em que o *infans* percebe uma “nota escandida” (inscrição primordial, “Traço Unário”, de Lacan) na música da voz materna, antes de perceber o sentido dos fonemas. Música e palavra opõem-se “na medida em que a primeira dá acesso à entrada no trauma, enquanto que a segunda dá acesso a sua saída” (p. 260). Ou seja, a música introduz a possibilidade de significação do trauma, mas é preciso, para sua “saída”, a dimensão da palavra, “única capaz de assumir o

trauma” (p. 260). A música é, então, uma “ grande consoladora”, tanto porque nos permite esquecer a dimensão traumática, quanto por sabermos que ela não nos enganará:

o silêncio que existe entre duas notas não é ausência angustiante do trauma, pois é um silêncio portador de uma promessa na fidelidade da qual acreditamos. “Deixo você um instante, diz-nos a nota que desaparece, mas retorno em breve na forma de uma outra nota que voltará a tempo; você pode contar com meu *tempo*, ele não vai lhe deixar cair” (DIDIER-WEILL, 1997, p. 262).

2.2. O estabelecimento de uma área transicional ou espaço potencial: o brincar e a amizade

Emquanto Freud postulou dois tipos de pensamento, a lógica consciente (processos secundários) e o inconsciente (processos primários), Winnicott desenvolveu o conceito de área ou espaço transicional, uma zona do funcionamento psíquico no qual as duas formas de pensamento coexistem. O espaço transicional estaria entre o princípio de prazer e o princípio de realidade, entre o narcisismo e as relações de objeto, entre o eu e o não-eu (ABADI, 2012).

Em *Objetos transicionais e fenômenos transicionais* (1951/1975), Winnicott fala em uma terceira área de experiência, a área intermediária ou espaço potencial, que não pertence nem à realidade interna nem à realidade externa, que não está “dentro” nem “fora”, mas *entre* essas duas formas de experiência.

Trata-se de uma área que não é disputada, porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas (WINNICOTT, 1951/1975, p. 15).

Véronique Donard (2012-2013) propõe pensarmos o estabelecimento de uma área transicional em duas etapas: a primeira, a partir do paradoxo do “encontrado-criado”; a segunda, considerando o paradoxo do “destruído-criado”. Este último será abordado no item seguinte. Vejamos como Winnicott expressa o primeiro paradoxo:

(...) o seio é criado pelo bebê repetidas vezes, pela capacidade que tem de amar ou (pode-se dizer) pela necessidade. Desenvolve-se nele um fenômeno subjetivo, que chamamos de seio da mãe. A mãe coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato (1951/1975, p. 26).

Segundo Winnicott (1951/1975), o bebê não sabe o que deve ser criado e é nesse ponto do tempo que a mãe se apresenta, gerando “a *ilusão* de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar” (p. 27). É por meio da experiência de ilusão que o bebê experimenta a onipotência e o controle mágico. Fazendo uso do apoio egoico materno, quando a mãe lhe provê “exatamente” do que necessita, o bebê pode sentir que criou o objeto que lhe foi oferecido. Há, aí, “uma sobreposição entre o que a mãe supre e o que a criança poderia conceber” (p. 27). O paradoxo do encontrado-criado é assim enunciado:

(...) pode-se dizer que se trata de uma questão de concordância, entre nós e o bebê, de que nunca formulemos a pergunta: “Você concebeu isso ou lhe foi apresentado a partir do exterior?” O importante é que não se espere decisão alguma sobre esse ponto. A pergunta não é para ser formulada (1951/1975, p. 28).

Após propiciar a oportunidade para a *ilusão*, em sua adaptação quase completa às necessidades do bebê no estado de dependência absoluta, a principal tarefa da mãe será a *desilusão* gradativa, a partir da desadaptação progressiva (da mãe), segundo a crescente capacidade do bebê em lidar com o fracasso da adaptação materna e tolerar a frustração que daí resulta. Winnicott (1951/1975) indica que, para lidar com o fracasso materno, o bebê dispõe dos seguintes meios: 1) Repetição da experiência de que há um limite temporal para a frustração (este limite deve ser, inicialmente, curto); 2) Crescente sentido do processo; 3) Primórdios da atividade mental; 4) Emprego das satisfações autoeróticas; 5) Recordar, reviver, fantasiar e sonhar: integração da temporalidade passado-presente-futuro.

Conforme Winnicott (1951/1975), “se tudo corre bem” (p. 25), o bebê progride do princípio do prazer para o princípio de realidade e lida com a experiência de frustração, “já que a adaptação incompleta à necessidade torna reais os objetos, o que equivale a dizer, tão odiados quanto amados” (p. 25). Para ele, “a adaptação exata se assemelha à magia, e o objeto que se comporta perfeitamente não se torna melhor do que uma alucinação” (p. 25). No entanto, em princípio, é preciso que a adaptação seja “quase exata e, a menos que assim seja, não é possível ao bebê começar a desenvolver a capacidade de experimentar uma relação com a realidade externa ou mesmo formar uma concepção dessa realidade” (p. 26).

Ocorre, porém, que a aceitação da realidade é uma tarefa que nunca termina. Para Winnicott (1951/1975), é na área intermediária, de “*ilusão-desilusão*”, que encontramos “alívio” ante a tensão de integrar as realidades interna e externa. Nessa área de experiência, a criança inicia um relacionamento com o mundo, com a realidade compartilhada. O espaço potencial, que se constitui a partir da relação lúdica com o seio materno, “está em continuidade

direta com a área do brincar da criança pequena que se ‘perde’ no brincar” (p. 29). É nesse espaço, constituído após o atravessamento da segunda etapa de estabelecimento da área transicional (“destruído-criado”), que se dão os fenômenos culturais, religiosos, artísticos, lúdicos, esportivos, filosóficos, de pesquisa científica ou qualquer outro fenômeno que recorra à criatividade e à capacidade de relação. Aqui, podemos incluir o “viver com” da amizade.

Em seu relato sobre um paciente adulto, contido no texto *O brinquedo na situação analítica*, Winnicott (1954/1994) associa a capacidade de fazer amigos à capacidade de brincar: “Tratava-se de uma declaração surpreendente, partida de um homem que é incapaz de brincar e que vem à análise por causa de uma incapacidade de manter suas amizades, de vez que só pode falar de maneira ponderável e não pode brincar” (p. 25). O processo de análise “começou a liberar o seu brincar e tornou-o muito consciente de sua solidão durante toda a infância, exceto quando havia jogos organizados. Ele fora incapaz de brincar porque partilhar a fantasia significava perder muito” (p. 25). A incapacidade de brincar, tanto quanto a incapacidade de ter amigos, sinalizam dificuldades relacionadas à área intermediária de experiência. Podemos pensar que não houve oportunidade suficiente para a ilusão e, conseqüentemente, para a desilusão-frustração?

Para Winnicott, a alegria e o prazer do brincar indicam saúde psíquica. Assim, diz: “Estimulemos a capacidade de brincar da criança. Se uma criança estiver brincando, haverá lugar para um sintoma ou dois, e se ela gostar de brincar, tanto sozinha quanto na companhia de outras crianças, não há qualquer problema grave à vista” (1985, p. 147). Além disso, afirma que a “brincadeira fornece uma organização para a iniciação de relações emocionais e assim propicia o desenvolvimento dos contatos sociais” (1985, p. 163).

Winnicott (1975) destaca que o espaço potencial é bastante variável quando comparado à realidade psíquica e à realidade externa ou compartilhada, pois sua extensão “pode ser mínima ou máxima, de acordo com a soma das experiências concretas” (p. 148). É a confiança na mãe que cria um “*playground* intermediário” – a brincadeira começa nesse espaço que une mãe e bebê e ao mesmo tempo “torna possível uma separação do não-eu a partir do eu” (p. 151). A importância do brincar reside na “precariedade do interjogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle de objetos reais” (p. 71). Trata-se da precariedade da magia que se origina na intimidade de um “relacionamento que está sendo descoberto como digno de confiança” (p. 71). O estágio seguinte é ficar/estar sozinho na presença do outro: a criança brinca “com base na suposição de que a pessoa a quem ama e que, portanto, é digna de confiança, e lhe dá segurança, está disponível e permanece disponível quando é lembrada, após

ter sido esquecida” (p. 71). No próximo estágio, é possível “fruir uma superposição de duas áreas de brincadeira” (p. 71) ou de duas áreas intermediárias, estando “preparado o caminho para um brincar conjunto num relacionamento” (p. 72).

Em síntese, da relação lúdica com a figura materna, presente nos fenômenos transicionais, a criança evolui para o brincar. Inicialmente brinca sozinha ou com a mãe (ou sozinha na presença da mãe), até que desenvolva o brincar compartilhado e conquiste os “estádios supremos da capacidade de um ser humano para a experiência cultural” (p. 62).

Segundo Lejarraga (2010), aquele “que não precisou abdicar de sua criatividade para entrar em contato com o mundo, que sabe brincar, também é capaz do encontro com o amigo sem abrir mão de seu gesto criativo e espontâneo” (p. 94). No encontro com o amigo, que acontece no espaço potencial, há a superposição de duas áreas intermediárias de experiência. Ambos são, “ao mesmo tempo, criados e achados, encontrados na realidade externa e também criados subjetivamente. O amigo é, paradoxalmente, um outro reconhecido como diferente e parte do mundo subjetivo” (p. 94).

Passaremos a examinar a segunda etapa do estabelecimento da área transicional: o paradoxo do “destruído-criado”, a partir da noção winnicottiana de “uso” do objeto e das contribuições de René Roussillon sobre essa questão.

2.3 A “destruição-sobrevivência” do objeto e a *capacidade de se preocupar*

No artigo *O uso de um objeto e relacionamento através das identificações* (1969/1975), Winnicott estabelece uma importante diferença entre “relação” e “uso” de objeto. A relação de objeto diz respeito à experiência “intrapésíquica” do sujeito de tornar um objeto significativo, mediante mecanismos de projeção e identificações. Ou seja, o sujeito se relaciona com um “objeto subjetivo”, presente na realidade “interna”. Ao se referir ao uso de um objeto, Winnicott toma como evidente a relação de objeto e acrescenta “novas características que envolvem a natureza e o comportamento do objeto” (p. 123). Para ser “usado”, o objeto “deve ser necessariamente real, no sentido de fazer parte da realidade compartilhada, e não um feixe de projeções” (p. 123). Para usar um objeto, o bebê precisa ter desenvolvido a “capacidade de usar objetos”, que faz parte da mudança para o princípio de realidade. Segundo Winnicott, não se trata de uma capacidade inata e seu desenvolvimento não pode ser tomado como certo, uma vez que dependerá de um ambiente propício no processo de amadurecimento. No intervalo entre a

relação de objeto e o uso do objeto, existe o que Winnicott considera o mais difícil dos fracassos primitivos que chegam posteriormente à clínica, que é

a colocação, pelo sujeito, do objeto fora da área de seu controle onipotente, isto é, a percepção, pelo sujeito, do objeto como fenômeno externo, não como entidade projetiva; na verdade, o reconhecimento do objeto como entidade por seu próprio direito (1969/1975, p. 125).

Em *Desenvolvimento emocional primitivo* (1945/1978), Winnicott postula uma relação de objeto cruel ou impiedosa do bebê com o agente materno, que antecede a capacidade de concernimento. Segundo Donard (2009), a “relação de objeto impiedosa” refere-se

ao estágio de integração, caracterizado pelos fenômenos de desilusão ou de destruição, nos quais a crueldade ou falta de piedade (*ruthlessness*) desempenha um papel essencial para o acesso da criança à sua identidade própria e ao estabelecimento de uma realidade exterior (p. 129, *tradução nossa*⁶).

Dias (2000), por sua vez, considera o desmame como um dos aspectos mais significativos do processo de desilusão. Nesse momento, várias ocasiões se oferecem para que o bebê se zangue, sendo importante “que ele possa encolerizar-se com frequência numa idade em que não precisa sentir remorso” (p. 28).

Na mudança do relacionamento para o uso, o bebê destrói o objeto, que se tornou externo. O objeto pode ou não sobreviver à destruição pelo sujeito, sendo fundamental que sobreviva por sua própria capacidade de sobreviver. É assim que o objeto ganha valor e pode ser amado enquanto entidade autônoma, fora da área de controle onipotente do bebê. É a destruição do objeto que o coloca fora da área de controle onipotente, ou seja, “a destruição desempenha um papel na criação da realidade, colocando o objeto fora do eu (*self*)” (WINNICOTT, 1969/1975, p. 127). A partir de então, o bebê pode “usar” o objeto que sobreviveu, “cria-se um mundo de realidade compartilhada que o sujeito pode usar e que pode retroalimentar a substância diferente-de-mim dentro do sujeito” (WINNICOTT, 1969/1975, p. 131). Para Thomas Ogden (1996), no processo de destruição criativa da mãe, o bebê abre espaço para a mãe como sujeito (uma pessoa diferente-de-mim) destruindo um aspecto de si mesmo, que é sua própria onipotência projetada no objeto interno “mãe onipotente”. A destruição da mãe (objeto interno) na fantasia indica a renúncia do bebê às defesas onipotentes, que

⁶ (...) au stade d'intégration, caractérisé par les phénomènes de désillusion ou de destruction, dans lesquels la cruauté ou manque de pitié (*ruthlessness*) joue un rôle essentiel pour l'accession de l'enfant à son identité propre et à l'établissement d'une réalité extérieure.

caracterizavam o período de dependência absoluta, mas o afrouxamento da relação com a mãe onipotente é uma tarefa psicológica permanente. Nos termos de Winnicott, o bebê diz ao objeto, agora externo (sujeito): “Eu te destruí. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer, confere valor à tua existência, para mim. Enquanto estou te amando, estou permanentemente te destruindo na fantasia (inconsciente)” (1969/1975, p. 126). É nesse momento que começa a fantasia. De acordo com Winnicott:

A fantasia não é, portanto, algo que o indivíduo cria para lidar com as frustrações da realidade externa. Isto só se aplica ao fantasiar. A fantasia é mais primária que a realidade e o enriquecimento da fantasia com as riquezas do mundo depende da experiência da ilusão (1945/1978, p. 280).

De acordo com Véronique Donard (2012-2013), nessa atividade fantasmática incessante, o amor e a reparação se alimentam de tal modo dessa destruição contínua do objeto que um vem a significar o outro. Desse modo, para a autora, considerando a paradoxalidade da teoria winnicottiana, na clássica frase mencionada seria mais adequada a substituição do “enquanto” (texto em português), que indicaria a ambivalência de amar e odiar ao mesmo tempo, pelo “porque” (texto em francês): “porque te amo, estou te destruindo sem cessar na minha fantasia”. Paradoxo não é ambivalência. Amar e destruir são equivalentes, são opostos que não se resolvem. É porque te amo que te destruo. Amar é destruir o outro, na fantasia, e este sobreviver. É assim que, em Winnicott, criatividade, destrutividade e capacidade de amar coincidem.

Winnicott ressalta que não há raiva na destruição do objeto, “embora se possa dizer que existe alegria” (1969/1975, p. 130) pela sua sobrevivência. Daí por diante, a permanente destruição do objeto na fantasia do bebê “torna a realidade do objeto sobrevivente sentida como tal, fortalece o tom de sentimento e contribui para a constância objetual” (1969/1975, p. 130).

Em Winnicott, como esclarece Dias (2000), a destrutividade e a agressividade humanas não são concebidas como manifestação de forças intrapsíquicas ou de afetos, mas estão relacionadas à constituição da realidade externa. Enquanto Freud localiza a origem da agressividade na reação à frustração, a partir do contato com o princípio de realidade, Winnicott entende que a agressividade relativa à frustração pressupõe um estágio de amadurecimento mais avançado, no qual a integração do eu já está desenvolvida. Assim, nos estágios iniciais, a destrutividade é “no anger”, sem raiva, porque se trata de uma destruição potencial, que ocorre na fantasia inconsciente. De acordo com a referida autora:

É por meio dessa destruição [na fantasia inconsciente] que o indivíduo cria a externalidade do mundo e chega à capacidade de usar o objeto. Sem essa conquista, pode ocorrer de o indivíduo jamais chegar à realidade do amor e do ódio referido a outra pessoa, nem chegar à destrutividade inerente à sua natureza e que é a única base verdadeira para a capacidade de amar e construir, também pertencente à natureza humana (2000, p. 14).

René Roussillon (2009) assinala que a hipótese de Winnicott relativa ao uso do objeto revoluciona a gênese do sentido da realidade do objeto, não da percepção do objeto, mas de sua concepção e de sua descoberta como “outro-sujeito”. Outra modificação paradigmática introduzida por Winnicott consiste em considerar que uma parte do futuro de um processo psíquico depende da interpretação que o outro-sujeito, aquele ao qual se endereça, traz a esse processo, de sua resposta, portanto. No que se refere à sobrevivência do objeto primário e de todo o contexto teórico-clínico que ela implica, Roussillon a observa como transversal às diferentes épocas e problemáticas da vida e do desenvolvimento, apresentando um status quase “estrutural”. Segundo ele,

essa problemática descreve uma dialética particular que concerne à relação que o sujeito mantém com sua vida pulsional em conexão com as “respostas” e “reações” dos objetos significativos (os objetos investidos como significativos) de sua infância e, mais geralmente mesmo, de sua história (2009, p. 1006, *tradução nossa*⁷).

O referido autor ainda destaca, quanto à questão da sobrevivência do objeto, que “sobreviver” significa, para Winnicott, não exercer represálias ou retaliação e não se retirar, e acrescenta que as duas propriedades afirmadas por Winnicott são experienciadas quando o objeto foi atingido, mas permaneceu “criativo”. O objeto deve ser atingido e acusar o recebimento, sem o que o sujeito tem o sentimento de que o ataque “desliza” sobre si e a destrutividade é exacerbada. Não podemos, segundo Roussillon, definir a sobrevivência unicamente dizendo o que ela não é, como a não retirada, não retaliação ou não represálias. É necessário, também, formular as condições positivas: o objeto deve permanecer criativo, testemunha do fato de que permanece “vivo”. É assim que o objeto é descoberto como aquele que resiste à destrutividade, que é descoberto como outro-sujeito, ou seja, como um sujeito de desejos e movimentos que lhe são próprios, sendo então colocado fora da onipotência do bebê. A partir desse momento, suas respostas aos movimentos pulsionais do sujeito (bebê) ganham

⁷ *Cette problématique décrit une dialectique particulière qui concerne le rapport que le sujet entretient avec sa vie pulsionnelle en lien avec les “réponses” et “réactions” des objets significatifs (les objets investis comme significatifs) de son enfance et, plus généralement même, de son histoire.*

importância e o objeto não pode mais ser simplesmente pensado na lógica da relação de objeto, que só aborda e define o objeto a partir do modelo da pulsão que nele foi investida (pulsão oral, anal, genital, por exemplo), devendo, ainda, ser considerado como específico por suas respostas e reações aos movimentos pulsionais do sujeito, então descoberto “em si” [en soi], o que significa não tomado no “para-si” [pour-soi] do narcisismo. O objeto é também “por ele” [pour lui], independente, em parte, do sujeito.

Conforme Roussillon (2009), a ilusão primeira do bebê de uma autossatisfação é possível graças à suficiente adaptação materna (efeito da preocupação materna primária) e à sua capacidade de colocar/dar o seio lá onde e quando a criança é capaz de criá-lo. A alucinação se reúne à percepção e engendra uma formação mista, que não é mais nem uma alucinação nem uma simples percepção, mas é criada uma ilusão. Percepção e alucinação não se opõem, mas podem coexistir. No encontro primordial, o objeto criado é encontrado, o objeto encontrado é criado, o objeto é encontrado-criado. A apropriação subjetiva se torna possível graças à instauração desse tipo de ligação primordial que, por sua vez, possibilita a ilusão primeira de autossatisfação. O encontrado-criado precede o processo de diferenciação e de sua qualidade depende em grande parte o que seguirá. Para Roussillon, a experiência subjetiva da ilusão primeira cria uma formação mista e o modelo proposto por Winnicott a respeito do seio é também pertinente para os diferentes sistemas de comunicação e de troca (ajustes e sintonias) que se estabelecem entre o bebê e seu ambiente. A ilusão é, em seguida, pouco a pouco demolida pela experiência da desadaptação progressiva da mãe que, ao sair do estado de preocupação materna primária, introduz uma série de distanciamentos entre aquilo que ela fornece ao bebê e aquilo que ele espera – entre o encontrado e o criado, portanto. Esses distanciamentos ou diferenças mobilizam movimentos de destrutividade no bebê, que se enraivece contra tudo, contra ele mesmo e o mundo, sob a impressão de ter perdido-destruído sua capacidade de satisfação, no caso, de autossatisfação.

O que virá vai depender da regulação da culpabilidade materna. Se a mãe se sentir muito culpada de não estar mais perfeitamente adaptada ao bebê, ela reagirá ora tentando “compensar” ou mesmo “reparar” os supostos danos, ora se deprimindo face à “tirania” do bebê ou da situação. Essas reações modificam o modo de contato e de encontro da mãe com o bebê e este não “reencontra” o objeto anterior, o qual lhe parece então “destruído”. Se, por outro lado, a mãe não se sentir culpada demais, se ela puder reconectar-se com o bebê de uma maneira suficientemente semelhante à habitual, o bebê terá a experiência de que o objeto “sobreviveu” à suposta destruição, ele é “descoberto” como relativamente independente do movimento

pulsional do bebê, ele é descoberto como sujeito outro, como outro-sujeito, possuidor de sua vida própria e de seus próprios desejos, escapando à onipotência ilusória do bebê. O bebê sai então do narcisismo primário, no qual era a fonte e o agente de sua própria satisfação, e pode então começar a estabelecer uma diferença entre o objeto do fantasma (aquele que ele teve a ilusão de destruir, aquele que ele destruiu em seu fantasma) e o objeto externo, isto é, o outro-sujeito. A tópica psíquica pode começar a se organizar, a diferenciar a realidade interna, aquela na qual a destruição onipotente do objeto pode ter lugar, da realidade externa, na qual o objeto não é destruído e “sobreviveu”. Uma diferença entre a representação do objeto – o objeto subjetivo – e o objeto “externo” pode começar a se construir (ROUSSILLON, 2009).

O sujeito, nesse ponto do desenvolvimento, “está criando o objeto no sentido de descobrir a própria externalidade” (WINNICOTT, 1969/1975, p. 127). Como destaca Donard (2012-2013), a destruição do objeto é, portanto, uma passagem obrigatória para aceder à realidade externa. A destruição do objeto, componente da pulsão libidinal primitiva, não será real se o objeto não sobreviver ou se exercer represálias. Se assim for, algo se torna efetivamente quebrado, destruído, não apenas em relação à realidade concreta do objeto, mas também à sua representação interna. Nesse caso, o objeto não poderá ser “usado”, pois não foi capaz de sobreviver ao amor-agressão do sujeito, não poderá servir de suporte à atividade fantasmática do bebê nem sustentar sua relação com a realidade externa. Isto significa que ele não será, jamais, um objeto real.

Nessa passagem à descoberta do objeto real, Roussillon (2009) ressalta que, se o bebê encontrasse sua mãe exatamente semelhante àquela que ele acreditou ter destruído, equivaleria a uma anulação de sua vivência subjetiva de destruição. Impõe-se, então, que o objeto seja atingido, o que confere valor à experiência de destruição e atesta sua realidade psíquica, e que “sobreviva”, o que delimita seu campo. Essa dialética de destruição-sobrevivência/criação do objeto está subjacente às vivências de transformação progressiva da relação com a mãe e, de uma maneira mais geral, aos objetos. A mãe é efetivamente atingida tanto por encontrar a raiva destrutiva de seu bebê, raiva que ela percebe bem como lhe estando endereçada e ligada à sua própria retomada de liberdade e de independência, quanto porque, ao mesmo tempo, tal experiência é significativa do fato de que um certo estado relacional termina. Assim como o bebê, a mãe percebe que a relação se transformou e, de uma certa maneira, também para ela é necessário que o laço com seu bebê “sobreviva a essa raiva”.

Segundo Jessica Benjamin (2006), quando a destruição não é rebatida pela sobrevivência, quando a realidade do outro não emerge no campo visual, tem lugar um processo

defensivo de internalização. A agressão se converte em um problema, pois, o que não se pode elaborar e dissolver com o outro externo se transpõe em um drama de objetos internos. Há, então, a passagem do domínio intersubjetivo para o intrapsíquico. De todo modo, como ressalta a autora, mesmo quando a resposta do outro dissipa a agressão, não existe processo perfeito de destruição e sobrevivência, e sempre há, também, internalização. Assim, toda experiência é elaborada intrapsiquicamente, mas quando o outro não sobrevive e a agressão não se dissipa, a experiência se torna quase exclusivamente intrapsíquica. Para ela,

parece falaz considerar os processos de internalização somente como produtos do colapso ou como defesas; melhor, poderíamos vê-los como uma espécie de substrato subjacente da atividade mental: um processo constante de digestão simbólica que constitui uma parte importante do ciclo de intercâmbio entre o indivíduo e o exterior. O problema é a perda do equilíbrio entre o intrapsíquico e o intersubjetivo, entre a fantasia e a realidade (2006, p. 71, *tradução nossa*⁸).

Roussillon (2009) afirma que o objeto, ao ser descoberto, pode começar a ser amado não apenas porque o amor supõe um objeto outro-sujeito, mas também porque ele não pode ter uma verdadeira pulsão se o objeto é puramente subjetivo. Considerando que a pulsão é uma montagem de quatro termos – a *fonte*, a *pressão*, a *meta* e o *objeto*, como propõe Freud, é necessário admitir que a pulsão supõe uma diferenciação da fonte e do objeto:

O objeto da pulsão oscila, assim, entre uma “definição” dada pela representação interna do objeto (mas esta tem uma história, já tendo sido forjada no encontro com o objeto) e uma definição em que, tendo sido essa representação transferida ao objeto outro-sujeito, ela depende também da resposta do objeto outro-sujeito e oscila entre uma representação autoerótica interna e uma apresentação externa (2009, p. 1010, *tradução nossa*⁹).

Ainda sobre a capacidade de satisfação, de acordo com Roussillon (2009), se inicialmente o bebê “se autoatribui” tal capacidade, a “descoberta” da existência do objeto outro-sujeito o conduz a modificar sua atribuição da origem da satisfação, a qual começa a lhe parecer como fornecida pelo objeto. O objeto é então “idealizado” e sobre ele se transfere a

⁸ *parece falaz considerar los procesos de internalización sólo como productos del derrumbe o como defensas; más bien, podríamos verlos como una especie de sustrato subyacente de la actividad mental: un proceso constante de digestión simbólica que constituye una parte importante del ciclo de intercambio entre el individuo y el exterior. El problema es la pérdida del equilibrio entre lo intrapsíquico y lo intersubjetivo, entre la fantasía y la realidad.*

⁹ *L'objet de la pulsion oscille alors entre une « définition » donnée par la représentation interne de l'objet (mais celle-ci a une histoire, elle s'est déjà forgée dans la rencontre avec l'objet) et une définition où, cette représentation étant transférée sur l'objet autre-sujet, elle dépend aussi de la réponse de l'objet autre-sujet, elle oscille entre une représentation auto-érotique interne et une présentation externe.*

primeira representação de um ideal oriundo da experiência subjetiva do narcisismo primário, estado no qual “tudo se produz, inteiramente só, tudo junto, imediatamente, tudo em um...”¹⁰ (p. 1011). O sujeito “atribui” a representação do ideal da satisfação ao objeto, que se torna a fonte de todo bem e é, por isso, amado. Mas, na medida em que o objeto é a fonte de satisfação, é também fonte de dependência e pode “falhar”. Ele será, assim, odiado e destruído no fantasma. A partir daí, a questão da “sobrevivência” dependerá do modo como a experiência contraditória de amor e ódio poderão coexistir no interior do aparelho psíquico.

[...] Se o amor resistir ao ódio, então ele é sentido como consistente, confiável, e o conflito de ambivalência pode se organizar; se ele não resistir, só restará do amor o que é ruim, e será preciso tentar protegê-lo de todas as maneiras possíveis, pois sua manutenção é "vital" para a vida psíquica e a relação com o objeto (2009, p. 1011, *tradução nossa*¹¹).

Para Roussillon (2009), a sobrevivência do amor depende também da força do ataque do ódio e este depende da intensidade da ferida ligada à dependência. A dependência só é tolerável quando não é total e o sujeito vai desenvolver seus autoerotismos para lutar contra ela ou torná-la o mais relativa possível. Duas vias eróticas vão entrar em conflito: a primeira, *heteroerótica*, “passa pelo objeto outro-sujeito, aceita reconhecer sua dependência em relação ao objeto, tenta reduzi-la desenvolvendo meios de ação sobre ele: dominação, sistemas de comunicação, etc” (p. 1012); a outra via, *autoerótica*, convoca a representação interna do objeto e, com ela, há a tentativa de que as satisfações obtidas do objeto e a idealização anterior que lhe era atribuída sejam restituídas. Resta saber se essa conflitualidade encontrará “uma via suficientemente harmoniosa de resolução” (p. 1012), com a via heteroerótica se desenvolvendo, sobretudo, na presença do objeto, enquanto o autoerotismo, ao contrário, quando o objeto não está disponível ou está ausente. Outra questão é saber

se a via heteroerótica *sobrevive* e resiste ao desenvolvimento da via autoerótica, ou se a criança, mesmo na presença do objeto, tentará manter a qualquer custo a afirmação de sua independência ou, inversamente, se não pode desenvolver a via autoerótica por temer que a relação com o objeto tenha sido muito atingida e danificada por ele (2009, p. 1012, *tradução nossa*¹²).

¹⁰ *tout se produit, tout seul, tout ensemble, tout de suite, tout en un...*

¹¹ *Si l'amour résiste à la haine, alors l'amour est éprouvé comme consistant, fiable, et le conflit d'ambivalence peut s'organiser ; s'il ne résiste pas, alors rien ne vaut que le mauvais, et il va falloir tenter de protéger l'amour de toutes les manières possibles car son maintien est « vital » pour la vie psychique et le lien à l'objet.*

¹² *si la voie hétéro-érotique « survit » et résiste au développement de la voie auto-érotique ou si l'enfant, même en présence de l'objet, va tenter de maintenir à tout prix l'affirmation de son indépendance ou, inversement, s'il ne peut développer la voie auto-érotique par crainte que la relation à l'objet ne soit trop atteinte et endommagée par celui-ci.*

Além disso, uma parte dessa dinâmica dependerá da qualidade e do bom desenvolvimento dos autoerotismos, isto é, do grau de sentimento de culpa que pode estar ligado à sua manifestação e da vivência de “retomada ao objeto” [*reprise à l’objet*] que estes implicam. Aqui opera o *narcisismo secundário*, o qual, assinala Roussillon (2009) a partir de Freud, é “retomado ao objeto”, o que significa o desenvolvimento dos autoerotismos. “Se há retomada ao objeto, a questão é saber se e como o objeto é atingido por essa retomada e se ele *sobrevive* a esse atentado”¹³ (p. 1012). Outras questões atinentes à sobrevivência do objeto são então colocadas:

O objeto e a relação com ele *sobreviverão* ao movimento de reapropriação que caracteriza a via autoerótica? O objeto *retomará* por seu turno aquilo de que o sujeito tenta se apropriar a partir do que recebeu e experimentou no encontro com ele? A relação com o objeto será destruída pelo processo de autonomização implícita nos autoerotismos? (2009, p. 1012, *tradução nossa*¹⁴).

Aqui, entra em ação a *capacidade de estar sozinho na presença do objeto* ou, como propõe Roussillon (2009), “a experiência da capacidade de estar só *diante de sua pulsão* na presença do objeto” (p. 1013), que estabelece uma situação subjetiva na qual o objeto é suficientemente discreto para manter a ilusão da solidão, favorecendo o recurso aos autoerotismos e às fantasias que os acompanham, ao mesmo tempo em que está suficientemente presente para que o bebê possa explorar sua reação. A sequência dependerá do que se produz no objeto outro-sujeito. É fundamental que a mãe não se retire completamente dessa forma paradoxal de vínculo, enquanto a criança vivencia seus modos de reação, espreita sua “aprovação discreta” como uma forma de reconhecimento que lhe assegura que o objeto *sobrevive* sem ser demasiadamente atingido. Por parte da mãe, a conflitualidade envolve, de um lado, o fato de perceber que a criança começa a se separar dela a partir dos “autoerotismos” e dos aprendizados que lhe são subjacentes, o que implica um trabalho de luto e renúncia, e, de outro, “a satisfação substitutiva de ver seu filho *crescer e desenvolver-se*” (p. 1013).

Roussillon (2009) apresenta, portanto, um quadro do que considera a “matriz da conflitualidade humana”, com suas três faces: conflito de ambivalência, conflito entre

¹³ *S’il est repris à l’objet, la question se pose de savoir si et comment l’objet est atteint par cette reprise, elle se pose aussi de savoir s’il « survit » à cette atteinte.*

¹⁴ *L’objet et la relation à celui-ci vont-ils « survivre » au mouvement de réappropriation qui caractérise la voie auto-érotique? L’objet va-t-il « reprendre » à son tour ce que le sujet tente ainsi de s’approprier à partir de ce qu’il a reçu et éprouvé dans la rencontre avec l’objet? La relation à l’objet va-t-elle être détruite par le processus d’autonomisation implicite aux auto-érotismes?*

autoerotismo e heteroerotismo e conflito dentro do autoerotismo, destacando a ligação existente entre esses três aspectos da conflitualidade de base e o lugar ocupado, a cada vez, pela questão da sobrevivência no tratamento dessa conflitualidade. Em síntese, diz o autor:

A qualidade dos autoerotismos diminui o sentimento de dependência, apaziguando em parte, portanto, o ódio pelo objeto, que, por sua vez, influi na escolha da *solução* autoerótica ou heteroerótica. Sob formas diferentes e cada vez mais complexas, essa matriz permanece a organizadora da conflitualidade humana durante toda a vida e cria uma dialética entre a *sobrevivência* do objeto outro-sujeito e a consistência interna dos movimentos e dos conteúdos psíquicos. Quando o objeto externo *sobrevive*, ele aumenta a capacidade de sobrevivência interna dos diferentes movimentos psíquicos, e esta contribui para facilitar o trabalho de *sobrevivência* do objeto (2009, p. 1013-1014, *tradução nossa*¹⁵).

O refinamento da experiência de amor e ódio simultâneos, dirigidos a um único objeto, à medida em que o bebê percebe que a mãe impiedosamente atacada é a mesma que é amada e que cuida dele, faz surgir a “capacidade de se preocupar” ou “capacidade de concernimento”. Essa complexa forma de ambivalência, em circunstâncias favoráveis, é solucionada da seguinte forma:

O lactente sente ansiedade, porque se ele consumir a mãe ele a perderá, mas esta ansiedade se torna modificada pelo fato de o bebê ter uma contribuição a fazer à mãe-ambiente. Há uma confiança crescente de que haverá oportunidade para contribuir, para dar à mãe-ambiente uma confiança que torna o lactente capaz de tolerar a ansiedade. A ansiedade tolerada deste modo se torna alterada em sua qualidade e se torna sentimento de culpa (WINNICOTT, 1963/1990, p. 73).

Se a mãe permanece disponível para “receber o gesto espontâneo e se alegrar com isso” (WINNICOTT, 1963/1990, p. 73), a criança retém e mitiga o sentimento de culpa, pela oportunidade de se doar e fazer reparação. Segundo Winnicott, “a culpa não é sentida, mas permanece dormente, ou em potencial, e aparece (como tristeza ou estado de ânimo deprimido) somente se não surge a oportunidade de reparação” (1963/1990, p. 73). Quando se estabelece a confiança nesse “círculo benigno” de destruir e reparar, o sentimento de culpa relacionado aos impulsos do id sofre uma nova modificação, que torna o bebê “capaz de ficar preocupado, de

¹⁵ *La qualité des auto-érotismes rend le sentiment de dépendance moins fort, et donc apaise en partie la haine pour l'objet qui, à son tour, retentit sur le choix de la « solution » auto- ou hétéro-érotique. Sous des formes différentes et de plus en plus complexes, cette matrice va rester organisatrice de la conflitualité humaine tout au long de la vie, elle dialectise « survivance » de l'objet autre-sujet et consistance interne des mouvements et contenus psychiques. Quand l'objet externe « survit », il accroît la capacité de survivance interne des différents mouvements psychiques, et celle-ci contribue à faciliter le travail de « survivance » de l'objet.*

assumir responsabilidade por seus próprios impulsos instintivos e as funções que dele fazem parte” (WINNICOTT, 1963/1990, p. 73-74). Obviamente, considerando que o processo de amadurecimento é contínuo, a capacidade de se preocupar não se dá de uma vez por todas, mas precisa ser conquistada ao longo da vida.

Do lado da mãe, vale lembrar o que diz Winnicott em uma instigante passagem do texto *A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal* (1954/1978): “Ser devorada é o desejo e a necessidade de uma mãe em um estado inicial de seu cuidado com o bebê” (p. 456). Apenas quando somos canibalisticamente atacados, e não magicamente introjetados (idealização), podemos sentir o “alcance das atividades reparadoras e restitutivas das pessoas” (p. 457) e, portanto, fazer parte do laço social.

Em *A criança e as outras pessoas* (1985), Winnicott reforça que uma mãe ativamente adaptada a seu bebê lhe dá uma base para que estabeleça contanto com o mundo e assim lhe propicia uma riqueza em suas relações que pode, com o decorrer do processo de amadurecimento, atingir a “plena fruição”. Ele ainda destaca que, por meio da sobrevivência de si mesmo e da mãe, o bebê aprende “que são permissíveis as experiências instintivas e as ideias excitadas, e que elas não destroem, necessariamente, o tranquilo tipo de relações, de amizade e de participação” (p. 119).

Nos vínculos de amizade, conforme Lejarraga (2010), a “capacidade de concernimento” se expressa pela consideração e cuidado com o outro e, sobretudo, pela “preocupação e reparação dos possíveis danos provocados no amigo pela própria ambivalência” (p. 96). Para a autora, esse “círculo benigno” de machucar e reparar/curar, de sentir raiva, atacar e cuidar, está sempre se repetindo, de diversas maneiras, nos laços afetivos construtivos e duradouros.

Percebemos, pois, que é percorrendo um caminho complexo, contando com o apoio/participação do ambiente, das experiências oriundas dos laços primitivos com o agente materno, que o bebê poderá integrar a distinção eu e não-eu e ter acesso à externalidade. Segundo Lejarraga (2010), a capacidade de usar objetos permite o reconhecimento do objeto como diferente, possibilitando a alegria da descoberta do outro. Quando, repetidas vezes, o bebê cria o objeto que lhe é apresentado, “estabelece um padrão prazeroso e criativo de contato com a realidade, podendo, aos poucos, aceitar a existência autônoma dos objetos externos” (p. 93). A amizade, nesse sentido, exige tal conquista do processo de amadurecimento, uma vez que o laço amistoso se alimenta do reconhecimento da alteridade. Entretanto, como nos lembra a autora, a capacidade para fazer amigos é uma longa jornada, que parte dos objetos subjetivos até a percepção objetiva da realidade externa.

2.4 Espaço Intermediário e (des)transicionalizações dos laços: amizade e violência

Como vimos, a amizade, o encontro com o amigo, pressupõe o reconhecimento da alteridade e, portanto, exige o atravessamento da dinâmica de “destruição-sobrevivência” do objeto, proposta por Winnicott. Não se trata de uma conquista que se dá de uma vez por todas, mas, como acontece com todos os fenômenos humanos, é algo que precisa se renovar ou se reinventar continuamente. Também abordamos, no primeiro Capítulo, que amizade e violência podem coexistir de uma forma criativa.

Assim, e com base na análise dos dados do presente estudo, passamos a indagar: até que ponto os laços de amizade “sobrevivem” aos ataques de violência, à destrutividade real perpetrada entre/pelos envolvidos nessa relação? Se a amizade é construída e mantida na “área intermediária”, como podemos pensar esse espaço “entre” quando a violência deixa de ser “potencial”? E ainda: quais as possibilidades de tecer laços com o outro em um “ambiente impiedoso”, no qual a violência predomina?

Antes de desenvolvermos as questões apresentadas, convém explicitar o que, aqui, estamos chamando de “laço”.

Na língua portuguesa (HOUAISS, 2015), além do significado mais comum de “união” ou “vínculo”, também encontramos o sentido de “nó (...) que se desata facilmente” (p. 576). René Kaës (2014), ao discutir as palavras relacionadas à “aliança” e ao “laço”, em diferentes línguas, destaca que, em hebraico, aliança – *berith* – em seu sentido primordial, significa “fatiar”, “separar”. Segundo ele, a “palavra [*berith*] inscreve o rito que separa, que fatia em duas partes o animal sacrificado” (p. 24), a fim de selar uma aliança entre dois homens. Desse modo, no sentido bíblico, “a aliança sela uma união sobre uma separação” (p. 24).

Kaës (2010) também sublinha que o laço não é a soma de dois ou mais sujeitos, e sim um espaço psíquico construído a partir do material psíquico envolvido nessas relações, especialmente por meio das “alianças inconscientes” que as organizam. Assim, o laço não pertence a um ou outro sujeito, mas é, em si mesmo, uma formação intermediária entre os sujeitos e as configurações dos laços, seja um grupo, uma família ou uma instituição. Portanto, o espaço *entre* constitui o “nós” – um lugar de passagem, uma transição.

Tomando como referência a “relação de objeto impiedosa” (Winnicott), na qual, conforme René Roussillon (1995), o objeto aceita nada representar para si mesmo, isto é, sacrifica sua representação própria para representar a própria representação, possibilitando ao bebê o acesso à transicionalidade, Martine Edrosa (2016) interroga o que acontece quando o

ambiente se mostra inepto a esse sacrifício para sustentar as necessidades psicoafetivas do sujeito. A partir dessa questão, a autora propõe a noção de “ambiente impiedoso” [*environnement impitoyable*]: aquele que perverte e inverte as modalidades da “relação de objeto impiedosa” e do paradoxo da transicionalidade, não se ajustando às necessidades do bebê, mas, ao contrário, infligindo maus-tratos sistemáticos à criança. Véronique Donard (2009) também considera que o “ambiente impiedoso”, incapaz de servir de suporte sacrificial à atividade fantasmática do sujeito, uma vez que não sobrevive e não favorece o processo de simbolização nascente do bebê, é traumático e impõe ao sujeito o sacrifício de seu próprio processo de representação.

De nossa parte, tendo em vista os resultados de nossa pesquisa, acrescentamos que os efeitos de fragilização/fragmentação dos processos criativos pela confrontação a um “ambiente impiedoso”¹⁶ ocorrem não apenas na infância, mas se presentificam, por exemplo, em condições sistemáticas de violência interpessoal, social e política. Tais situações desfavorecem os processos de ligação, de passagem e de transformação, próprios ao trabalho do “pré-consciente” (primeira tópica) e do “Eu” (segunda tópica) que, de acordo com Kaës (2005), constituem o “lugar” da formação dos processos intermediários na teoria freudiana. O referido contexto atinge, portanto, os processos representacionais, como a sublimação e a simbolização, considerando que as funções associativa e interpretativa, a criatividade da vida psíquica, estão inseridas no sistema pré-consciente.

Kaës (2005) evidencia que a própria formação do pré-consciente, seus processos e organizações, descritos por Freud do ponto de vista intrapsíquico, dependem parcialmente da vida psíquica do outro. Como indica o autor, o pré-consciente do outro maternal “é parte integrante do aparelho para significar-interpretar que se constrói no bebê” (p. 67). É o aparelho para interpretar-significar “que nos permite entrar em comunicação e transformar as percepções conscientes do outro no nosso próprio sistema de interpretação-significação” (p. 68).

A falência das funções do pré-consciente, tal como ocorre nos traumatismos cumulativos e sobredeterminados em populações submetidas a um contexto de catástrofe psíquica e sociopolítica, introduz uma “confusão entre o dizer e o fazer, entre a ação e a representação” (KAËS, 2005, p. 69). Nas palavras de Kaës:

O traumatismo auto-sustentado mantém a confusão dos sujeitos entre si, mas também os conjuntos intersubjetivos em excitação de crise permanente,

¹⁶ Em nosso contexto de pesquisa, chamamos de “ambiente impiedoso” o ambiente que impinge, que impõe relações “implacáveis”, permeadas pelas passagens ao ato, pela violência real contra o outro.

porque as formações intermediárias estão enfraquecidas. A crise atinge, primeiramente, as zonas de contato e de passagem: do dentro e do fora, do intrapsíquico e do intersíquico (2005, p. 69).

As zonas de contato e de passagem tornam-se, desse modo, áreas de dissociação e desmoração, homólogas nos espaços intrapsíquico e intersubjetivo. Nessa perspectiva, a raiva do pensamento e as ações violentas são frequentes. Segundo Kaës (2005), não pensar, repondo à situação com a violência do ato, “evita o sofrimento de pensar o vínculo de violência” (p. 69). Para ele:

O vínculo de violência é mantido para criar um estado de não pensamento: a ameaça mútua, a onipotência e a provocação à busca de limites são os elementos pelos quais a raiva se encontra constantemente mobilizada. Gritar bem forte, bater, agir, insultar, são as modalidades que colocam a vida psíquica fora do circuito e realizam a exigência de não pensar. Uma irritação lábil ou permanente engendra, em um movimento circulatório auto-alimentado, o medo, a raiva, a ferida narcísica que não se cicatriza. A raiva solda um grupo que se refere somente a si mesmo e torna particularmente difícil separar-se e diferenciar-se. As funções de colocar em latência e de representar a fala ficam paralisadas ou inexistentes (2005, p. 69).

Entendemos que a violência contra o outro pode, então, ser compreendida como uma “não distância”, constituída pelo enfraquecimento dos processos intermediários, pelo não recurso à função simbólica da palavra e aos processos de inibição e sublimação das pulsões. Desse modo, a violência destrutiva está em estreita relação com o fracasso nos processos do pré-consciente. O “espaço intermediário” existe, mas se encontra encurtado, mal habitado ou obscurecido, dada a incapacidade de ser povoado com vínculos criativos. Nesse “espaço assombrado”¹⁷ pelo excesso de “relação impiedosa”, o ambiente não sobrevive e se vinga. Os laços destransicionam-se, predominando o agir no imediato, as rupturas, os processos de desligamento.

Roussillon (1995) questiona, do ponto de vista econômico, a afirmação winnicottiana segundo a qual nada haveria de pulsional nos processos que dizem respeito à transicionalidade. Afinal, como seria possível ou de onde viria o *quantum* de prazer manifesto nas atividades transicionais? Além disso, para Roussillon, não há nada no psiquismo que não encontre sua fonte ou sua energia no jogo de formações/transformações pulsionais, sendo impensável, do ponto de vista metapsicológico, uma atividade separada dos movimentos pulsionais. A afirmação de Winnicott refere-se, pois, à pulsão em sua forma invasiva e como força de

¹⁷ Tomamos de empréstimo o termo utilizado por Véronique Donard, em 13/11/2018, para caracterizar o contexto em questão.

desorganização, já que no processo transicional e pelo tipo de ligação específica que implica a transicionalidade, a pulsão não se dá como invasiva, disruptiva ou como fator de superexcitação. É exatamente quando a excitação assim se manifesta que ela sinaliza a insuficiência da ligação transicional. Ou seja, para Roussillon, a transicionalidade é possível quando a força pulsional não é suficiente para destruir os processos de ligação.

Em *Paradoxos e situações limites da psicanálise*, Roussillon (2006) menciona o “jogo da espátula”, utilizado por Winnicott em suas consultas com crianças pequenas. Ao oferecer a espátula, Winnicott observava, sucessivamente, a hesitação da criança em relação ao objeto apresentado, o ato de tomá-lo e mordiscá-lo, de projetá-lo no chão e repetir o ciclo ao lhe ser restituído o objeto (transicional). No caso descrito por Winnicott em *O Brincar e a Realidade* (1975), de uma menina atendida dos seis aos onze meses de idade, internada pela primeira vez em razão de uma gastroenterite infecciosa e, posteriormente por apresentar convulsões, Roussillon destaca que a criança foi tratada pelo jogo. Ao aceitar ser mordido pela menina, sem qualquer reação retorcida ou de recuo, Winnicott ensina-lhe a brincar e transforma seu morder em mordiscar. Roussillon também indica que, mesmo na clínica das “situações limites”, a dimensão criativa do paradoxo pode ser reencontrada, no e pelo reviramento do paradoxo “patógeno”, a partir da instauração/recriação de um espaço psíquico de jogo. Segundo o autor, a “repetição-agida”, quando o aparelho psíquico está transformado de “aparelho de linguagem” em “aparelho de ação”, pode liberar seu valor representativo se, na relação analítica, puder adquirir a forma de um jogo. Para ele, o jogo é um registro de ação regulado pela auto-representação. O ato-jogo é, assim, “uma ação que vale pela própria ação, uma ação que simboliza o ato; ele supõe um tipo de ‘ato’ que, de ‘passagem pelo ato’ necessária ao pôr-em-representação, ele diz a representação em ato, a representação coisa” (p. 102). Nessa perspectiva, tomando-se a relação de transferência como um jogo, a compulsão à repetição pode “adquirir o valor de uma compulsão à simbolização” (p. 102).

Em face do exposto, é preciso considerar que o laço, sendo uma “formação intermediária”, um lugar de transição, constitui-se de processos criativos de ligação e de separação. A separação, nessa perspectiva, é uma descontinuidade necessária para se estabelecer uma relação com o outro, isto é, com um sujeito percebido como exterior e diferente de si. Nesse espaço, a destruição é potencial. Postulamos, assim, que algumas situações, como a convivência em um contexto de agressões e violências constantes, podem levar à destransicionalização dos laços, incluindo os de amizade, pelo encurtamento do “espaço intermediário”, o qual passa a ser habitado por vínculos não criativos, que estancam o fluxo da

transicionalidade. Tais situações colocam em risco a vida psíquica, pois “a tensão inerente ao paradoxo e à contradição ultrapassa as capacidades de ligação do eu” (TANIS, 2012, n.p). Por outro lado, com Roussillon, apostamos na possibilidade de reviramento do paradoxo “destruidor” em paradoxo “criador”, pela restituição do espaço do jogo, do brincar. É nesse sentido que propomos, aqui, o termo “(des)transicionalização” dos laços, tendo em conta a própria noção de paradoxalidade, o trânsito entre processos primários e secundários, a capacidade ou potência de simbolização e de criação (ou de sublimação, em termos freudianos) que, em alguma medida, fazem parte do “estar vivo”.

No próximo Capítulo, abordaremos as estratégias técnicas de pesquisa ou os caminhos percorridos para a construção do presente estudo.

CAPÍTULO 3

PERCURSO METODOLÓGICO: TECENDO “NÓS”

*O sensível heterogêneo está em todo lugar, o inconsciente está em toda parte.
A prosa da vida comum é um poema fantástico.*

Jacques Rancière, *A Comunidade Estética* (2011, p. 182)

Com o fito de atender aos objetivos propostos, adotamos a metodologia da pesquisa qualitativa, a qual, de acordo com Denzin e Lincoln (2006), é uma atividade situada, que consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. O pesquisador estuda seu objeto em cenários naturais, na tentativa de entender ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles atribuem.

Flick (2004) destaca que a pesquisa qualitativa, em psicologia e ciências sociais, orienta-se para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal ou histórica, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais.

O trabalho de campo se oferece, pois, como possibilidade de obtermos não apenas uma aproximação com o objeto que almejamos conhecer e estudar, mas também produzir conhecimento a partir da realidade que emerge no campo (CRUZ NETO, 2002).

O presente estudo foi realizado conforme delineamento metodológico apresentado a seguir, considerando os pressupostos epistemológicos e teóricos da Psicanálise.

3.1 Local da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em Unidade da Fundação de Atendimento Socioeducativo de Pernambuco – FUNASE, destinada ao público masculino, para o cumprimento da medida socioeducativa de internação, na faixa etária de 16 a 17 anos e 5 meses de idade, conforme perfil etário definido na Portaria nº 279/2015, de 15/12/2015, da FUNASE, podendo estender a permanência até os 18 anos (ou mais, dependendo da situação). A seleção pela referida Unidade justificou-se pelo número alarmante de “rebeliões”, “tumultos” e “motins”, motivados, na maior parte das vezes, pelas rivalidades entre jovens de diferentes “facções”, com desfechos nada alentadores: recorrentes depredações da instituição, lesões físicas e mortes.

A Unidade em comento caracterizava-se por funcionar em condições inadequadas e em completo desacordo com os parâmetros recomendados pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE, 2006), o que redundava em múltiplas violações de direitos, com as graves consequências já expostas.

3.2 Participantes

As categorias etárias são conceitos plurais, polissêmicos, em permanente construção histórico-social, atravessadas por outras dimensões, tais como classe social, raça/etnia, gênero, religião (MEDRADO, 2011). Desse modo, adotamos o termo “jovem” para designar os participantes da pesquisa, ainda que considerados “adolescentes” a partir de critérios previstos em dispositivos legais, como a Lei nº 8.069/1990, que estabelece como adolescentes pessoas entre 12 e 18 anos incompletos.

No que se refere à seleção dos participantes, nossa proposta foi escutar os jovens integrantes da “Banda Liberdade: alguém acreditou em mim”, projeto de música da Unidade, que expressassem o desejo de conversar conosco, em entrevista, por considerarmos a atividade musical como um “espaço potencial” privilegiado, na Unidade selecionada, para o estabelecimento de vínculos criativos com o outro. Aceitaram participar da pesquisa, inicialmente, 7 (sete) jovens, isto é, todos aqueles que estavam presentes no ensaio no momento de nosso convite. No entanto, 3 (três) deles receberam progressão ou extinção da medida socioeducativa de internação e já haviam saído da Unidade quando da execução das entrevistas. Assim, foram entrevistados 4 (quatro) jovens do sexo masculino, na faixa etária entre 17 e 19 anos de idade. No entanto, abrimos mão da última entrevista, com Mateus, que, apesar de trazer interessantes questões relacionadas à amizade intergêneros, extrapolava os objetivos deste estudo. Desse modo, a análise e discussão dos resultados concernem às 3 (três) primeiras entrevistas realizadas com Diego, John e Felipe.

3.3 Instrumentos e Técnicas da Pesquisa

A produção de “dados” se fez, primordialmente, a partir de *Entrevista Semiestruturada*, individual e audiogravada, com os jovens da Banda Liberdade referidos no item anterior. Este momento foi precedido por um período em que participamos dos ensaios da Banda, enquanto “observadora”, fazendo uso de *Diário de Campo*. O material das “observações” foi utilizado

como dados complementares à pesquisa. Após as entrevistas, retornamos à Unidade para assistir a uma apresentação da Banda, ocasião em que conversamos com dois dos entrevistados (John e Felipe). Novos “dados” surgiram desse encontro, os quais, juntamente com a leitura de documentos contidos nos autos do processo de execução de medida socioeducativa, forneceram informações complementares às entrevistas dos dois jovens mencionados.

3.3.1 Conhecendo o “campo observacional”

No primeiro tempo da pesquisa, após obtermos autorização do Juízo da Vara Regional da Infância e da Juventude da 1ª Circunscrição Judiciária, assim como anuência da Presidência da Fundação de Atendimento Socioeducativo – FUNASE, buscamos nos inserir na dinâmica do Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE) selecionado, no intuito inicial de realizar a observação dos jovens nas atividades em grupo e outros espaços de convivência na referida Unidade, com o objetivo de apreender possíveis relações cordiais, amistosas, de solidariedade e apoio mútuo entre os socioeducandos no contexto da privação de liberdade. Para tanto, apresentamos nosso Projeto de Pesquisa aos coordenadores geral e técnico, ocasião em que tomamos conhecimento das atividades pedagógicas realizadas na Unidade, com seus respectivos horários e professor responsável. Decidimos começar pela Oficina de Música, acompanhando os ensaios da “Banda Liberdade: alguém acreditou em mim”, projeto desenvolvido pelo professor e Agente Socioeducativo (ASE) Artur Antônio da Silva, com o apoio do também professor de música Clóvis Benvindo.

Diferentemente do que ocorre no campo experimental, cuja atenção se focaliza em determinados aspectos do objeto, na pesquisa psicanalítica a observação dirige-se à dinâmica psíquica que subjaz ao fenômeno observado, ou seja, a uma dinâmica que é, por hipótese, inacessível à observação. Desse modo, “o que se observa são as manifestações dessa dinâmica” (ROSA e DOMINGUES, 2010, p. 185), a partir da “atenção flutuante”. A escuta e o olhar se destacam na atividade de percepção. Aqui, o pesquisador observa os processos subjetivos, incluindo-se na situação observada, e se mostra sensível aos efeitos subjetivos das trocas conscientes e inconscientes, verbais e infraverbais (QUEIROZ, 2016-2017). Além disso, o campo observacional é constituído na relação transferencial entre o pesquisador e seus interlocutores, o que significa que não há um dado prévio a ser observado, mas uma construção que vai se tecendo na e pela transferência.

Percebemos que o espaço físico da Unidade, ao invés de corresponder a um estabelecimento educacional, em conformidade às Orientações Técnicas do SINASE (2006), assemelhava-se mais a um Presídio (destinado a adultos). A maioria dos internos estavam alojados em uma área denominada de “Quadrado”, em cujo centro havia uma quadra utilizada para jogar futebol. Alguns jovens se encontravam em “ala de proteção”, por estarem ameaçados de morte por outros grupos de socioeducandos.

Apesar de a Unidade dispor de refeitório, o espaço só era utilizado pelos funcionários. Os jovens faziam suas refeições nos próprios alojamentos, por “medida de segurança”. Pensamos que a alimentação compartilhada seria uma importante oportunidade de convivência e integração entre os jovens, assim como entre os jovens e os funcionários do Centro, podendo favorecer o reconhecimento mútuo enquanto pertencentes a uma mesma comunidade, digna de usufruir dos valores simbólicos de civilidade e sociabilidade.

No primeiro dia em que assistimos ao ensaio da Banda, estavam presentes os professores (Artur e Clóvis) e 6 (seis) jovens integrantes da Banda. Apresentamos a proposta da pesquisa, sem que o tema central lhes fosse evidenciado, a fim de minimizar as possíveis interferências em suas atitudes e comportamentos. Solicitamos autorização tanto dos monitores/professores quanto dos jovens para procedermos à “observação da atividade” e só prosseguimos com a referida técnica após a obtenção da assinatura do “Termo de Acordo para Observação de Atividade” por todos os envolvidos (Apêndices B e C). Apesar do acolhimento e disponibilidade dos participantes para com a pesquisadora, percebemos haver pouca possibilidade de interação entre eles no momento do ensaio, uma vez que se mantinham concentrados na execução da atividade musical. Naquele dia, ao sair da Oficina, por conta de um início de “tumulto” na Unidade, tivemos que aguardar o final das aulas na escola para deixar o local.

Ao chegar no Centro de Internação para um segundo encontro com o grupo, tomamos conhecimento de que as atividades estavam suspensas, pois o “clima” estava “tenso” desde o dia anterior. Por recomendação de uma funcionária, saímos da Unidade, “por motivo de segurança”. Até aquele momento, pretendíamos utilizar a observação enquanto técnica de pesquisa. No entanto, as contingências do “campo” – ameaça de interdição da unidade pelo Ministério Público durante a pesquisa, frequentes “tumultos” que impediam a continuidade das atividades, pouca possibilidade de apreender relações de apoio mútuo e amizade durante os ensaios da Banda – levaram-nos a reconduzir nosso caminho, como bem descreveu Luciano Elia (1999, n.p):

(...) imagine-se um viajante caminhando através de uma floresta espessa, dirigindo-se, em sua caminhada, de modo decidido, em determinada direção, sem contudo conhecê-la; em algum ponto esta caminhada é interrompida; outros decidem prosseguir-la, e vemos que há duas formas de fazê-lo: pode-se prosseguir caminhando, a partir do ponto da interrupção, tomando qualquer direção, supondo-se que se está “prosseguindo” o caminho daquele que o iniciara, mas sem considerar a direção que até então norteava o trajeto, e pode-se proceder de modo inteiramente diferente: pode-se retomar o caminho percorrido até então, deixando-se afetar pela direção que ele tomava, e, ao prosseguir, deixar que o novo percurso seja afetado por esta direção. É óbvio que o caminho assim tomado não pode ser confundido com aquele que o viajante teria tomado caso não o tivesse interrompido (lembramo-nos de que nem mesmo ele sabia muito bem onde ia com tanta determinação). O caminho tomado pelo segundo procedimento é, em todo caso, afetado pela direção primeira. Diremos que, neste caso, seguiu-se o trilho de uma transferência (...).

Assim, deixamos de lado não somente a “observação sistemática”, como também o intento de acompanhar os jovens em outras atividades. Aproveitamos o espaço da Banda, a “transferência de trabalho” que já se fazia sentir entre nós, e demos continuidade à pesquisa. O que fizemos, pois, foi nos valer da “observação” enquanto componente presente em toda pesquisa, o que, no nosso caso, além de se prestar para aquilatarmos o “campo”, mostrou-se profícua no sentido de fortalecer os laços de confiança (transferência) entre os jovens e a pesquisadora, antes de serem formalmente convidados para as entrevistas. Destacamos que a importante função de referência ocupada pelo professor Artur para os jovens da Banda facilitou, substancialmente, nosso acolhimento enquanto pesquisadora por todo o grupo. Artur se tornou nosso “colaborador privilegiado”, não apenas nesse primeiro tempo, mas ao longo de toda a pesquisa.

Conduzida pelo desejo que nos animava e nos mantinha firme em nosso propósito, remarcamos nova data e lá estávamos para assistir a mais um ensaio da Banda. Encontramos Artur no portão de acesso ao “Quadrado”, procurando os jovens para levá-los ao ensaio. Na ocasião, tivemos a oportunidade de conversar com alguns deles, que reconheceram “a pesquisadora” e informaram que, naquele dia, dois jovens que não haviam participado do ensaio anterior estariam presentes, enquanto outros dois, que se encontravam no primeiro dia, não compareceriam. Os “novos” participantes, após serem cientificados sobre a pesquisa também aceitaram nossa presença nos ensaios e assinaram o “Termo de Acordo para Observação de Atividade”.

No terceiro dia destinado a mais um momento com o grupo na Oficina de Música, tomamos conhecimento de que não haveria ensaio, em virtude de uma palestra de Páscoa que seria realizada na Unidade por um Pastor da Igreja Batista Pernambucana. Aceitamos o convite

para participar do evento. Alguns dos jovens da Banda estavam presentes e nos cumprimentamos com um olhar ou um aperto de mão. Situações indicativas do estabelecimento/desenvolvimento de vínculo entre alguns dos jovens (Diego e John) e a pesquisadora durante esse primeiro tempo da pesquisa, incluindo a palestra de Páscoa, constam no Capítulo 4, referente à análise e discussão dos resultados.

Com a percepção de que já seria possível iniciar as entrevistas, conversamos com o coordenador geral sobre a disponibilização de sala. A Unidade encontrava-se em reforma e, por esta razão, só nos foi possível utilizar a sala destinada ao curso de Robótica, após o horário das aulas. A partir de contato com o coordenador técnico, realizamos reunião com algumas profissionais da equipe técnica, tanto para solicitar-lhes apoio no sentido de procederem ao atendimento dos jovens após a entrevista, se necessário fosse, quanto para discutir questões relativas a dois jovens (John e Felipe). As profissionais responsáveis pelo acompanhamento desses jovens avaliaram como “positiva” a participação de ambos na etapa de Entrevista.

Em seguida, agendamos com o professor Artur um novo encontro com os jovens da Banda, a fim de convidá-los para as entrevistas. Na ocasião, como referido no item 3.2, estavam presentes 7 (sete) jovens. Esclarecemos como seriam conduzidas as entrevistas, conforme informações contidas nos Termos de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndices D e E). Todavia, do mesmo modo como procedemos no momento inicial de “observação”, o tema central da pesquisa (amizade) não lhes foi revelado. Ao final, todos aceitaram participar, de uma forma muito espontânea. Combinamos que a ordem das entrevistas seria definida por sorteio.

Esse período, que antecedeu as entrevistas, aconteceu entre os meses de fevereiro e abril de 2018. Em *Diário de Campo*, foram registrados relatos, dúvidas e impressões relacionados aos objetivos da pesquisa. Tal instrumento não se prestou ao registro de “mera informação”, mas suas páginas se mantiveram abertas aos fluxos de possibilidades, à produção de intensidades, ao inédito. O produto de uma observação, portanto, mais do que uma forma de “atualizar” ou “representar” uma experiência, é “a inauguração de outra(s)” (MEDRADO, SPINK e MÉLLO, 2014, p. 281).

3.3.2 Entrevistas Semiestruturadas

No segundo tempo da pesquisa, adotamos a estratégia da entrevista qualitativa, a qual, por seu caráter interativo, permite a abordagem de temas complexos que dificilmente poderiam

ser tratados adequadamente por meio de questionários, por exemplo (ALVES-MAZZOTTI E GEWANDSZNAJDER, 1999).

Gaskell (2002) concebe as entrevistas como “um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca” (p. 73). Entrevistados e entrevistador estão, de modos diferenciados, envolvidos na produção de conhecimento, sendo a entrevista “uma tarefa comum, uma partilha e uma negociação de realidades” (p. 74).

Costa e Poli (2006) situam alguns fundamentos ou precondições para que uma pesquisa em psicanálise se produza, especificante no recurso à entrevista. Para as autoras, é necessário “que a entrevista seja pautada pelo pressuposto da transferência, o que significa a constituição de um campo relacional no qual esteja em causa a hipótese do inconsciente” (p. 17), isto é, do “insabido” [*Unbewusst*]. Não se trata, pois, de um saber prévio que estaria no entrevistado para ser colhido pelo entrevistador. No espaço transferencial, “o ‘insabido’ se expressa como formações do inconsciente” (p. 17), o que inclui o próprio pesquisador.

As referidas autoras ainda apontam uma dificuldade quando da utilização da entrevista em pesquisas exteriores ao contexto da clínica: ao contrário do que ocorre na clínica, a demanda situa-se do lado do entrevistador, o qual se dirige ao entrevistado na suposição de que ele “sabe algo” e que esse “saber” poderá ser-lhe transmitido. Nessa situação, “é preciso respeitar as condições, por vezes mínimas, de formulação de uma demanda e de produção do ‘efeito surpresa’” (p. 19). Para tanto, as hipóteses do pesquisador “devem ser suficientemente amplas e indefinidas, em um primeiro tempo, para que possibilitem ao entrevistado formular sua própria questão e responder a ela, na transferência, de forma singular, sem prescrições prévias” (p. 19). Assim, “a ‘questão’ ou ‘hipótese’ de pesquisa é uma construção elaborada *a posteriori* em relação ao trabalho de transferência. Sua formulação se faz acompanhar das respostas que foram possíveis de construir naquele contexto” (p. 19).

Em nossa pesquisa fizemos uso da *entrevista semiestruturada*, por pensarmos, com Triviños (1987), que esta, ao mesmo tempo que valoriza a presença do pesquisador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o entrevistado alcance a liberdade para seguir espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências, a partir do foco principal colocado pelo entrevistador, e assim comece a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa, enriquecendo a investigação.

Foi elaborado um *Guia de Entrevista* (Apêndice A), a fim de facilitar a abordagem das questões relativas aos objetivos da pesquisa. A condução da entrevista semiestruturada, a partir

do referido instrumental, permite a flexibilidade para a emergência de situações que devem ser acolhidas pelo entrevistador, como aquelas indicadas por Turato (2008):

1ª) *transcurso diferente*: a entrevista prossegue por uma ordem de questões diversa daquela imaginada pelo pesquisador, (...) podendo assim o sujeito falar, por sua iniciativa, sobre um tópico do roteiro antes que lhe seja perguntado;

2ª) *tópico novo*: questões não previstas inicialmente no instrumento auxiliar poderão ser verbalizadas pelo informante e ser de grande valor para serem trabalhadas no conjunto do estudo (p. 315).

Também levamos em conta as contribuições da entrevista na pesquisa cartográfica, conforme Tedesco, Sade e Caliman (2014). Para os referidos autores, “a entrevista não visa a objetos fixos (...) não coleta informação relativa a referentes ligados a mundos preexistentes” (p. 94), uma vez que “a entrevista não é um procedimento para a coleta de dados, mas sim para a ‘colheita’ de relatos que ela mesma cultiva” (p. 104-105). Nessa perspectiva, a entrevista funciona como uma conversa, “que procede por interseções, cruzamentos de linhas, agenciamentos coletivos de enunciação” (p. 110), buscando proliferar questões. Assim, para Deleuze e Parnet:

É difícil "se explicar" – uma entrevista, um diálogo, uma conversa. A maior parte do tempo, quando me colocam uma questão, mesmo que ela me interesse, percebo que não tenho estritamente nada a dizer. As questões são fabricadas, como outra coisa qualquer. Se não deixam que você fabrique suas questões, com elementos vindos de toda parte, de qualquer lugar, se as colocam a você, não tem muito o que dizer. [...] O objetivo não é responder a questões, é sair delas. [...] Uma entrevista poderia ser simplesmente o traçado de um devir (1998, p. 9-10).

As entrevistas transcorreram nos meses de abril e maio de 2018, seguindo a ordem do sorteio. Foram audiogravadas, com autorização dos participantes, e realizadas individualmente. No total, foram entrevistados 4 (quatro) jovens, pelas razões já descritas no item 3.2 deste estudo, cada um deles tendo participado de um único momento de entrevista, cientes de que a pesquisadora estava disponível para escutá-los novamente, caso apresentassem a demanda. Na ocasião, após declararem seu assentimento/consentimento mediante assinatura do TALE/TCLE, foram finalmente informados sobre o tema central da pesquisa e convidados a falar sobre sua experiência com a *amizade*, não apenas no transcurso do cumprimento da medida de internação, mas também antes do ingresso no Sistema Socioeducativo, incluindo o período da infância. Para apreendermos o contexto de violências e agressões no Centro de Internação, solicitamos que nos contassem como era a convivência entre os jovens na Unidade.

Questões referentes à família só foram abordadas quando espontaneamente trazidas pelos participantes, uma vez que identificamos, a partir da leitura dos autos do processo judicial e de informações fornecidas pela equipe do CASE, algumas dificuldades que poderiam mobilizar emocionalmente dois desses jovens.

3.4 Método para a Análise dos Dados

Este estudo está inserido no campo da pesquisa de fenômenos sociais e políticos, a partir dos referenciais teóricos da psicanálise para a interpretação do fenômeno a ser investigado (ROSA e DOMINGUES, 2010). Na perspectiva de Renato Mezan (QUEIROZ, no prelo) e de Luís Claudio Figueiredo e Marion Minerbo (2006), podemos defini-la como “pesquisa com psicanálise” ou “pesquisa em psicanálise”, distinguindo-a da “pesquisa psicanalítica propriamente dita”, a qual se restringe ao campo da clínica e exige a presença de um psicanalista.

Rosa e Domingues (2010) explicitam que a psicanálise fora do contexto da clínica recebeu diferentes denominações: “psicanálise aplicada”, em Freud, “psicanálise extramuros”, em Laplanche, e “psicanálise em extensão”, em Lacan. As autoras consideram que a escuta psicanalítica é possível em contextos diversos da clínica, como no diálogo comum, em entrevistas e depoimentos, desde que preservem os requisitos básicos da psicanálise. Pois, segundo Rosa (2004), “a transferência apresenta-se como instrumento e método não restritos à situação de análise” (p. 341), “o inconsciente está presente (...) nas mais variadas manifestações humanas, culturais e sociais. O sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende” (p. 342).

Para Iribarry (2003), o método da pesquisa psicanalítica não traz inovações quanto à escolha dos participantes, nem aos procedimentos para a coleta de dados ou aos instrumentos e materiais empregados, ficando essas etapas metodológicas a critério da criatividade do pesquisador. O que pode ser introduzido como novidade são os dispositivos metodológicos utilizados nos procedimentos de análise dos dados. O mais importante, segundo o autor, é que o pesquisador transforme seus dados em texto.

No que se refere aos procedimentos analíticos do presente estudo, valendo-nos do material advindo da entrevista com três dos jovens participantes, realizamos a *transcrição integral das falas*, a partir das gravações de áudio produzidas no momento das entrevistas. As

anotações contidas no *Diário de Campo*, assim como informações obtidas a partir dos autos processuais, foram utilizadas como dados complementares.

O material transcrito foi interpretado à luz da psicanálise, conforme indicam Figueiredo e Minerbo (2006): com uma escuta flutuante, descentrada do tema intencionado, fazendo um recorte que privilegie “temas, expressões, brechas, palavras, ou quaisquer elementos que sirvam como cunha para desconstruir o texto” (p. 263), e uma reconstrução deste texto que permita (...) criar ali um sentido novo, inesperado, produzindo uma outra verdade sobre o texto” (p. 263-264). A própria interpretação, à medida em que tramita, “funciona como eixo para a escuta/recorte de novos fragmentos, os quais, quando interpretados, terão a mesma função em relação ao material que virá” (p. 274).

Iribarry (2010) diz que o pesquisador psicanalítico utiliza técnicas específicas para o tratamento ou análise dos dados: a *leitura dirigida pela escuta* e a *transferência instrumentalizada*. No dispositivo de leitura dirigida pela escuta, o pesquisador procura identificar contribuições singulares e diferenciadas daquelas que a literatura fornece, com atenção ao desfile dos significantes que compõem o texto examinado, cujo sentido “assume o caráter de uma contribuição para o problema de pesquisa norteador da investigação” (p. 129). Já a transferência instrumentalizada é o processo por meio do qual o pesquisador se dirige ao dado de pesquisa situado pelo texto dos colaboradores (sujeitos participantes da pesquisa) e relaciona seus achados com a literatura trabalhada. Além disso, procura elaborar as impressões que reúnem as suas expectativas diante do problema de pesquisa, assim como as impressões fornecidas pelos participantes, na forma dos dados coletados.

Em nosso estudo, a fundamentação teórica foi construída posteriormente à análise dos dados, considerando as questões suscitadas pela “leitura dirigida pela escuta”. Como critério de análise, buscamos identificar, a partir da leitura dos textos produzidos, as marcas, posições e efeitos de sentido no discurso dos jovens entrevistados, considerando que nossa própria implicação subjetiva compunha esse “campo transferencial”. Também consideramos, com Rosa e Domingues (2010), que a escrita do caso envolve a construção do caso metodológico, “que transforma os registros daquilo que se apresenta como enigma em um relato, uma narrativa, uma experimentação e teorização de um campo” (p. 186). Desse modo, o “caso revela não só o pesquisado, mas também aquele que escuta e as sinuosidades do campo que transita” (p. 186). Nas palavras de Figueiredo e Minerbo (2006),

Interpretar significa olhar para o fenômeno investigado fora do seu campo habitual. O olhar do psicanalista é um olhar fora da rotina, que desopacifica o objeto. Ele ressurgue diferente, desconstruído, transformado. O sujeito também

se transforma na medida em que se torna capaz de ver as coisas que não via antes (p. 260).

Ainda com Figueiredo e Minerbo (2006), pensamos que a interpretação analítica dos textos produzidos a partir de uma entrevista segue a lógica do paradoxo “encontrado-criado” ou descoberto e inventado, presente nos fenômenos transicionais. Nessa atividade, operam as duas lógicas: a dos processos secundários (dimensão consciente) e a dos processos primários (dimensão inconsciente), de forma suplementar e interligada. É o que ocorre em toda atividade criativa, de descoberta e invenção.

Os mesmos autores enfatizam que uma interpretação é sempre provisória e parcial, por se tratar de uma perspectiva selecionada do objeto de pesquisa, e que diferentes interpretações podem ser igualmente válidas, dependendo do contexto e do uso que dela se faça. Ademais,

(...) convém que o investigador não pretenda mais do que sua investigação permite. Quando investiga na clínica, suas conclusões valem para a clínica. Quando investiga um fragmento de realidade, suas conclusões valem para o fragmento estudado. E isto já é o bastante para tornar a atividade de pesquisa em psicanálise perfeitamente respeitável (FIGUEIREDO e MINERBO, 2006, p. 275-276).

Apresentaremos, a seguir, a análise e discussão dos resultados de nosso estudo, com base na riqueza e intensidade das narrativas compartilhadas pelos jovens participantes da pesquisa no encontro com a pesquisadora.

CAPÍTULO 4

DO BANDO À BANDA: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Certa vez, numa sala onde eu estava dando uma palestra, Alain Badiou encontrava-se na plateia e seu celular (que para piorar era meu – eu havia emprestado a ele) começou a tocar de repente. Em vez de desligá-lo, ele educadamente me interrompeu e pediu que falasse mais baixo para ele poder ouvir o interlocutor com mais clareza... Se esse não foi um ato de amizade verdadeira, então não sei o que é amizade (...).

Slavoj Žižek, *Em defesa das causas perdidas* (2011, Dedicatória)

Assim como os silêncios fazem parte do ritmo musical como o fazem as notas, pode ser que em amizade seja bom às vezes calar-se por um tempo.

Goethe, Lettre à Bettina Achim Arnim, 23 février 1814, Correspondance 1765-1832 (1982, p. 210, tradução nossa¹⁸)

Neste Capítulo, oferecemos ao leitor o “coração” de nossa pesquisa, a parte viva, a fonte jorrante que possibilitou deslocamentos de sentido e incitou a produção teórica deste estudo: o encontro da pesquisadora com os “sujeitos da pesquisa”.

No intuito de guardar o devido sigilo quanto aos dados de identificação dos participantes, utilizamos os nomes fictícios escolhidos pelos próprios jovens no momento da entrevista: Diego, John e Felipe. Mantivemos, tanto quanto possível, o estilo e o vocabulário dos entrevistados. Em alguns trechos, contudo, recorreremos aos colchetes, tanto para indicar a “gramática oficial”, com o objetivo facilitar a compreensão do leitor, quanto para indicar a fala da pesquisadora. Omitimos os nomes de outros jovens (preservamos, apenas, a letra inicial) e os locais de residência mencionados. Já o nome do professor de música, Artur, foi explicitado, em reconhecimento ao valioso trabalho que vem desenvolvendo junto aos jovens da “Banda Liberdade: alguém acreditou em mim”. A unidade socioeducativa de internação recebeu, algumas vezes, a denominação genérica de CASE (Centro de Atendimento Socioeducativo), sem a referência indicativa do local.

Os três primeiros itens foram dedicados a cada jovem entrevistado. Buscamos identificar/analisar os pontos que se destacaram ao nosso olhar-escuta como “marcas” do caso.

¹⁸ *De même que les silences font partie du rythme musical au même titre que les notes, il se peut qu'en amitié il soit bon parfois de se taire un temps.*

Fizemos uso da primeira pessoa do singular, para expressar que na pesquisa psicanalítica “implicada”, o/a pesquisador/a é, também, sujeito da pesquisa. A dinâmica das entrevistas foi mantida, a fim de acompanharmos as cadeias associativas, os fluxos, as intensidades e os tensionamentos que interpelaram a escuta/escrita dos textos produzidos e analisados. Pensamos que esta é também uma forma de abertura para novos/outros olhares, um convite para que o/a leitor/a se engaje na pesquisa e possa discordar, reconstruir e avançar. No quarto e último item, retomamos a terceira pessoa do plural, o “nós”, para indicar os enlaçamentos possíveis do/nosso campo de pesquisa.

1 Diego: *Neikos e Philía*

Diego, 19 anos, oriundo de um município do interior de Pernambuco, estava internado há dois anos e dois meses (6 meses no Centro de Internação Socioeducativa /CASE selecionado) pela prática de roubo e era reincidente no Sistema Socioeducativo.

Durante o primeiro tempo da pesquisa (item 3.3.1), foi possível perceber os enlaces do “campo transferencial”, que logo se estabeleceu entre nós. Algumas situações se destacaram nesse sentido. A primeira delas aconteceu no segundo dia de Observação, no ensaio da Banda. Eu havia escolhido um local “estratégico” para sentar, de onde podia ter uma visão geral dos jovens. Mas, por estar em local próximo à caixa de som, o professor responsável solicitou que eu mudasse de lugar, “por causa do barulho”. Fui parar em uma cadeira ao lado dos jovens, em posição que muito prejudicou minha visão do grupo. Depois de um curto espaço de tempo e após dizer: “Seu ouvido deve estar doendo”, Diego tomou a iniciativa de levar minha cadeira para a porta, que estava aberta, o que acabou propiciando, além de uma visão panorâmica da sala, uma posição bem próxima ao próprio Diego. Fui colocada em uma “área intermediária”, nem fora nem dentro da sala... Sua “capacidade de concernimento”, presente neste gesto tão singelo, também foi identificada nas relações com seus pares, como veremos adiante.

Uma outra situação se deu ao final de uma palestra de Páscoa realizada na Unidade, da qual fui convidada a participar como ouvinte. Diego se aproximou para me cumprimentar com um forte aperto de mão. Além das situações mencionadas, houve uma ocasião em que estávamos na sala de ensaio apenas eu, Diego e outro jovem, antes da chegada dos demais. Foi no mesmo dia em que os convidei para as entrevistas. O professor havia saído da sala, depois que Diego lhe mostrou uma foto. Para “puxar conversa”, perguntei se era uma foto da Banda.

Diego respondeu afirmativamente e disse: “Quer ver?” Nesse momento, tivemos mais uma oportunidade de fortalecer nosso vínculo.

No dia da entrevista, a sala precisou ser arrumada e limpa por funcionários do CASE. O local me pareceu inadequado, seja pela existência de um exaustor, que certamente vazava som para a sala de uma das equipes, seja pelo elevado barulho externo, por ficar nas imediações da área de trabalho de outros funcionários da instituição. A entrevista foi interrompida por três vezes, por funcionários do Centro, por diferentes motivos. O interessante foi que Diego, decerto acostumado a essa dinâmica (ou, talvez, tomado por uma temporalidade outra), retomava sua fala exatamente do ponto em que havia parado.

Ao ser convidado a falar sobre sua experiência com a amizade, no início da entrevista, Diego perguntou: “E se eu não souber?” Sugeri que ficasse à vontade para falar o que lhe viesse à lembrança, pois não havia resposta “certa” ou “errada”, e sim como era para ele. Diego, então, conferiu um sentido “positivo” à amizade, dizendo: “Acho que é a pessoa ser feliz, né, ser alegre, conhecer as pessoa, fazer novas amizade.”

Sobre a amizade na infância, Diego destacou o lúdico, o brincar com os amigos no espaço da rua:

Era massa... eu brincar, conhecer os amigos, conhecer novos amigos, que goste da pessoa, né, como amigo. [...] Nós brincava, brincava de se esconder, brincava de altas coisas, muitas coisas nós brincava.

Afirmou que ainda mantinha contato com os amigos de infância, os quais “mora lá na rua de casa”, e diferenciou “amigos” e “colegas” ao falar sobre as amizades antes da internação: “Tinha os amigos e tinha os colegas também”. Explicou que amigo

é aquele que ajuda a pessoa, que gosta de ver a pessoa feliz. [...] dá conselho pra pessoa mudar de vida, não andar tipo na vida errada. [...] E os amigos errados não tenho mais não. Já o colega é só aquele que a pessoa diz colega só por dizer mesmo, que na hora que a pessoa tá numa situação mais difícil, não chega pra ajudar a pessoa, e o amigo é aquele que tá do lado da pessoa ali, (...) quando a gente precisar da pessoa a pessoa ajudar ele, não botar a pessoa em mau caminho, amizade que é sadia, né?

O que ele mais valorizava na amizade era “a consideração, um pro outro que tem, de considerar a pessoa de verdade e a pessoa considerar ele de verdade também”. Ser amigo de alguém, para Diego, era “ajudá-lo quando ele tiver numa situação ruim, se eu puder ajudar de outra forma, dar alguma coisa a ele pra ajudar ele, ajudar... Precisar de um conselho a pessoa chegar pra dar um conselho bom a ele, conselho de amigo, (...) ajudar a pessoa”.

Em sua fala, percebe-se que amizade, para ele, implicava consideração e apoio mútuos. A repetição do verbo/significante “ajudar” remete à possibilidade de reparação e cuidado com o outro, que fazem parte da “capacidade de concernimento” (WINNICOTT, 1963/1990). Ademais, como assinala Miriam Debieux Rosa (2016), ajudar/proteger o amigo “tem uma função apaziguadora, capaz de inscrever a distância necessária a uma assunção afetiva do próximo” (p. 179). Nos termos de Lacan (1948/1998): “(...) com sentimentos da ordem do respeito, realiza-se toda uma assunção afetiva do próximo” (p. 120).

No CASE, Diego não mantinha contato nem recebia visita dos amigos. Disse não ser possível, pois quase todos eram “de menor” (adolescentes) e um deles trabalhava. Perguntei se ele gostaria de ser visitado pelos amigos, ao que prontamente respondeu: “Nada! Para eles me verem na situação que eu tô?” Segundo ele, apenas sua esposa, de 22 anos, visitava-o regularmente. Os outros familiares mais próximos, seu pai e sua irmã, não podiam visitá-lo, por conta do trabalho, assim como o amigo mencionado. Sobre a esposa, disse:

(...) quero ter filho com ela, construir uma família, estudar. [...] Eu casei com ela na outra internação, que tem que casar pra ela poder entrar. Nós casou, foi pro Juiz e tudo, (...) pra ela poder entrar na Funase. [...] ela já fica lá em casa, mora lá em casa mais minha irmã, aí ela vem pra cá me ver, ela vai vim me ver sábado agora.

A convivência entre os jovens no CASE e a (im)possibilidade de fazer amizade na internação foram assim descritas:

(...) a convivência de nós é ... ruim, né? Ruim, assim, a pessoa quer só amizade errada. Tem amizade boa aqui dentro, um que é evangélico, mas as outras amizades é só pra coisa que não deve. Não dá não a pessoa ter amizade muito aqui dentro não, só fico só mais na minha. De amigo mesmo, verdadeiro assim, que eu confio, que a pessoa não deve confiar em ninguém, né, mas que eu confio mesmo, assim, é meus amigos, que é lá do interior também (...). Os caras que eu ando mais assim, que eu gosto e eu, assim, eu tenho pra mim que eles consideram eu também, eu considero eles, (...) nós anda junto, fica lá dentro da ala.

Para Diego, fazer amizade no ambiente do CASE “é mais fácil”, porém, não são amizades adequadas, “que... as amizade a pessoa vai arrumar aqui [...], mas boa não”. E nos explicou como se fazia amizade na internação:

A pessoa chega de boa, (...) chama a pessoa já pra dialogar, a pessoa já chega, já conversa, pergunta à pessoa de onde é, você diz, “sou de tal canto”, (...), e já volta, e já começa a ficar conhecendo. “Tu rodou por quê? Fizesse o quê?” A pessoa já vai dizendo e já vai arrumando amizade. “Rodei por isso e isso...” “Foi? E eu rodei por isso e isso também” [...] Aí a pessoa já vai começando a

arrumar amizade com tudinho. “E tu veio da onde?” (...). “Já tirou FUNASE?” “Já”. Se não tirou, “não”.

Indaguei como se escolhia os amigos lá dentro. Disse: “A pessoa conhece já, de outro canto, (...), daqui mesmo. Já conhece a pessoa e já anda com ele.” Parecia identificar-se com o outro pelo local de origem ou outras passagens pela FUNASE e pelo envolvimento com a prática infracional: “Fez o quê?”

Em situações de conflito na Unidade, Diego contava com o apoio dos “alfavor”: “Tem os alfavor que chega do lado da pessoa.” Perguntei o que era um “alfavor” e como era o apoio que eles ofereciam. Segundo Diego, são “os colega do cara”, os quais: “Já chega e já diz: ‘foi como isso aí?’ A pessoa já diz: [...] ‘me estressou, já me estressei, eu tava estressado e teve confronto aqui entre nós dois.’ ‘E foi como?’ ‘Começou assim, assim...’ aí já vai dizendo como começou.”

Depois de uma briga, em geral, os envolvidos não faziam as pazes, não voltavam a se falar. Eram transferidos de ala e, nas palavras de Diego, “cada um faz o seu.” Apesar disso, explicou que, por conta do “sistema” (das lideranças ou “comandos” dentro das alas), não havia ameaças entre eles: “ninguém pode ameaçar ninguém não, fica todo mundo calado. [...] Cada um faz mais o seu, todo mundo calado.”

Quando perguntei se ele se lembrava de alguma história de amizade para me contar, assim como no início, imaginou que deveria falar de algo “positivo”: “Negócio bom, é? Que começou e se deu bem?” “O que você conseguir lembrar”, falei. Diego, então, contou três histórias de amizade, todas vivenciadas por ele. Chamou-me a atenção o fato de as três amizades terem iniciado após um episódio de briga violenta, uma delas “de tirar sangue”, com ele disse. Na primeira história, Diego estava jogando bola em sua comunidade. Quanto àquele que viria a ser seu amigo, nas palavras de Diego: “Ele era novato lá na rua. [...] Ele de um time e eu de outro.” Os dois entraram em briga corporal, por causa do jogo de futebol. Depois de alguns dias, o colega o chamou para jogar vídeo game em sua casa, lá puderam conversar sobre a briga, falaram do quanto gostavam de estar juntos, e aí surgiu a amizade. Nas suas palavras:

Na rua. Uma amizade [...] passou uns dia. [...] Ele era novato lá na rua. [...] quando eu já morava já. Aí na rua de casa nós já fazia umas barrinha toda tarde e já ficava jogando bola. [...] Ele de um time e eu do outro. Aí um deu entrada no outro forte, aí começou brigado, nós dois, na vera. Aí depois, já separado, depois de, o quê, uns três dia, já voltou a amizade já. Já veio falar comigo, chamou eu pra jogar Play na casa dele. Eu já fui jogar Play, né, já começou. O nome dele era R. Começou a conversar, “ôxe, nós brigou, pá, mas adorava nós tá junto e pá. [...]”. Até hoje nós é compa... [comparsa?], colega.

Perguntei se ele o considerava como amigo ou como colega, atualmente:

Ele é meu amigo. Quando eu vejo ele eu falo com ele, considero ele. Uma vez ele me viu também, [...] porque ele se mudou de lá da rua lá de casa, [...] ele já foi passar um tempo lá, ficou um pouco longe, mas nós se fala, se abraça, pergunta como tá, se tá precisando de alguma coisa. Chega junto.

E contou a segunda história:

E depois já, outra amizade já foi quando eu tava lá já mais os caras soltando pipa. A pessoa arruma um monte de amizade. Os cara abria um bocado de pipa, [...], já soltando pipa brigava, pegando pipa do outro e aí ia...

Faziam amizade, brincavam e brigavam soltando pipa? Nesse momento, fiz a seguinte pontuação: “Como é isso para você, a amizade em geral surgia de uma briga, era?” Entre a surpresa e a reflexão, respondeu: “Surgia de uma briga. Eu nunca pensei...”

Logo em seguida, começou a relatar a terceira história de amizade. É interessante que, do mesmo modo que Diego realçou, no primeiro relato, que o outro era “novato” na rua, dessa vez começou dizendo: “[...] eu não conhecia nem ele.” – e aqui, também podemos escutar: “nem ele” me conhecia... A briga começou em uma fila, enquanto aguardavam a distribuição de suco. Eis sua descrição da cena:

Tinha um lá também, B., que tinha um negócio lá, [...] A mulher dava suco lá, eu não conhecia nem ele [...] Nós começou a brigar por causa da fila. Ele tinha botado uma pedra marcada assim, ó, no lugar dele. Aí eu cheguei, eu não vi ninguém, aí já peguei, tirei a pedra e fiquei esperando. O bicho pediu pra eu sair. Eu disse: “Não vou sair não.” [...] “Tu não vai sair, vou te tirar à foice”. “Tu vai me tirar à foice, que sozinho eu não saio não.” Já se pelou lá, foi um pato feio, uma briga feia mesmo, até tirar sangue do outro.

Contou que, depois disso, ele e B. se encontraram soltando pipa: “segurou na rabada e baixou o pico, fui lá buscar.” Daí começou a amizade, quando eram mais novos, após ter ajudado B. a buscar a pipa. Nesse gesto Diego demonstrou capacidade de reparação, mesmo depois de uma briga “de tirar sangue”.

Também se evidencia, em sua forma peculiar de fazer amigos, que a amizade só era possível quando, após medir força com o “adversário”, em luta corporal (“de tirar sangue”), ambos resistissem ao outro, “provando” que eram igualmente fortes e guerreiros. Nesse “critério” para estabelecer vínculo, comparece fortemente o processo de identificação, articulado à sublimação: portando a insígnia de “virilidade”, Diego podia sublimar as pulsões homoeróticas, subjacentes nas lutas/encontros corporais e, depois da luta pelo luto do objeto

(na briga, há ruptura e separação – hiância que une, que faz laço com o outro), tornava-se “amável” e podia “amar” o objeto substituto, o novo objeto: o amigo.

Foi a partir da amizade com B. que Diego começou a infracionar, por volta dos 13 anos de idade: “Nossa amizade já foi errada, que nós entrou na vida do crime junto”. Mais tarde, brigaram novamente: “Fui lá para querer matar ele, [...] ele já correu, [...] depois os cara avisou a ele por detrás, ele já saiu correndo, aí já voltou”. Perguntei por que quis matá-lo:

Ôxe, porque ele tirou sangue de mim outra vez, que eu tirei sangue dele também, aí eu tava com a chave de fenda, dei-lhe assim, aí rasgou ele aqui [...] peguei o facão já, ia entrar em atrito, mas os cara avisou e ele já saiu correndo, depois já voltou, aí depois nós já virou amizade, que isso aí nós era mais pequeno. [...] Ele começou a pegar droga, foi logo quando comecei a pegar droga também. [...] Eu tinha uns 13 anos, já comecei a pegar droga pra vender, fui conhecendo os cara novo, já andando, se chegando perto pra arrumar amizade, já comecei a pegar droga, comecei a vender, ele (B.) já vendia pra esse cara, aí nós já ficou de boa, começou a dialogar [...].

B. era seu melhor amigo na época, mas a amizade com ele foi marcada pela permanente tensão com a violência, entre afastamentos e (re)aproximações, até a ruptura: “É... (...) tamo junto, (...) nós era comparsa pra tudo, roubava, o que quisesse fazer, fazia”. E, mais uma vez, outra briga aconteceu: “Nós foi fazer uma ação, já disparou o revólver nele, sem querer, pegou nele, já, aqui na perna, de raspão, e nós já se afastou, nós ficou meio na tranca, nós era comparsa [...]”.

Por que essa amizade se tornou impossível? Na mitologia grega, traduzida por Byung-Chul Han (2017), depois de matar o belo Adônis a dentadas, o javali teria dito, com seus “dentes erotizados”, que só queria acariciá-lo. A violência, que de algum modo sempre esteve presente na relação de amizade entre Diego e B., tomou proporções cada vez mais lesivas, perdendo sua potência criativa. O movimento de (des)transicionalização dos laços, na e pela violência, certamente estancou, dada a predominância da força pulsional em sua forma invasiva e destrutiva, geradora dos processos de desligamento. Em um ambiente “impiedoso” e “retorcivo”, no qual o “espaço intermediário” se encontra encurtado, perde-se a dinâmica do jogo e a “mordida” não se transforma em “mordiscar”...

Diego continuou contando uma ação com outros colegas ou “comparsas”: “Nós rodou nesse dia.” Ele foi internado em um Centro localizado no interior do estado, mas após uma rebelião foi transferido para o mesmo CASE onde, naquele momento, estava internado (antes da atual internação). Quando foi liberado, estava “na rua” há apenas dois meses e foi chamado para conduzir a moto para um colega que ia praticar um assalto.

Não tava mais nem na vida errada, do crime [...] Só o negócio de errado mesmo que eu tava fazendo era num tá estudando mesmo, mas eu tava de boa, sossegado. [...] eu não queria mais nada dessa vida errada mais não.

Disse ao colega que não queria: “vida do crime pra mim não dá mais não, véio, não quero tá me envolvendo mais com isso não, meu pai precisando d’eu, quero trabalhar, ajudar meu pai.” O colega insistiu e Diego topou. Nas palavras de Diego, o colega era “de maior e já tinha tirado presídio e eu, FUNASE.” Diego foi apreendido pela Polícia no posto de gasolina, ao abastecer a moto. Disse aos policiais que a moto era dele, “para não dar BO [Boletim de Ocorrência] pro de maior [...] Já fomo assumindo, já pra não dar nada pro de maior: ‘Foi eu que assaltei, foi eu que botei na vítima!’ (...)” Perguntei por que assumiu sozinho a responsabilidade. “Pro de maior se soltar, pra ele não ser preso. Senão o de maior ia tirar muita tranca, muita cadeia.” Talvez Diego não tenha percebido, mas aqui ele acabou contando uma quarta história de amizade, que muito nos remeteu à constatação de Zizek sobre Badiou: “Se esse não foi um ato de amizade verdadeira, então não sei o que é amizade (...)”.

Para Diego, há amizades “boas” e amizades “ruins” ou “erradas”, estando as últimas associadas à “vida do crime”. Nesse caso, os “amigos” são chamados de “comparsas”. Segundo ele: “Comparsa é que é lado a lado, o que der pra ele dá pra eu.” Indaguei se “comparsa” era diferente de “amigo”: “É, porque assim, comparsa na vida, assim que nós tá assim, vida assim que nós tava, na vida do crime, aí quando arruma uma amizade nós chama já de comparsa. Comparsa, que faz coisa errada junto (...)” Se nem todos os amigos eram para ele comparsas, uma vez que nem todos estavam inseridos na “vida do crime”, os comparsas eram considerados amigos. Além de afirmar que confiava nos comparsas como amigos, destacou o quanto se sentia por eles valorizado, justamente pelo envolvimento na prática infracional: “[...] Os comparsas que davam valor a eu, que já conhecia eu, como fazendo coisa errada, aí dava valor assim, considerava.”

Maria Rita Kehl (2000) chama a atenção sobre o caráter necessário, e não contingente, da participação do semelhante na constituição do sujeito, trazendo ao debate o que denomina de “função fraterna”. Para Kehl, a adolescência é o período, por excelência, das grandes formações fraternas, seja entre irmãos de fato, seja nos laços de amizade. Além de conferir reconhecimento dos traços identificatórios constituídos na infância e de propiciar novas identificações exogâmicas, a fratria estabelece a cumplicidade a partir da qual “os irmãos conspirados” se autorizam a experimentar as proibições das figuras de autoridade. Nesses atos transgressivos, não se trata de “perversão” ou do apelo à intervenção paterna, característico das “delinquências por sentimento de culpa”, mas de “moções de liberdade legitimadas pelo grupo,

que possibilitam o enfraquecimento do poder de verdade absoluta que a palavra paterna tem na infância” (p. 41).

Khel (2000) também ressalta que “a saúde das fratrias depende de que elas tenham vida curta” (p. 45), pois sua cristalização “produzirá fatalmente a segregação e a intolerância, em nome do narcisismo das pequenas diferenças” (p. 45). A condição fundamental da convivência fraterna é a semelhança na diferença. Porém, quando as fratrias se transformam em círculos fechados de proteção imaginária, podem produzir uma “gangue”, uma “seita” ou um “clã”. No entanto, com base nas *“Leçons psychanalytiques”* de Paul Laurent-Assoun sobre o laço fraterno, Khel considera “a fratria como matriz da philia – os laços de amizade formados a partir de afinidades eletivas” (p. 43), o que significa que as relações fraternas não estão condenadas às rivalidades e ciúmes insolúveis.

A partir da narrativa de Diego, observamos que a identificação com o grupo fraterno pelo envolvimento com a prática infracional, pelo menos no espaço do CASE, parecia uma construção frágil, não sendo suficiente para tecer laços de amizade com outros jovens do Centro. Por outro lado, fora da internação, podemos dizer que, para ele, havia amizade no meio infracional, pois suas relações com os “comparsas” eram baseadas no reconhecimento mútuo e na confiança.

Sobre a convivência entre os jovens na Unidade, contou já ter passado por cinco rebeliões: “[...] levei tijolada (...) quase que eu morria nesse negócio”. E assim expressou seu sofrimento:

Tem vez que a cadeia deixa a pessoa muito estressado, a pessoa fala besteira. Tem vez mesmo que eu fico atacado lá dentro, tudo. O cara tá há muito tempo preso, dois ano e dois [meses], a pessoa a fim de ver a rua, ver a família da pessoa, a pessoa fica muito estressado porque demora também a ter visita, fica longe, fico chorando. Só não choro na frente dos cara, pros cara não ver, porque os cara: “Isso é o quê? Isso é menina, é?” [...] Fico lá mostrando meu dia a dia, fazendo o meu, pros cara não ver, mas tem vez que bate os castelo, já, vou pra minha bucha [colchão], me enrolo (...) quando tô dormindo, começo a chorar lá. [...] A pessoa só pensa na liberdade mesmo aqui, ir embora, quanto mais rápido melhor [...].

Diego também compartilhou a sensação de medo dentro do CASE: “Não vou mentir não, dá medo... E às vezes num dá. Dá medo assim da pessoa morrer, né, ter um negócio (...)”. Nesse momento, interroguei se era importante, se fazia diferença para ele ter amigos ou não enquanto estava lá dentro.

Eu nem ligo muito pra isso, de amigo, assim... a pessoa tá lá dentro, ter amigo, não. Os únicos amigos que eu considero no momento é esse que eu falo à senhora, X., N., que é do interior (...) também, eu gosto dele, assim, como amigo já, ele me ajuda, (...) a pessoa dorme com ele, ajuda a pessoa, os abençoado, gente que tá ali na Banda, ajuda a pessoa, você chega lá, conversa, a pessoa também, quando tem visita, ajuda ele, com um negócio ou outro, ali é meu amigo de verdade que me ajuda na hora que eu preciso, eu ajudo ele na hora que ele precisa, nós tá sempre junto ali, o que nós vai fazer, nós pensa. Somente... Mas fora, outro, não considero ter amigo não.

Se, por um lado, cita alguns jovens do mesmo “interior” e os da Banda como amigos, por outro, diz não confiar inteiramente em nenhum deles: “Enquanto tô aqui dentro é importante, assim, né, que a pessoa conversa, dialoga, assim, (...) mas amigo assim verdadeiro não, é só amigo naquela, amigo que não confia em ninguém, mas dá pra ir levando.”

No “ambiente impiedoso” do CASE, é compreensível que se tenha medo – medo de morrer, medo dos outros. Parece que a sensação de estar contido (*Holding*) só acontecia no “espaço intermediário” da Banda e, de algum modo, com alguns jovens do mesmo “interior”.

Mas, “lá fora”, Diego tinha um amigo em quem podia confiar:

Assim amigo de verdade mesmo, que eu considero lá no mundão, é A. A. é amigo que é já meu irmão (...), assim, que ele é gente boa, nunca fez maldade com ninguém, nunca mexeu com nada de errado, trabalha, dá conselho pra pessoa mudar, esse aí eu confio porque eu sei que ali não vai gerar nenhuma maldade pro meu lado.

Perguntei há quanto tempo ele e A. eram amigos:

Ôxe, quando eu era desde pequenininho. Nós brincava junto, ele, as irmãs dele, M., tudinho nós brincava junto. Só quem deu de errado foi eu. Esses amigos que eu tenho eles estudam, trabalham. Somente esse B. mesmo que é da vida errada, que eu disse pra senhora que entrei na vida do crime por causa dele. Somente ele mesmo, mas o resto tudinho estuda, trabalha.

Diante de seu relato nos dois últimos trechos, é possível observar que nem todas as amizades de Diego foram construídas a partir da violência.

Em contraponto à amizade com A., referiu-se aos “amigos” do CASE, mostrando que saber conviver não significava amizade e que, para ser amigo, era preciso confiança:

Mas não sei se esses amigos que eu tenho aqui dentro, assim, que diz que é amigo, né, que eu digo que é amigo, tá aqui convivendo com ele, que a pessoa não vai dizer que ele é inimigo da pessoa, ele convivendo com a pessoa, a pessoa diz que é amigo. Mas, do outro lado, não é amigo não, né. Não considero, não confio, né.

Diego também falou, espontaneamente, sobre suas relações familiares, o que suscitou, a partir da transcrição e leitura do texto produzido, questões relevantes que não tinham sido percebidas durante a entrevista. Eu havia perguntado, na intenção de saber se ele tinha outros irmãos: “Só tem tu e tua irmã, é?” Diego incluiu aí o pai e começou a falar sobre o “abandono” por sua mãe biológica:

Eu, minha irmã e meu pai, porque minha mãe não me criou não, não tive mãe não, porque quando eu era novinho ela me abandonou, aí meu pai já tomou a guarda dela, porque ela me abandonou. Eu vivia mijado quando era pequenininho. Aí eu já fui crescendo na casa, de mão em mão, já fui pra casa de minha tia (...).

Contou que foi amamentado pela tia, juntamente com a prima recém-nascida: “(...) no mesmo tempo que eu ela teve uma menina, aí amamentava eu e ela, porque eu ainda tava no peito ainda, da minha tia (...)”. Aqui, talvez se referindo ao fato de ser ainda uma criança “de peito”, isto é, que ainda estava sendo amamentado pela mãe ao ser por ela “abandonado”, acabou dizendo: “tava no peito ainda, da minha tia”. Mas Diego não demonstrou ter uma relação muito próxima ou afetiva com essa tia. Se ela serviu como “substituto materno”, parece ter sido apenas na função de amamentá-lo, dividindo o leite da própria filha. Sua fala tinha mais um tom de queixa, por não ter sido criado/cuidado pela mãe e assim ter ficado “de mão em mão” (de mãe em mãe ou sem mãe?). Quanto ao pai nessa história, disse:

Aí meu pai trabalhando, sem poder, acho, que de cuidar de mim, porque ele tinha que trabalhar, que era firma onde ele trabalhava (...), aí ele já deixava eu com minha tia, porque minha mãe tinha me abandonado, deixava eu mijado, esse negócio, não trocava nada (...) deixou eu mijado quando eu era novinho, aí meu pai tomou a guarda, aí deixou eu rodando, por casa da minha tia, e assim eu fui, por casa da minha tia, do meu tio, de mão em mão, aí já meu pai arrumou uma mulé, já, eu novinho.

Diego, ao mesmo tempo, justifica o fato de seu pai não poder cuidar dele, porque “tinha que trabalhar”, e reclama ou o responsabiliza: “aí deixou eu rodando”, “de mão em mão”. Além da mãe, que o deixava “mijado” e “não trocava nada” (embora tenha se referido às fraldas, a frase fala por si...), e da tia que o amamentou, teve uma madrasta que o maltratava. Assim falou dela quando perguntei se ele tinha outros irmãos:

Tem, mas é por parte de madrasta, assim, por parte de mãe, porque... ela não é minha mãe não, que meu pai arrumou uma mulé, agora se separou, passou 13 anos casado com ela. Mas eu não conto que ela é minha mãe, que ela só fazia judiar, dar n’eu [...] Era a mulé dele, já começou a cuidar de mim, aí eu fui crescendo, ela já tinha três filhos, tinha uma menina e dois meninos. [...]

Ela já só dando em mim, eu pirraía. [...]. Ela batia em nós, botava nós de castigo, deixava nós passar fome, maltratava. [...] Já fui crescendo mais, crescendo, “oxe, essa bicha não vai dar mais em mim não!” Já fui me revoltando.

Diego começa se referindo aos filhos da madrasta como irmãos “por parte de mãe”, mas logo assevera: “ela não é minha mãe não”, “não conto que ela é minha mãe, que ela só fazia judiar d’eu”. Diz, porém, em seguida: “Era a mulé dele [do pai], já começou a cuidar de mim”. Cuidava e maltratava, cuidava maltratando...

Importa ressaltar como suas experiências afetivas iniciais, com as figuras de quem se espera cuidado e proteção, foram marcadas por toda sorte de violência e de sofrimento. Não parece por acaso que, para Diego, a amizade, não raras vezes, brotasse da violência. Começar sofrendo fisicamente estabelecia cumplicidade. Para ser seu amigo, era preciso passar por um momento iniciático, um “batismo de sangue”, para se dar conta de que o outro sofreu também, de que era capaz de suportar o sofrimento e de sobreviver. Daí lutar até “tirar sangue”, alegrar-se com a sobrevivência do outro e aí encontrar um amigo. A possibilidade de amizade/ternura após uma briga violenta também indica, a partir de Freud, ter entrado em operação os processos intermediários do pré-consciente/eu, como a inibição/sublimação das pulsões destrutivas.

Ainda sobre o contexto familiar, com o pai e a madrasta, disse:

Eu avisava a meu pai, meu pai não acreditava, pensava que eu tava mentindo. [...] até que meu pai já pegou ela dando n’eu. Aí meu pai: “Vá, faça isso não com o menino!” Brigaram os dois, discutiram. Até deixar a pessoa passar fome deixava. [...] Aí fui criando uma mágoa, mágoa, mágoa, e eu dizendo a meu pai: “Ó, meu pai, ela tá com outro cara, eu vejo, eu vejo”, [mas meu pai], apaixonado demais por ela, ele pensava que eu tava mentindo, tinha vezes que ele dava em nós, que nós tava mentindo. Foi criando tipo uma guerra dentro de casa. (...) depois já tiraram uma foto dela se beijando com o cara, já mandou pra ele pra ele ver que era verdade, já, de outra pessoa, de outra família, já mandou, ele acreditou. “Eu não quero mais você aqui dentro de casa!” (...) começou a acreditar em nós.

Depois disso, a madrasta foi morar em outra cidade, enquanto o pai:

(...) ficou lá em casa, aí ficou uma briga, aquela confusão, e eu dentro de casa, eu pirralha já botando na mente, ôxe, (...) eu tinha só amor de pai, porque meu pai pra mim é minha vida, se acontecer alguma coisa com ele vai acontecer comigo. Aí ele já voltou pra ela depois disso, de novo já, (...), já foi pra lá, aí já viu que eu tava dando dor de cabeça já. “Olhe, não saia de dentro de casa”, “Tá certo”. Quando ele saía, (...) eu já saía, já ia fazer coisa errada, aprontar, já chegando os fax, as ideia (...) que eu tava aprontando já (...).

Se o amor do pai era tudo o que ele tinha – “eu tinha só amor de pai, porque meu pai pra mim é minha vida” – dividi-lo novamente com a madrasta, que o maltratava, traía seu pai e gerava um ambiente de “briga” e “confusão”, levou Diego a dar “dor de cabeça” ao pai, a fazer “coisa errada”, a “aprontar”, e diríamos, a “afrontar”, pois, ao que parece, aprendeu a “se defender” da madrasta:

Teve uma vez lá que nós tinha discutido, eu e ela, ela veio querer dar em mim, aí eu peguei a mão dela assim e disse: “Ó, você dava em mim quando eu era pequeno, agora você não dá mais n’eu não (...), não sou mais aquela criança não, se a senhora der vai levar”, eu disse. Ela começou a chorar, “ah, vou ligar pro seu pai”. Eu digo: “Por que a senhora não liga? Ligue e mande ele me buscar!”

O pai foi buscá-lo, ele voltou para sua cidade natal e lá encontrou B., o amigo com o qual ingressou na “vida do crime”: “Já voltei, ideia errada, encontrei esse B., já comecei...” Com Jean-Marie Forget (2011), pensamos que a “saída” pela via infracional pode ter sido uma resposta de Diego à falta de legitimidade de sua fala diante do pai: “Eu avisava a meu pai, meu pai não acreditava, pensava que eu tava mentindo”. Para o autor, crianças e adolescentes “encenam as falas que não podem fazer ouvir” (p. 8) e,

renunciando a se fazer ouvir, não sabendo a quem se dirigir para denunciar a falha de seus interlocutores, os adolescentes encenam, ao mesmo tempo, a falta de legitimidade dos adultos e os sofrimentos que resultam disso, sob formas de colocar em ato, de agir, ou de transtornos do comportamento (2011, p. 8).

Em seu discurso e em suas ações, escutamos o apelo por um adulto de referência, um “interlocutor confiável” (FORGET, 2011), capaz de sancioná-lo e, ao mesmo tempo, de ouvi-lo e de compreendê-lo. Foi nesse momento de desvario – “ideia errada” – que Diego encontrou novos amigos, ainda que envolvidos com a “criminalidade”.

Também notamos, na produção discursiva de Diego, a insistência do termo/verbo/significante “rodar”. Rodar, no sentido de “cair” ou “ser pego” pelo ato infracional e assim entrar no sistema socioeducativo, foi verbalizado em dois momentos, como podemos observar em dois trechos de sua fala, anteriormente citados: no primeiro, apareceu como uma forma de fazer amizade no CASE, a partir do traço identificatório de “infrator”:

“Tu *rodou* por quê?” “Fizesse o quê?” A pessoa já vai dizendo e já vai arrumando amizade. “*Rodei* por isso e isso...” “Foi?” “E eu *rodei* por isso e isso também” [...] Aí a pessoa já vai começando a arrumar amizade com tudinho.

Em seguida, surgiu quando Diego contava sua ação delituosa com outros jovens:

(...) “agora não vou fumar maconha não, que eu já fumei droga, já fumei maconha, já bebi, tomei uma”, já fui roubar, já tava drogado, muito doido, já bebido demais [...] já botou quatro em cima de uma moto, roubaram outras motos (...) nós *rodou* nesse dia.

Paula Barros (2015), em sua Tese de Doutorado “*Eu vinha rodando pela rua*”: *Que ponto de ancoragem para o sujeito adolescente em situação de rua?* – também encontrou, na fala de um dos adolescentes por ela entrevistados, o significante “rodar”, como indicado no título da referida Tese. Em nosso estudo, no caso de Diego, foi possível girar essa “roda” para o tempo de sua primeira infância e assim entender/indagar: não foi seu pai que o deixou *rodando*, “de mão em mão”, depois de “tomar a guarda” da mãe?

Aproximadamente dois meses após a entrevista, Diego foi liberado da internação e voltou para o “mundão”. Que a força da música e da amizade, e também as possíveis interrogações suscitadas em nosso encontro, estejam presentes em seu caminhar...

2 John: Amigos de brincadeira e amigos de infração

John completou 18 anos no dia seguinte à entrevista. Nascido em um município do interior de Pernambuco, estava internado há aproximadamente sete meses, pela prática de homicídio. John pouco falou sobre seu contexto familiar durante a entrevista. Foi por meio de informações contidas nos autos do processo de execução de medida socioeducativa e a partir de conversa com a equipe de referência e com o professor de música do Centro de Internação que pude conhecer alguns pontos cruciais que marcaram sua história. Por questões éticas, a maior parte das informações foram aqui omitidas.

Destaca-se uma peculiaridade em seu ato infracional: foi perpetrado contra uma pessoa de sua família. Por esta razão, em visita domiciliar realizada, a equipe técnica escutou de seus familiares e vizinhos: “A gente não quer ele aqui.” O jovem, portanto, não recebia visita nem mantinha qualquer tipo de contato com a família.

John ficou órfão de pai e de mãe aos sete anos de idade. Sua mãe faleceu em decorrência de problemas cardíacos. Uma semana depois, o pai morreu em acidente automotivo. Após a morte dos pais, morou alternadamente com vários parentes, mas nunca passou por acolhimento institucional nem ficou em situação de rua. Consta nos autos que John teria verbalizado a saudade dos pais falecidos e o quanto se sentia “abandonado”. Nenhuma figura de afeto foi

indicada/encontrada por John quando indagado a respeito pela equipe do CASE. Diante de sua queixa por “não conseguir dormir à noite” e pelo sofrimento que lhe advinha da “falta de vinculação afetiva com alguma pessoa”, John foi encaminhado para avaliação psiquiátrica. Não foi identificado transtorno mental.

Na Unidade Socioeducativa, foi mencionado pela equipe que John estava “adaptado” às regras e rotina da Unidade e que apresentava bom relacionamento com os outros internos. Por professar a fé Evangélica, exercia o papel de “Bênção”, os outros jovens o chamavam de “abençoado” e o procuravam para lhes “dar a palavra”. Aos “Bênçãos” era permitido, por aqueles que exerciam o papel de “liderança” nas alas e eram designados de “Comandos”, não participar de rebeliões, mas, nessas situações, deviam ficar nas alas, orando pelos demais. Ainda segundo a equipe que o acompanhava, John “gosta de conversar” e “cobra atendimento”: “Não vem me chamar?” Também enfatizaram sua relação com o professor Artur, responsável pela Banda, o qual foi referido como uma importante figura de referência para o jovem.

Decerto a transferência/confiança de John em relação a Artur facilitou nosso encontro. No primeiro tempo desta pesquisa, sua primeira interação comigo se deu através do olhar. Ao tocar o Triângulo durante o ensaio, o bastão (batedor) lhe escapou da mão e caiu no chão. Ele o apanhou rapidamente e continuou tocando. Nesse ínfimo instante, lançou-me um olhar jocoso, como que a compartilhar a graça da situação ou do gesto, que não foi percebido pelo professor. Sorrimos um para o outro. Ao final do ensaio, falei que estaria lá na próxima semana. John, ao sair da sala para ir à Escola, passou por mim e disse: “Pode vir.” Senti-me acolhida por John e pelo grupo. No dia em que convidei os jovens para o momento de Entrevista, enquanto os aguardava na sala e fazia alguma anotação, John posicionou-se de pé, na minha frente, até que eu olhasse para ele. Mais uma vez, convocou-me pelo olhar. Quando o fiz ele me cumprimentou. E foi o primeiro a dizer que aceitava participar da entrevista.

Apesar de colaborativo, durante a entrevista John respondia as questões com rapidez, sem deixar muito espaço para desenvolver as ideias ou para novas elaborações. Procurei estimular a sua fala, mas a impressão que tive, tanto no momento da entrevista quanto posteriormente, ao escutar a audiogravação, foi de que estávamos em um jogo de “perguntas e respostas”. De todo modo, nesse “ato-jogo” (ROUSSILLON, 2006), John compartilhou sua experiência com a amizade: “Alegre, sempre bom uma pessoa de bom caráter do lado da pessoa e sempre junto nas horas boas e nas horas difíceis”. Para ele, amizade significava “gente de bom humor, gente de caráter, gente que sempre tá como parceiro, do lado, sempre caminhando do lado da pessoa e sempre pra o que der e vier”. A amizade, para John, estava relacionada à

alegria, ao bom humor, à parceria. No entanto, não havia encontrado amigos assim após a internação.

Já na infância, afirmou ter vários amigos, com os quais “brincava, fazia várias coisas. Muitas”. Brincava “de bola, bolinha de gude, de carro, corrida”. Segundo ele, a amizade era “normal, mas tinha sempre um que era mais chegado ao meu lado”. Até ser internado, John mantinha suas amizades de infância, que eram “nascido e criado” (juntos), “do mesmo bairro, mesma rua”. Disse que não era possível receber visita de amigos na Unidade, mas, do contrário, gostaria de recebê-los, “pra conversar, botar os papo em dia”.

Contou que, além desses amigos, chegou a fazer novas amizades durante os sete meses de residência em outro município: “Mas não foi que nem as que eu já tinha. Foi só amizade por um tempo”. John não se considerava, naquele momento, amigo de ninguém e assim justificou sua resposta: “Tô há muito tempo afastado já, desde quando fui preso não tive contato ainda. Não sei quando eu sair, não sei se vou ter o mesmo contato com eles”. Perguntei se ele achava que mudaria alguma coisa quando voltasse: “Sei não. Pode mudar ou *não pode mudar* [grifo nosso]. Mas sei que eu vou ter a mesma amizade”. Mesmo sem saber se encontraria a reciprocidade dos laços com os amigos de outrora, em sua fala John expressou que a amizade podia resistir ao tempo e à distância, ao mesmo tempo em que pareceu enunciar, no trecho destacado, o desejo de que as antigas amizades permanecessem, de que nada deveria mudar: “não pode mudar”.

Sobre amizade no Centro de Internação, prontamente advertiu: “Dentro de um lugar desse a pessoa não tem amigo não”. [Tem não?] “Tem companheiro, que veve [vive] dia a dia com a pessoa”. [E como é ser companheiro aqui?] “(...) que tá sempre do mesmo lado da pessoa, mora na mesma cela, conversa, mas não é aquela amizade que nem gente da rua não, que sempre viveu do lado da pessoa não”. Com os “companheiros” do CASE, não existia uma relação de intimidade e confiança: “[...] Só conversa do que já fez, mas conversa pra chegar íntimo eu não tenho não”. Assim como Diego, John afirma que não é possível ter amigos em um “ambiente impiedoso”, só companheiros.

Para John, não fazia diferença ter ou não ter amigos no CASE. Ele pensava que o ambiente da internação dificultava que se constituíssem laços de amizade, “porque sempre nem todo mundo concorda, é um querendo ser mais do que o outro. Não se bate não, num, sempre não, não se bate do mesmo jeito as ideias não”. Disse que era possível conversar, “mas poucas conversas (...) só conversando o mais necessário”, e que os conflitos se resolviam “normal, conversando, nas ideias”. Nas situações de conflito ele ficava “normal, só ouvindo. É ouvir mais

e falar menos. [...] Eu tento mais não me envolver. Fico mais na minha, só...” Até aquele momento, John não havia precisado de apoio dos companheiros nesse sentido, pois, além de não ter se envolvido em situações-limite, preferia manter-se sozinho: “(...) que eu fico mais na minha, só conversando. Mas nem todo dia, nem de instante em instante não. Prefiro mais tá assistindo televisão do que tá junto conversando”. John dividia o alojamento com mais cinco jovens e sobre o sentimento de confiança por eles, disse: “Confiar confia, né, mas não é aquela confiança, confiança não”. Parecia haver uma espécie de confiança circunstancial, sem uma crença na estabilidade em poder se fiar no outro. Solicitei que me contasse alguma história de amizade:

Era eu e mais dois amigo meu. Tudo era eu e eles dois. Se era pra sair pra uma festa, era eu e eles, eu e mais dois, dois amigo que eu tive. Depois um shopping, um cinema, era só eu, ele e outro. Sempre a gente. Se era pra ir pra uma praça, era eu, ele e outro. [...] tudo era nós três. Se era pra brincar a gente ia, se era pra conversar... sempre tava nós três.

Comentou que quando se soltasse repetiria as mesmas coisas, que continuaria “a mesma amizade. E mudar de vida, né?” Questionei se amizade era importante para ele.

É... Mas nem todas amizade. Tem uma que... né muito boa não. (...) nem todas amizade presta não. Tem umas que presta, tem outras que não presta. [...] Eu se [me] envolvi com gente que dizia que era amigo da pessoa, mas só pra aprontar coisa errada. (...) Tipo roubar, traficar, ir buscar droga. (...) Aí diz que é amigo. Mas quando, se é pra pessoa cair num lugar desse, não tem amigo certo. Poucos estão do lado da pessoa. [...] Agora, tem dois, tem três que eu posso contar com ele, que é pra tudo, que é os que eu sempre vivi com eles, do lado deles.

John diferenciava os amigos de brincadeira e os amigos de infração:

Tem uns que eu separava, né, tem uns que eu já vivia com outros já pra fazer tipo ato infracional. Mas outros, não, outros eram mais na deles, só pra sair, brin..., conversar, brincar, ir pra um cinema, pro shopping... Aí a pessoa contava. Agora pra sair pra umas festa com esses que eu ia fazer coisa errada eu não saia não. Só saía mais com os normal.

Seria o infracionar junto/com diferente do brincar compartilhado? Ao contrário do pensamento corrente, que inclusive permeia o discurso dos próprios jovens, haveria amizades “boas” e “ruins”, sendo apenas as primeiras consideradas como “verdadeiras” e “criativas”. No entanto, como indica Winnicott (1951/1975), os fenômenos transicionais se difundem “por todo o território intermediário entre a ‘realidade psíquica interna’ e ‘o mundo externo, tal como percebido por duas pessoas em comum’, isto é, por todo o campo cultural” (p. 19) e, neste

ponto, amplia-se “para o do brincar, da criatividade e apreciação artísticas, do sentimento religioso, do sonhar, e também do fetichismo, do mentir e do furtar, a origem e a perda do sentimento afetivo, o vício em drogas, o talismã dos rituais obsessivos, etc.” (p. 19).

Sobre os amigos de infração, de acordo com as “pistas” deixadas por John:

Eu vivia com eles, né. Todo dia, antes de ir pro serviço eu passava por eles, conversava, usava droga, mas pra viver, viver mesmo junto deles eu não vivia muito não. Só pra quando eu ia fazer alguma coisa. Aí eu vivia. [...] Mas quando a pessoa cai aqui, aí a pessoa vê quem é amigo e quem não é.

Queixou-se de que todos se afastaram dele depois da internação. Em seguida, pareceu relativizar o que havia dito: “Uns virou as costas, virou contra eu, agora outros não”. O que John mais valorizava em uma amizade: “Parceria. Gente que tá junto, do lado da pessoa. Aí a pessoa valoriza, aí é amizade. Mostra, que diz que é amigo, mas na hora que a pessoa tá mais precisando vira as costas. Que amizade é essa?”

A decepção, o sentimento de ter sido abandonado pelos amigos (de infração) depois da internação, indicam que é possível encontrar amizade no “bando”. Conforme Jean-Louis Le Run (2006), entre as relações de pares, o bando é uma especificidade da adolescência, mesmo considerando que nos países em situação de pobreza as crianças, desde cedo, entregues a si mesmas, tendam a se reagrupar. Uma das funções do bando é a proteção. As relações no interior desses grupos podem tomar múltiplas formas, que vão de um simples bando de companheiros a uma “gangue” delinquente organizada. Para o autor, os laços do bando podem ser o cadinho das amizades. De fato, na realidade dos jovens brasileiros “em conflito com a lei”, em geral oriundos da periferia, vivenciando as mais diversas formas de exclusão social e violação de direitos, não raras vezes, aqueles que ingressam no Sistema Socioeducativo possuem vínculos familiares fragilizados ou rompidos, sendo comum encontrarem apoio e amizade em seus grupos de pares, ainda que envolvidos com a prática infracional.

Le Run (2006) sublinha que uma das questões do sujeito adolescente é a necessidade simultânea de “mesmidade” e de diferenciação, sendo o bando uma oportunidade de reunir-se entre semelhantes e, ao mesmo tempo, destacar-se uns dos outros. A aprendizagem de si a partir do olhar do outro permite descobrir a própria singularidade. Além da proteção, o bando é lugar de fusão, espelho identificatório, segurança, força, mas também de excitação, licença à transgressão e ao descentramento em relação à família. O bando é, ainda, o depositário simbólico das partes mais arcaicas do eu, preservando, assim, o sujeito. A participação no bando é, na maioria dos casos, efêmera. Dura o tempo necessário ao espaço interno de cada um, sendo,

então, progressivamente desinvestido. Deixa lembranças mais ou menos perecíveis e, às vezes, amizades.

O referido autor também indica que os jovens não são completamente dependentes do bando e podem cultivar outros laços. Parece ter sido o caso de John, que transitava entre os “amigos de brincar” e os “amigos de infracionar”.

Na literatura “marginal” de Ferréz, também encontramos exemplos de amizade entre jovens da periferia de São Paulo. Em *Capão Pecado* (2005), acompanhamos a trajetória de Rael com seus “manos”, habitantes de Capão Redondo, “lugar por Deus abandonado e pelo Diabo batizado de Capão Pecado”. Em um cotidiano de miséria e violência, Rael chorou a morte de seus amigos de infância, assassinados pelas “tretas” do tráfico de drogas. Porém contava com a amizade de Matcheros, Cebola, Panetone, Amaral, Capachão, com os quais compartia as ruas de terra, os esgotos a céu aberto, as mazelas da injustiça social, a criminalidade, mas ainda, e sobretudo, seus sonhos...

Com sua narrativa, John põe em relevo que a amizade é um laço que se faz com o outro pela parceria, seja nas “boas” amizades (amigos de brincar) ou nas “ruins” (amigos de infracionar). O que muda são as consequências dessas diferentes relações. A amizade para John parecia, pois, ligada à referência do *alter ego*, em sua dupla face de *daimôn* (PONTALIS, 2009¹⁹): “aquela de uma voz que inspira” (p. 148) e “a de um gênio travesso que se desgarra” (p. 148) e instiga a “aprontar coisa errada”.

Em nenhum momento da entrevista John mencionou os adultos de sua família. Contou que tinha quatro irmãs e dois irmãos. Desses últimos, um estava preso e o outro foi assassinado. Disse que só era “unido” com uma irmã mais nova, com o irmão que estava “preso” e com os sobrinhos: “Com o resto eu não era unido não [...] Com os outros era só conversa de irmão. Normal e pronto”.

Entre os irmãos e os amigos, falou que contava mais com os irmãos quando precisava resolver algum problema, mas era com os amigos que tinha “conversa particular”. Também disse que tem um inimigo, “um cara rival”, por ter “arrumado confusão” após a morte do irmão: “E eles começou essas confusões depois que mataram meu irmão. [...] Eu arrumei essas confusão, mas antes de matarem meu irmão não tinha não”.

Observa-se que John também diferenciava “irmãos” e “amigos”. Com a perda prematura dos pais, e na ausência de adultos de referência que pudessem minimamente substituí-los, John

¹⁹ (...) *celle d'une voix qui inspire (...), celle d'un malin génie qui fourvoie (...)*.

só contava com sua “fratria órfã” e com os amigos? Teria sido sua “fratria” uma matriz para a *philia*, tão presente em sua fala, em sua história?

Sobre a convivência com os integrantes da Banda, fez o seguinte comentário:

É que nem o professor diz, né, quando tá todos junto, é uma família. Agora quando tá pro lado da ala, pode ser o que for. Que quando tá na banda é uma alegria, né, a pessoa esquece até do tempo, até onde tá. E quando no dia acaba o ensaio, acaba a banda, voltar pra ala, aí vem...

Ainda conversando sobre a Banda, percebi a importância desse espaço para John, sobretudo pela possibilidade de transitar entre o CASE e a rua, ainda que o retorno lhe causasse sofrimento:

Dá pra distrair a mente e esquecer um pouco das coisa. Mas quando vai pra viajar tá tudo alegre, mas quando volta e chega aí de frente da unidade. [...] é ruim demais. Chega vem na mente, assim, preso de novo, não sabe nem quando é que vai sair, nem quando é que vai ter outra saída, pra ir ver a rua, né. Mas fazer o quê, se procurou. Procurou, agora vai ter que tá aqui, cumprir.

Perguntei como ele se sentia quando se apresentava ao público com a Banda, “lá fora”:

Se [me] sinto alegre. Chega vem um sorriso no rosto, a pessoa esquece do que passou. Mas depois vem tudo na mente de novo quando a pessoa volta pra cá. A pessoa nunca esquece do que passou não, nem do que tá passando. Cadeia é pra doido. Isso é lugar pra ninguém não! Aí a pessoa dá valor à liberdade, quando a pessoa tá num lugar desse.

Os três últimos trechos de sua fala indicam que o espaço da Banda funcionava como uma “terceira área da experiência”, área de repouso que lhe permitia “um sorriso no rosto”, esquecer “do tempo”, de onde estava, “do que passou”. No entanto, a sensação/percepção de estarem juntos como “uma família” (não se referiu à amizade) encerrava-se quando o grupo se dissolvia no “ambiente impiedoso” da internação socioeducativa. Quando retornavam para a “ala”, como disse John, “pode ser o que for”, isto é, não dava para prever, não dava para confiar...

No CASE, além da Banda, John participava das aulas de Discipulado oferecidas por uma Igreja Evangélica. O professor de música, Artur, também é evangélico. Teria John, finalmente, encontrado um adulto de referência, um “interlocutor confiável”, revestido de insígnias “paternas” com as quais podia se identificar? Ou seria Artur um novo amigo? Em *La passion dans l'amitié* (2005), Danièle Brun ressalta que, em um contexto de tensão interior, provocada pela ausência de pessoas próximas, um amigo privilegiado pode surgir enquanto

representante da permanência do “pai ideal” da primeira infância – lugar de apoio e reconforto nos momentos necessários.

Apesar das dificuldades enfrentadas, percebo, em John, uma construção fluida e preservada do “espaço intermediário”. O brincar e a capacidade de fazer amigos, constituídos na infância, permaneceram. Ao falar sobre a relação com os amigos, destacou-se o “viver com”. Para ele, amizade era “parceria”, “bom humor”, estar “junto nas horas boas e nas horas difíceis”. Com os “amigos de infração”, conversava todos os dias, antes de ir trabalhar. No “infracionar-com”, se havia violência (roubo), era externa ao grupo. No CASE, sua participação na Banda e no Discipulado revelava o trabalho do pré-consciente/eu, com seus processos de simbolização e de sublimação.

Em momento posterior à entrevista, encontrei John mais uma vez, quando voltei à Unidade para assistir a uma apresentação da Banda. Enquanto aguardava o evento no “Quadrado”, pude conversar com John, Felipe e outros jovens da Banda. Diego já não estava no CASE. John me perguntou se eu não tinha mais nada da pesquisa para fazer com eles. Falei que estava analisando as entrevistas, que marcaria com eles um outro momento (Devolutiva) e me coloquei à disposição para “conversarmos” antes, se ele sentisse necessidade. Em seguida, os jovens saíram para colocar o uniforme da Banda e buscar os instrumentos. Ao retornar, John, em vez de arrumar os instrumentos com os demais, sentou-se ao meu lado. Indagou: “Só vai para psicólogo quem está com depressão?” Falei que não, ressaltando a importância de termos um espaço para conversar sobre nossas questões que, no caso, seria com um profissional “de fora” da internação, pois o/a psicólogo/a do CASE tinha outra função, que era a de acompanhá-lo no cumprimento da medida socioeducativa. John expressou o desejo de atendimento psicológico e repetiu: “para conversar sobre minhas questões”. Indiquei que ele poderia solicitar tal encaminhamento à equipe do CASE.

Seria a demanda de acompanhamento psicológico apresentada por John um efeito do nosso encontro? O acolhimento pela escuta, o fazer circular a palavra durante a experiência compartilhada na entrevista, decerto propiciaram a John, e também a mim, reflexões, instantes de ruptura e deslocamentos de sentidos. É isto a pesquisa psicanalítica! Dela, não se sai incólume...

3 Felipe: *Aprendendo a brincar?*

Felipe, 17 anos, nascido no interior de Pernambuco, estava internado há aproximadamente sete meses, pela prática de latrocínio. Anteriormente, havia cumprido a medida de semiliberdade.

Conheci Felipe no segundo dia em que assisti ao ensaio da Banda. Sua presença trouxe uma outra dinâmica para o grupo. Durante todo o ensaio, estava sorridente e interagindo com os outros jovens. Diferentemente do primeiro dia, quando o grupo me pareceu apático na execução da “tarefa”, com Felipe a Banda exalava alegria. A boa interação de Felipe com os outros jovens do Centro também foi ressaltada pela equipe técnica. No entanto, como será evidenciado logo mais, não era assim que ele se percebia.

Durante a entrevista falou, na maior parte do tempo, sem me dirigir o olhar. Parecia conversar com um/a interlocutor/a invisível, situado/a ao seu lado. Seu tom de voz era de irritação e revolta, mas não comigo. A quem se endereçava? Sua experiência com a amizade foi assim relatada:

A amizade é, como é que eu posso explicar, é uma coisa legal, mas nem todos merecem minha amizade, não só a minha como a da senhora também, porque muitas pessoas não são confiáveis. Amizade não é uma coisa que a pessoa cresce de uma hora pra outra. A pessoa tem que, sei lá, se entrosar mesmo com a pessoa, conhecer a pessoa direito pra ver como ela é realmente, né, é isso. Amizade não é a pessoa se encontrar de uma hora pra outra. Amizade tem que ser uma coisa sincera, de coração verdadeiro, não uma amizade que a pessoa diz “é meu amigo, isso, isso”, (...) mas muitas vezes a pessoa só tem amigos quando tem alguma coisa, quando acaba não tem amigos mais. É isso que eu falo, é isso que eu acredito, que amigos, amizade, são poucas. A amizade mesmo que a pessoa tem é a mãe e o pai da pessoa. É isso que eu acredito pra mim.

O que Felipe mais valorizava na amizade era a “confiança, que é uma pessoa que a pessoa sabe que tá presente em tudo. No bom, no ruim... Que tá lá do lado da pessoa, dando conselho”.

[...] Antes eu não ligava não pra esse negócio de conselho não. [...] eu pensava que se conselho fosse bom não se dava, se vendia. E se conselho fosse bom pra mim, noutros tempos, eu não tinha parado aqui dentro, eu tava lá na rua, do lado da minha família.

Para ele, a amizade estava relacionada à família ou ao “familiar”. Além da confiança, a amizade exigia entrosamento entre os envolvidos, “conhecer a pessoa direito pra ver como ela

é realmente”. Não surgia “de uma hora para outra”, mas precisava de tempo para se constituir. A amizade aparece, aqui, como uma construção. Estaria mais no campo dos afetos e das ações do que das palavras: não é simplesmente dizer que é amigo, mas “tem que ser uma coisa sincera, de coração verdadeiro”. Como poucas pessoas lhe pareciam confiáveis, acreditava que “amizade mesmo” são os pais.

Apesar de dizer, inicialmente, que não tinha encontrado amigos no CASE, logo se lembrou do professor de música, responsável pela Banda: “Encontrei: Artur, que me ajuda muito, me deu confiança”. Em seguida, incluiu outras pessoas do Centro, não deixando claro a quem se referia, porém, enfatizando que não eram seus amigos os jovens de seu convívio: “Muitas pessoa aqui, mas lá dentro da onde eu vivo agora, normalmente, não. [...] Do convívio onde eu vivo”. Perguntei se ele havia encontrado mais amizade na Banda. Para Felipe:

A banda que me apoia, pra gente é uma família, tá entendendo? O que tá acontecendo na banda tem hora de tudo. Tem hora de trabalhar, que aquilo é um trabalho da pessoa, (...), tem hora de trabalhar, conversar, brincar, tem hora pra tudo. Querendo ou não, somos jovens ainda. [...] Por isso que eu digo, quando tô dentro daquela sala, me sinto ótimo, eu me sinto como eu tivesse na rua, em casa mesmo, em casa. Em casa eu desabafo tudo, converso. Eu sinto que ali tem pessoas que me entendem e eu entendo também. Por isso que eu digo, ali é uma coisa ótima pra mim, não só pra mim como todos os meninos que tão ali dentro. Eu aprendo tanta coisa, todos os dias, todas as vezes que eu entro ali dentro daquela sala eu aprendo coisas novas. Maravilhoso ali pra mim. É uma experiência muito boa que eu tô fazendo.

Ainda falou que a Banda “é compromisso, confiança e respeito, um pelo outro”. E repetiu: “É bom demais a pessoa quando tá na banda. É uma família, a gente é uma família”. Embora não tenha se referido explicitamente à amizade, a Banda lhe oferecia apoio, conversa, brincadeira, além de novas aprendizagens e de ser para ele um trabalho. Se para Felipe a Banda era uma família e amizade “é a mãe e o pai da pessoa”, a amizade estaria, para ele, eminentemente associada ao espaço familiar? Afinal, conforme disse, não tinha amigos na infância, tampouco na adolescência, antes da internação: “Pra falar a verdade eu nem lembro disso. [...] Eu não me lembro não disso não. Parece que eu tô aqui dentro, eu só tô aqui dentro faz oito meses, mas pra mim parece que já faz uma eternidade”. Na Banda, Felipe encontrava *holding*, *mutualidade* e *confiança*, experiências que, decerto, ficaram interrompidas em sua história, levando-o a proteger-se do outro. Afinal, como vimos, não era qualquer um que podia ser seu amigo: tinha que ser confiável, antes de tudo, o que só se mostra com o tempo, pois amizade, para ele, era uma construção.

Contou que “(...) ficava mais tempo em casa. Ficava dormindo o dia todinho. Quando era umas quatro horas já subia pro campo pra jogar bola”. Questionei se ele não tinha amigos no “campo”: “Não, ninguém tem amigo não. Só é amigo quando tu tem alguma coisa, como eu falei. Quando eu não tinha, quando acabava, [o outro] inventava uma desculpa, ‘vou ali’, já ia”.

Seguindo as elaborações de Winnicott sobre a relação entre a capacidade de brincar e a capacidade de fazer amigos, na entrevista com Felipe ficou evidenciada a ausência de amigos, em todos os momentos de sua vida. Quanto ao brincar, só foi mencionado em sua rotina o jogo de futebol no “campo” de sua comunidade, mas mesmo nesse espaço, afirmou que não tinha amigos, pois tais relações eram permeadas pelo interesse: “Só é amigo quando tu tem alguma coisa”. Será que o “jogo de bola”, para Felipe, era um brincar sozinho, e não um brincar compartilhado? Ou não era, sequer, uma brincadeira? Estaria ele aprendendo a brincar na “área intermediária” da Banda, pois lá também era lugar de “brincadeira”, como disse? Felipe também falou a respeito de sua família:

Tenho um irmão e uma irmã. [Mais novos?] (...) Eu sou o irmão mais velho da família. [...] Eu moro com minha mãe, que eu chamo de mãe, né, minha avó e meu avô, mas chamo de mãe, que me criaram desde pequeno. Aí tem minha prima, que (...) vai fazer uns dez anos ela vai fazer, meu tio. Graças a Deus todos trabalham, têm sua casa própria, mas moram lá em casa.

Nada falou sobre os pais biológicos. Foi preciso recorrer a informações contidas nos autos do processo de execução de medida socioeducativa para conhecer alguns detalhes de sua história. Felipe foi criado pelos avós maternos. Seu pai foi assassinado quando ele era “muito pequeno” e a mãe constituiu novo relacionamento conjugal, do qual teve mais duas crianças. Felipe foi o único filho do casal e não mantinha boa relação com o padrasto. Felipe continuou morando com os avós maternos, enquanto a mãe residia em uma casa ao lado, com a nova família. Apesar do contato constante com a mãe e com os irmãos, a equipe que o acompanhava no CASE mencionou que ele reclamava, com frequência, de que a mãe não havia sido presente. Felipe não se conformava com a perda do pai, fantasiava uma vida melhor com a presença paterna e alimentava um sentimento de vingança.

No CASE, recebia visita da avó (que ele chamava de “mãe”) e do tio. Estava aguardando autorização judicial para que a companheira, ainda adolescente, pudesse visitá-lo: “Isso irrita! É irritante...” Sobre ela, disse: “Eu gosto muito dela. [...] Três anos que eu tô com ela.” Contou que tiveram um filho, mas que ele havia falecido há aproximadamente quatro meses, por problema respiratório. O bebê ficou hospitalizado desde o nascimento e faleceu aos cinco meses de idade, segundo Felipe. “Eu tenho a foto dele! Tá lá em casa até hoje!” Felipe expressou pesar

pela perda do filho, por nunca o ter visto ou tocado, e muita revolta com a avó, pelo fato de não lhe ter dado a notícia:

[...] Nasceu de oito meses ele. Eu tava arrumando tudinho aqui, já pra visitar ele no hospital, pra visitar ele no hospital. Aí vê, aí ele faleceu, eu não fiquei sabendo de nada, e ele faleceu... Aí quando foi no outro dia eu tive visita. Minha mãe [avó] veio me visitar e não falou nada. [...] Não falou nada ela. “Tá certo, tchau, bença mãe, vá com Deus, eu te amo”. Aí foi... Eu já tava perto pra conseguir autorização pra minha visita no hospital, eu falei: “Ó, pode ir com mil viaturas do meu lado, mil policial, (...) eu só quero ver meu filho”. Eu não tinha visto ele não. [...] Não cheguei nem a tocar nele! Não cheguei nem a tocar. Quando eu fui preso a minha mulher tava grávida.

Em seguida contou como soube do falecimento do filho, a partir da equipe técnica do CASE, que foi avisada pela família:

Eu tava jogando bola, a equipe me chamou (...). Eu pensava que tinha conseguido autorização pra visitar ele, chega eu tava feliz. Mas como, que eu tava pensando que era uma coisa muito boa pra mim, mas foi o quê? “Seu filho faleceu”. Ôxe, a lágrima caiu sem eu querer. Na mesma hora que ela falou isso eu não quis nem escutar o que ela tava falando mais, quis nem escutar... Já se [me] levantei e já fui... Fiquei com raiva! Agora eu fiquei com raiva não foi por nada, porque vieram aqui e não me contaram nada!

Tal revolta me faz pensar que a perda do filho pode ter-lhe reeditado a perda do pai. O que será que sua família também deixou de lhe contar sobre a morte de seu pai? Felipe era “muito pequeno” na ocasião e, certamente, não contou com o “aparelho de interpretar-significar” dos adultos de referência. Diante do vazio de representação/simbolização, restou-lhe a ação, como efeito da amplificação pulsional que o invadia?

Foi com o mesmo tom de indignação que falou sobre a “impossibilidade” de fazer amigos, “lá fora” e no CASE:

Os caras olhavam pra mim assim e não gostavam de mim (...), eu também não gostava não. [Isso fora daqui?] Fora daqui. Aqui dentro também. [Por que tu acha que eles não gostavam de tu?] Porque não gosta. Muitas coisas que a pessoa faz também. Ninguém é perfeito nessa vida. Ninguém é perfeito. [...] Muita gente já pegou, puxou (...) faca, revolver, por causa de jogo de bola! Jogo de bola! Puxar a faca assim pra mim, eu olhava assim... (...) eu ia atrás deles, buscar eles onde tivessem (...). Aí muita coisa eu parava pra pensar assim, seja o que Deus quiser... Deixava pra lá, fazer o quê? [...] Que eu era ruim, uma pessoa ruim na rua também. Eu era ruim. [...] Não era uma pessoa muito boa não.

E continuou, respondendo por que se considerava uma pessoa “ruim”:

Qualquer coisa, assim, que já acontecesse comigo, que eu não gostasse, eu já olhava assim com a cara feia e já pensava em fazer maldade. Já pensava em fazer maldade. Lá na minha rua ninguém falava de nada, mesmo se visse alguma coisa assim na frente deles, ninguém falava nada, ninguém viu nada, sabiam já como eu era. É que nem aqui dentro, já sabiam o convívio, a rotina, como é, como não é.

“Ninguém falava nada, ninguém viu nada”? Mais uma vez, leio/escuto nessa frase o não-dito, o mal-dito, o que ficou por dizer/escutar, desde sua infância. Quem o teria (des)qualificado como “ruim”, antes que ele mesmo se autoatribuísse tal significante? Seus objetos primordiais não foram capazes de sobreviver ao seu contato? A mãe não o criou, embora morasse “ao lado” (Seria ela a interlocutora invisível “ao lado” de Felipe, para quem endereçava sua revolta/raiva durante a entrevista? Afinal, ele reclamava de sua ausência!). O pai, concretamente, não sobreviveu. Na “relação de objeto impiedosa” (Winnicott), é a ausência de retorção à “crueldade” (motilidade, avidez) do bebê que constitui um “resguardo *para-excitação* (...) no qual a pulsão vem bater e se refletir. O desaparecimento, a retirada do objeto (...) faz desaparecer o para-choques; o objeto é então perdido” (ROUSSILLON, 2006, p. 110), trazendo como efeito a amplificação pulsional. E, conforme Winnicott (1939/2012):

Um dos objetivos na construção da personalidade é tornar o indivíduo capaz de drenar cada vez mais o instintual. Isso envolve a capacidade crescente para reconhecer a própria crueldade e avidez, que então, e só então, podem ser dominadas e convertidas em atividade sublimada (p. 102).

Seria preciso, antes, que seus primeiros objetos tivessem sido capazes de sobreviver aos seus “ataques”, sem retorção, sem retirada. Pois, como indica Winnicott (1939/2012): “Só se soubermos que a criança quer derrubar a torre de cubos, será importante para ela vermos que sabe construí-la” (p. 102).

Posteriormente, Felipe sentia-se rejeitado pelos colegas, os quais, segundo ele, inventavam uma desculpa, “vou ali”, e iam embora. Ainda asseverou que não gostavam dele para, em seguida, dizer: “eu também não gostava não” – frase que nega (denega) o que afirma... À época, pelo menos fora do espaço familiar (e talvez também aí), Felipe parecia incapaz de estabelecer vínculos criativos com o outro. Como ele disse no início da entrevista: “A amizade mesmo que a pessoa tem é a mãe e o pai da pessoa.” Terá sido a idealização dos avós maternos e do pai morto uma defesa arcaica que lhe possibilitou a “sobrevivência psíquica”? Com Freud, vimos que o processo de idealização diz respeito ao objeto, o qual, “sem qualquer alteração em sua natureza, é engrandecido e exaltado na mente do indivíduo” (1914/1980, p. 111). Já a sublimação advém da elaboração do luto objetual. Para tanto, é preciso, em um primeiro

momento, que o eu se coloque como objeto, substituindo o objeto perdido, a partir da construção de um objeto que não se pareça necessariamente com ele, mas que possua todas as qualidades próprias para torná-lo “amável” (MIJOLLA-MELLOR, 2012).

Laplanche e Pontalis (2001) destacam que, para Melanie Klein, a idealização do objeto seria uma defesa contra as pulsões destrutivas, a partir da clivagem extrema entre um “bom” objeto, “idealizado e provido de todas as qualidades (por exemplo, o seio materno sempre disponível e inesgotável) e um “mau” objeto, cujos traços persecutórios são igualmente levados ao paroxismo” (p. 225). Felipe considerava-se uma pessoa “ruim” por não ter se sentido suficientemente “amável” para seus objetos primordiais que, de uma forma ou de outra, deixaram-no, constituindo-se, assim, como “maus” objetos? Ainda conforme os referidos autores, pelo processo de idealização, “o sujeito se dá como objetivo reconquistar o chamado estado de onipotência do narcisismo infantil” (p. 139), isto é, uma forma de evitar a operação simbólica da castração, da perda necessária que permite a inscrição no laço social.

Felipe parecia enviscado em uma economia psíquica comandada pelo princípio do prazer, pelo ideal de colusão perfeita com o materno, organizado pela contiguidade, sem lugar para a negatividade, para a metáfora, para a falta inscrita pela instância terceira. Nesse mundo da positividade, da metonímia, a palavra remete diretamente à coisa, sem outro significado a não ser a coisa mesma. Aqui, o sujeito mantém com o outro uma relação dual, simétrica, que não permite uma emancipação completa do imediatismo (LEBRUN, 2008; MELMAN, 2003). Com um trabalho do pré-consciente tão comprometido, no qual os processos intermediários de simbolização e sublimação estão reduzidos, Felipe parecia habitar uma área transicional extremamente encurtada, refratária ao laço com o não-eu, que supõe a descontinuidade, a alteridade.

Diferentemente de John, para Felipe era mais fácil fazer amizade “dentro” do CASE do que “lá fora”, talvez por encontrar na Banda, sobretudo em Artur, uma relação familiar:

No momento que eu entro dentro daquela sala lá do Artur, eu me sinto, sei lá, eu me sinto uma pessoa diferente. Chega eu saio sorridente de dentro da ala quando Artur chama pra o ensaio da banda. Chega saio feliz. Mas quando volto, eu boto o pé naquele Quadrado, chega, sei lá, chega dá um desgosto na pessoa. Lá dentro daquela sala de Artur é uma família. Todo mundo entende todo mundo.

Nesse trecho, Felipe sintetiza a dinâmica da “área transicional” pensada por Winnicott: espaço “entre” (nem interno nem externo), que confere a sensação de que todos se entendem, pois estão suficientemente próximos e suficientemente separados (eu e não-eu; sozinhos na

presença dos outros), nesse “espaço potencial” que, ao mesmo tempo, separa e une, portanto, há compartilhamento sem invasão. Na Banda acontecia o brincar mútuo, a superposição das áreas do brincar das/entre pessoas que brincam juntas. Seria o professor de música mais uma figura idealizada ou, finalmente, Felipe estava aprendendo a brincar e, quiça, fazendo um “ensaio” de amizade?

No entanto, segundo ele, o que acontecia na Banda se restringia aos momentos em que estavam juntos nos ensaios, nas atividades do projeto de música, pois o relacionamento com os outros jovens se modificava quando voltavam para o espaço do Quadrado, local da Unidade onde a maioria dos jovens ficavam alojados e passavam a maior parte do tempo.

É por isso quando eu tô longe lá de dentro, quando num tô lá dentro, é por isso que eu aproveito mesmo, converso com um, com outro, já pra se [me] distrair, já pra se [me] distrair mesmo.

De fato, durante o primeiro tempo da pesquisa, avistei Felipe conversando ora com um, ora com outro/a funcionário/a do Centro. Ao que parece, salvo sua relação com o professor Artur, essas conversas eram mesmo para “distrair” (afastar o pensamento, fazer esquecer, desviar a atenção), pois nelas Felipe não encontrava um/a “interlocutor/a confiável” (seja um adulto de referência, seja um amigo), com quem pudesse falar sem se sentir julgado e, assim, fazer circular a palavra: “(...) muitas pessoas julga assim pela aparência, mas nunca chega assim pra conversar com a pessoa, pra saber o que a pessoa sente de verdade”. E, referindo-se ao que seria para ele um amigo, disse, com expressão de queixa e revolta:

Uma pessoa que não fosse pela aparência da pessoa, mas chegasse assim pra conversar, pra tentar entender a pessoa, mesmo que não entenda, mas tenta! Ao menos tentar entender, pra saber o que a pessoa já passou, o que tá passando. É sempre bom a pessoa ter alguém assim pra conversar, ôxe, que às vezes chega fica assim um negócio entalado na garganta da pessoa que não tem ninguém pra conversar! A pessoa é capaz de endoidar!

“Então é importante para você ter amigos, não é?” – indaguei. Com a interjeição “Rum”, Felipe demonstrou não concordar... Falei que ele poderia conversar com a equipe quando sentisse necessidade. Ele disse que não gostava: “Mas, sei lá, não gosto não”, e que preferia ficar “sozinho”. Por outro lado, revelou:

Tem oito meses que estou aqui e nunca passei esse tempo todinho que tô conversando com você agora. Nunca passei, nunca! Nunca cheguei não, pra conversar com uma pessoa assim, passar cinco minutos, assim, conversando. Tão bom! Nunca parei não pra conversar com ninguém não. Nunca.

Mais uma vez se referiu aos colegas da Banda:

A gente conversa. Mas lá dentro da ala é uma coisa, dentro da banda já é outra. [...] É estranho... é estranho. Cadeia, internação é estranho demais. Tem caráter não, nenhum... [...] Eu fico mais sozinho. [...] Fico assistindo. Se tiver de fazer alguma coisa eu faço sozinho... Fico só olhando o dia a dia dos cara. Fico só olhando de longe...

Por outro lado, afirmou ser importante fazer amizade no ambiente do CASE:

Aqui, não são muitas pessoas não, mas pra mim é importante fazer, fazer amizade, pra mim é importante. A pessoa se sente mais confiado, que tem alguma pessoa, é bom a pessoa saber que tem alguém que a pessoa pode contar.

Porém, pareceu duvidar dessa possibilidade, pela falta de confiança que o fazia manter-se “calado”:

Mas pra quê, que muitas pessoas não acham isso? É por isso que eu disse a você que eu fico mais calado. [...] Não tem ninguém, não tem ninguém pra confiar não. Não tem em quem confiar não. Tô falando, o negócio aqui, (...) já sai já, todo mundo já sai sabendo, todo mundo já fica sabendo, porque, vê, isso é confiança que a pessoa tem? É nada! Por isso que quando eu tô, quando falam alguma coisa eu fico calado, na minha, fico pensando, não falo nada pra ninguém não!

Demonstrou insegurança por estar no ambiente do CASE: “Uma pessoa dorme e não sabe se vai acordar no outro dia. Porque ali dentro existe coisas ruim. Muitas. Não dá gente boa ali dentro não. Nada!” Ao mesmo tempo, disse que às vezes achava “bom”, ficava “rindo” do que acontecia lá dentro, quando perguntei como ele se sentia diante de uma situação grave, de algum conflito:

Estranho. Mas às vezes, sei lá... é bom e é ruim. Às vezes eu acho bom. [...] Às vezes eu paro pra pensar assim, eu começo a ficar rindo do nada. Do nada (...), só lembrando dos negócios que acontece lá dentro. É porque muitas coisas também que a pessoa não pode falar, tá entendendo? Não pode falar... Às vezes eu paro pra pensar e fico só olhando assim, “meu irmão, aonde eu fui parar?”

Será que o “ambiente impiedoso” do CASE também lhe era familiar, daí às vezes achar “bom” e ficar “rindo do nada”?

Quando solicitei que me contasse uma história de amizade só lhe veio à lembrança, depois de um tempo em silêncio, uma história talvez de inimizade ou de traição na amizade:

“Teve uma vez que teve uma pessoa querendo me matar. [...] Eu ia sair, eu ia pra uma festa, eu ia.” Seguiu dizendo que uma pessoa de outra cidade lhe avisou: “[...] ‘Olha, não vai não que fulano quer te matar’ [...] A mesma pessoa que disse que tinha uma pessoa querendo me matar apareceu na festa.”

Pela forma de seu relato, pareceu-me que o fato de tal pessoa ter aparecido na festa o levou a desconfiar de que o suposto “amigo” havia armado uma traição. Perguntei por que queriam matá-lo: “Porque fiz mal à família dele. Matei um da família dele. Porque deu um tapa na minha cara. Minha mãe nem meu pai nunca deu na minha cara. Aí chega outra pessoa assim e vem dar? Dá não... Dá nada”. Indaguei se foi este o motivo da atual internação. Contou, então, um segundo episódio de homicídio (latrocínio, para a Justiça) por ele cometido:

Eu tô aqui porque eu fui matar uma pessoa. Fui matar uma pessoa. [...] Só que ele tinha uns problemas comigo, só que muita gente pensava que ele era cidadão. Cidadão o quê! Ele nem me conheceu (...) eu já parei ele, “me leva ali” (...) já peguei, atirei na cabeça dele, só foi um tiro mesmo, aí ele já caiu da moto (...) peguei a moto dele e ganhei fuga... com a moto dele. Eu só vim só pra matar ele mesmo. Ele já fez mal a mim também. Ninguém chega assim pra matar do nada não. (...) tem que acontecer alguma coisa. As pessoas não sabem o que aconteceu ou deixou de acontecer (...) “Ah, mataram esse cidadão, um rapaz de bem!”, (...) mas ninguém sabe o mal que ele fez também [Fica em silêncio. Depois, expira fortemente].

Justifica sua ação homicida com a ideia de que o outro merecia morrer, pois não era um “cidadão de bem” como “muita gente pensava”, ninguém sabia “o mal que ele fez também”. Será que era isso o que ele escutava de sua família materna, sobre o assassinato do seu amado e idealizado pai? Falei sobre a possibilidade de resolver os conflitos de outra forma, sem que fosse necessário “matar”. Para ele, tratava-se de “se defender”: “Tirar a vida da pessoa é muito fácil não. É difícil. Mas se foi uma coisa que a pessoa tá ali pra se defender...” Expliquei-lhe o que configuraria “legítima defesa”, de acordo com a Lei, não sendo o que aconteceu no seu caso. Também falei sobre a desproporcionalidade em revidar “um tapa na cara” com “um tiro para matar” e indaguei se ele nunca havia pensado nisso e o que pensava antes do ato infracional: “Não. [...] Eu pensava assim: eu vou fazer e não dá nada não. Eu vou fazer e depois que tiver feito vai acontecer mais o quê? A vida dele não vai vim de volta. Pensava assim (...) esquecer...” Perguntei se ninguém ficava sabendo dessas coisas, se ele tinha algum comparsa ou colega, já que havia dito que não tinha amigos, ou se fazia tudo sozinho.

Tudo sozinho. Tudo, tudo, tudo mesmo. Eu era uma pessoa que não ficava arengando com ninguém, não saía de um bairro pro outro pra ficar arrumando encrenca, não ficava roubando por aí que nem muitas pessoa fica. Eu não, eu

só ficava em casa, minha rotina era essa: ligava pra minha mulé (...) ela descia lá pra casa, a gente ficava conversando, ficava com ela. Aí dava umas três e meia, três horas, eu subia pro campo, jogava bola. Minha rotina era essa todo dia. Cinco, cinco e meia eu já descia. Tomava um banho, ia pra casa dela. Minha rotina era essa, todos os dias. Quando a pessoa tá em paz, sempre aparece alguém pra tirar o sossego da pessoa... Sempre...

Felipe parecia habitado por um “espaço assombrado”, com objetos invasivos e persecutórios, dos quais precisava “se defender”. Fora da família, só encontrava “inimigos”, alguém para lhe “tirar o sossego” e que, portanto, deveria eliminar. Matar para não morrer, como aconteceu com seu pai?

Quando retornei ao CASE para assistir a uma apresentação da Banda, após as entrevistas, também pude conversar com Felipe, que já conseguia me fitar. Ele me contou que foi seu aniversário e que tinha completado 18 anos. Dei-lhe “parabéns”, com um aperto de mão. Disse que, no dia do aniversário, a professora da escola levou um bolo para comemorar e que, por não gostar de festa, sobretudo para ele, retirou-se da sala. Ainda comentou que, embora morasse com os pais (avós maternos) antes da internação, sempre teve a casa dele. Contou que havia se separado da companheira, falou em recuperar os móveis que precisou dividir com ela e afirmou que pretendia “morar sozinho” ao sair do CASE. Felipe, em um momento precioso, contou-me que, durante um ensaio Banda, um dos jovens recebera a notícia de que sairia da internação: “Chorei mais do que ele”, disse, pois havia ficado “feliz por ele”. Em sua fala emocionada, escutei um lampejo de “assunção afetiva do próximo” (Lacan). Ainda que se possa ver aí uma identificação narcísica, um passo foi dado em direção ao outro. Quanto a si mesmo, referiu que quando chegasse a sua hora, sairia “pela porta da frente”, “de cabeça erguida”. Avante!

4 A Banda: um “ensaio” de amizade?

Voltemos à nossa questão de pesquisa: é possível tecer laços amistosos em um contexto de violências extremas, mais especificamente, no “ambiente impiedoso” do CASE?

A arte da convivência, incluindo os relacionamentos íntimos, como o amor e a amizade, impõe aproximações e distâncias. Em *Psicologia de grupo e a análise do eu* (1921/1980), Freud observa que, nas relações entre os homens em geral, “nenhum deles pode tolerar uma aproximação demasiado íntima com o próximo” (p. 128), e lança mão da parábola dos porcos-espinhos, de Schopenhauer:

Um grupo de porcos-espinhos apinhou-se apertadamente em certo dia frio de inverno, de maneira a aproveitarem o calor uns dos outros e assim salvarem-se da morte por congelamento. Logo, porém, sentiram os espinhos uns dos outros, coisa que os levou a se separarem novamente. E depois, quando a necessidade de aquecimento os aproximou mais uma vez, o segundo mal surgiu novamente. Dessa maneira foram impulsionados, para trás e para frente, de um problema para o outro, até descobrirem uma distância intermediária, na qual podiam mais toleravelmente coexistir (SCHOPENHAUER, *Parerga e Paralipomena*, apud FREUD, 1921, nota de rodapé, p. 128).

Foi por um exercício de sucessivos afastamentos e aproximações que os porcos-espinhos descobriram a distância ideal a ser mantida: nem tão próximos que pudessem sentir os espinhos, nem tão distantes que sentissem frio. Encontraram, entre a atração e a repulsão, a amizade e a hostilidade, uma distância conveniente (FROEMMING e OLIVEIRA, 2015).

Em relação à amizade no Centro de Internação pesquisado, foi possível identificar a existência de dois espaços, cada um deles trazendo diferentes experiências: o que chamamos de “ambiente impiedoso” ou “espaço assombrado” e o “espaço potencial” da Banda Liberdade.

Para Diego, John e Felipe, não era possível fazer amizade com outros jovens no “espaço assombrado” do Centro de Internação, pois não havia confiança entre eles. Percebemos que existiam estratégias de convivência/sobrevivência, como: “cada um fazer o seu”, “falar menos e escutar mais” ou mesmo isolar-se, na busca de uma “distância intermediária”, como os porcos-espinhos da parábola schopenhaueriana.

Por outro lado, quando esses jovens expressaram sua experiência no projeto de música da instituição, enquanto participantes da Banda, observamos que, ao menos na temporalidade e no espaço da Banda, acontecia toda a dinâmica da “área transicional”, “zona intermediária” ou “espaço potencial”, que Winnicott postulou como uma “terceira área de experiência”, que não pertence nem à realidade interna, nem à realidade externa, que não está “dentro” nem “fora”, mas *entre* essas duas formas de experiência. Um “lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas” (WINNICOTT, 1953/1975, p. 15). É a área do brincar, da experiência cultural e também da amizade.

Ainda visualizamos que espaço da Banda favorecia o *holding* (sustentação confiável), a *mutualidade* (comunicação silenciosa, reciprocidade, reconhecimento) e o *estar só na presença do/s outro/s*, experiências fundamentais, na abordagem winnicottiana, para a constituição dos laços de amizade. Ao lado dessas experiências, como destacamos no item 2.1 do presente estudo, a dimensão sensitiva da música cria um momento de “suspensão” dos afetos destrutivos

ou violentos, pois, na temporalidade transicional, do “aqui-agora”, o tempo se concentra no que está acontecendo, trazendo aos jovens a sensação de um encontro orgástico com o ambiente. Vale lembrar que o espaço intermediário se instaura no bebê graças ao “orgasmo do ego”, experiência a partir da qual ele pode investir no mundo exterior, porque tem a confiança de que o ambiente não só não vai falir como vai lhe dar prazer. No mesmo sentido, porém de uma outra perspectiva, podemos pensar, com Freud e seus interlocutores, que a atividade musical propiciava aos jovens a sublimação das pulsões destrutivas, que, ligadas às funções de Eros, podiam ser dirigidas para fins construtivos. Como vimos, as atividades sublimatórias envolvem o corpo e podem proporcionar uma satisfação global, um prazer e uma plenitude orgásticos, o que indica uma espécie de neogênese da energia sexual (LAGACHE, 1984; MIJOLLA-MELLOR, 2012).

A experiência de estarem contidos na Banda (*holding*) possibilitava-lhes o restabelecimento da confiança no ambiente, no qual eles podiam se instalar, habitar sem medo e sem “cair”. A Banda era, então, uma forma de iluminar e reabitar o “espaço assombrado” do CASE. Entretanto, essa importante experiência era rapidamente esfumaçada, tão logo os jovens retornavam para o espaço comum, o que foi evidenciado a partir das entrevistas realizadas (mais explicitamente com John e Felipe). Observamos, então, que um mesmo grupo de jovens, convivendo em uma mesma instituição, podia experienciar tanto a transicionalização quanto a destransicionalização dos laços entre si. A transicionalização ocorria quando estavam juntos na Oficina de Música, “espaço potencial” que possibilitava os processos de ligação. Ao deixarem a Oficina, os laços eram “desatados” e o grupo se dissolvia no “ambiente impiedoso” da internação socioeducativa, caracterizado por relações “poluídas” pelo excesso de destrutividade e, portanto, com chances reduzidas de produzir vínculos criativos com o outro. Entrevê-se, aí, um movimento permanente de (des)transicionalização dos laços no grupo em questão.

Ademais, percebemos que, na Banda, o “tocar juntos” se constituía em um *ato-jogo* que permitia descobrir/criar uma ritmicidade, um tempo, um andamento que eram próprios ao grupo. O mestre-mediador (Artur), “interlocutor-confiável” suficientemente presente, sem retirada nem retorção, estava lá para indicar as pausas, isto é, os momentos de latência, e os momentos de ação simbolizável, simbolizante. Nesse espaço partilhado, um trabalho psíquico de renúncia a certas formações do sujeito era exigido, em benefício dos investimentos necessários aos ideais comuns e à manutenção do laço.

Tal exigência se articula, segundo Kaës (2008), com os interditos fundamentais relacionados ao trabalho da cultura e aos processos de simbolização, de acordo com as

elaborações freudianas em *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]). Nesse sentido, Freud insistiu sobre a necessidade de renúncia mútua à realização direta das metas pulsionais, para o estabelecimento de uma “comunidade de direito”, na qual se torna possível a constituição de laços estáveis e confiáveis, o que pressupõe a capacidade de amar, de brincar, de pensar e de trabalhar, resultantes da atividade de simbolização (KAËS, 2008).

Em pesquisa-intervenção realizada com adolescentes de uma escola pública do Distrito Federal, localizada em uma região marcada pela vulnerabilidade social e violência, Brasil *et al.* (2015) observaram que “os objetos da cultura podem se constituir em dispositivos de mediação entre o que está ao mesmo tempo dentro e fora do sujeito (...), entre o educativo e o terapêutico” (p. 208), contribuindo para que o adolescente (re)signifique o que nele se encontra transbordante e, assim, possa canalizar sua agressividade para fins criativos, distanciando-se dos atos de violência e da impulsividade. Nessa perspectiva, as expressões culturais, como a música, o esporte, a dança, a escrita, as mídias digitais, o teatro, entre outras, sobretudo em atividades grupais “mediadas por um contexto de proteção e de referências de um adulto que acolha sua subjetividade” (p. 222), bem como pela relação de troca com seus pares, possibilitam a passagem pelos desafios subjetivos inerentes à adolescência com menor dano e risco à saúde psíquica.

Gutton (2008) fala na possibilidade de uma “sublimação compartilhada” [*sublimation partagée*], quando as impressões íntimas se transformam, no tempo e no espaço, em traços para fins de criação conjunta. É o que parecia acontecer na Banda Liberdade. Por que não expandir a experiência musical (o que pode ser feito de variadas formas, não apenas integrando a Banda) ou mesmo desenvolver outras atividades lúdicas e artísticas no “ambiente impiedoso” do CASE? Afinal, como ficou evidenciado em nosso estudo, é possível iluminar e reabitar esse “espaço assombrado”, desde que seja “encontrada-criada” e mantida (o que requer continuidade) uma área intermediária de experiência, espaço de ilusão-desilusão que acolha a destruição potencial desses jovens, levando-os a desatar ou flexibilizar os “nós” e descobrir/inventar o “nós”.

Por enquanto, podemos dizer que encontramos na Banda – nesse “espaço potencial” do brincar, do brincar compartilhado e da experiência cultural, ao menos uma possibilidade ou um “ensaio” de amizade!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amizade é matéria de salvação.

Clarice Lispector, *Uma amizade sincera* (1971/1998, n.p)

Tecendo “nós”, em nosso campo de pesquisa e com os autores de referência escolhidos, observamos que a amizade, longe da visão edulcorada que herdamos da moral cristã, exige o atravessamento ou a passagem por preciosos processos psíquicos, os quais, da mais tenra infância até o último sopro de vida, precisam se refazer *moto perpetuo*. No Conto clariceano, apreciamos o cotidiano de uma “amizade sincera”, espaço de partilha e de solidariedade, mas também de incômodos, impasses e dos necessários momentos de silêncio e de solidão.

Na perspectiva freudiana, os laços de amizade pertenceriam às pulsões inibidas em sua meta, que prescindem “serem descritas como sublimadas”, porém, conforme articulamos, ambos os processos estão presentes na constituição e manutenção da amizade. Para Freud, os objetivos sexuais não seriam abandonados, mas, por resistências internas, impedidos de serem alcançados e, por isso mesmo, possibilitando ligações “firmes e permanentes entre os seres humanos”. Também observamos que as manifestações da pulsão de morte, isto é, as pulsões agressivas ou de destruição, quando vinculadas a Eros, dirigem-se a atividades e relações construtivas, mediante os processos sublimatórios. Considerando nosso “campo de pesquisa”, formulamos que a “saída” sublimatória das pulsões destrutivas pode tomar duas vias, que não são excludentes entre si. A primeira delas seria a dessexualização do objeto, iniciada pela inibição da meta pulsional, que traz a possibilidade de investimento em atividades do pensamento ou lúdico-artísticas, sendo a experiência da Banda Liberdade o exemplo mais vivo que encontramos. A outra via seria a sublimação advinda do investimento da libido narcísica nos objetos externos, por meio dos processos identificatórios, o que permite o estabelecimento dos laços de amor e de amizade.

Com Winnicott, ressaltamos como alguns fenômenos presentes na relação do bebê com o agente materno, como o *holding*, a *mutualidade*, o “relacionamento com o ego” ou *ego-relatedness* e a *capacidade de estar só na presença do outro*, são o substrato para a constituição de laços criativos, como a amizade. O laço amical é assimétrico, como toda relação, e acontece no “espaço intermediário” – entre o eu e o outro, entre eles e o mundo. Portanto, a amizade

comporta e suporta (faz suporte a) dissonâncias, diferenças e distâncias, noções paradoxais que a fecundam da beleza do transicionalizar(-se), do transicionalizar-*com*.

Nosso encontro com os jovens Diego, John e Felipe trouxe-nos a oportunidade de renovar noções, (pré)conceitos, ideias e afetos. Encheu de vida e deu sentido ao que teria sido, decerto, apenas um eco, uma compulsão à repetição, uma exposição bem-comportada da teoria, seguindo os rigores acadêmicos e, por isso mesmo, mais um trabalho destinado ao esquecimento, tão logo cumpridas as exigências da Universidade. A eles agradeço por tudo o que construímos, por tudo o que ficou em construção...

A pesquisa com os jovens entrevistados revelou-nos o “campo transferencial” como uma experiência que se constitui no “espaço intermediário” e que envolve, pelo menos, dois inconscientes que se interconectam, formando uma terceira área de experiência, que não é nem do pesquisador nem do pesquisado, mas de ambos. Nessa temporalidade transicional, não há um dado “a priori” a ser encontrado, e sim uma descoberta/criação que se dá no “aqui-agora”, daí o inédito de cada caso, de cada encontro. Inversamente ao que ocorre no contexto da clínica, em que o analisante endereça uma demanda ao analista, supondo-lhe um saber sobre seu sintoma, na pesquisa com o método psicanalítico a demanda está situada do lado pesquisador, que busca, no “saber” do sujeito pesquisado, uma luz que ultrapassa qualquer teoria e, por esta razão, pode transformá-la. Percebemos que nossa demanda “cavou” ou causou a transferência nos referidos jovens, produzindo efeitos significativos no fazer circular a palavra. Nosso encontro propiciou, a cada um deles, e de um modo singular, um tempo, um momento de reflexão sobre a própria vida, sobre seus atos e seus afetos.

A história de Diego nos levou a pensar na amizade em seu entrelaçamento com a violência. Recorremos, então, à teoria cosmogênica de Empédocles, articulada à segunda teoria das pulsões de Freud, para ilustrar que amizade e violência, *Philía* e *Neikos*, *Pulsão de vida* e *Pulsão de morte*, são processos que não se excluem, mas coexistem, em uma tensão constante de forças que jamais formam uma síntese, posto que estão sempre a recomençar. Como vimos, na maioria das vezes Diego fazia amizade após uma briga violenta, “de tirar sangue”. Para compreendermos essa dinâmica singular, utilizamos um importante operador analítico: o postulado teórico-clínico desenvolvido por Winnicott, da destruição criativa e sobrevivência do objeto – processo fundamental para que o bebê, a partir das experiências primordiais com o agente materno, possa integrar a distinção entre eu e não-eu e ter acesso à realidade externa, à descoberta do outro enquanto sujeito autônomo, isto é, fora de sua área de onipotência. A amizade, o encontro com o amigo, pressupõe o reconhecimento da alteridade e, destarte, exige

o atravessamento dessa dinâmica de “destruição-sobrevivência” do objeto, conquista que precisa ser (re)criada ao longo da vida.

Também a partir de Diego, passamos a questionar até que ponto uma amizade resiste à violência real. Apoiada em autores contemporâneos, como René Kaës e René Roussillon, entre outros, postulamos que a convivência em um contexto de agressões e violências constantes, quando a destruição potencial (na fantasia) cede lugar à violência real, desfavorece os processos de ligação e produz a destransicionalização dos laços, dado o encurtamento do “espaço intermediário”. Nesse caso, predominam a ação imediata e os processos de ruptura, enquanto as funções do pré-consciente – os processos representacionais, como a sublimação e a simbolização, a criatividade da vida psíquica –, encontram-se enfraquecidas.

John nos fez compreender o “viver com” da amizade, o trânsito entre os “amigos de brincar” e os “amigos de infracionar”. Mostrou-nos que infracionar junto/com pode ser uma outra forma ou versão do brincar compartilhado. Na Unidade de Internação, não era possível receber visita dos amigos, ao contrário do que preconiza a Lei nº 12.594/2012. O argumento utilizado para tal interdição lastreia-se na (pré)concepção de que tais visitas seriam nocivas, uma vez que os supostos amigos estariam envolvidos na prática infracional/criminosa, enquanto um dos objetivos da Medida Socioeducativa (MSE) seria, justamente, promover a ruptura com o vínculo infracional. Assim como John, muitos jovens que ingressam no Sistema Socioeducativo apresentam laços familiares fragilizados ou rompidos, sendo a amizade com seus pares lugar de refúgio e apoio, ainda que as condutas infracionais estejam presentes nessas relações. Por outro lado, também é objetivo de uma MSE fortalecer/resgatar os vínculos familiares e comunitários, o que deveria incluir as amizades anteriores à entrada na Medida. John não tinha apenas amigos de infração. Quanto aos amigos de brincadeira, afirmou que gostaria de recebê-los na Unidade e que teria por eles “a mesma amizade”. Assim, considerando o singular de cada caso, indicamos a importância de se pensar estratégias que viabilizem a visita de amigos nas Unidades Socioeducativas da FUNASE, sobretudo quando o adolescente/jovem se encontra privado de liberdade, cerceado em seu direito de “ir e vir”.

Já Felipe não teve amigos na infância, tampouco na adolescência. Para ele, amizade “é a mãe e o pai da pessoa”. Com Winnicott, vimos que a capacidade de fazer amigos advém da capacidade de brincar. Destacamos, em Felipe, dificuldades na área intermediária de experiência, espaço de ilusão-desilusão necessário para o encontro com o outro. Questionamos, a partir da teoria freudiana, se o processo de idealização (da família) teria se sobreposto à capacidade sublimatória, como uma forma de sustentar sua “sobrevivência psíquica”.

Alimentando-se do estado de onipotência do narcisismo infantil, com um trabalho do pré-consciente engendrado por defesas arcaicas, Felipe parecia refratário aos laços não familiares, ao não-eu, habitando uma área transicional ou espaço intermediário encurtado. No entanto, no espaço do CASE, “contido” pelos muros concretos da internação, considerava “mais fácil” fazer amizade do que “lá fora”. Parece ter encontrado no professor de música um “interlocutor confiável” (FORGET, 2011), um amigo. Vislumbramos a possibilidade de que Felipe, no “espaço intermediário” da Banda, estivesse aprendendo a brincar e, transicionalizando laços, aprendendo a fazer amigos.

Em sua narrativa, os jovens revelaram a *confiança* como eixo central para a constituição dos laços amistosos. Também nos mostraram outras facetas da amizade: a *identificação* foi marcante no caso de Diego. Para ser seu amigo, era preciso, antes, um “batismo de sangue”: provar-se tão forte e guerreiro quanto ele, sobrevivendo à violência física recíproca. John buscava *parceria* nas suas amizades, seja com os “amigos de brincar”, seja com os “amigos de infracionar”, o que nos fez evocar a dupla face do *daimón* em sua função de *alter ego*. Para Felipe, a amizade era uma *construção*: exigia um tempo para conhecer o outro, para “ver como realmente é”. No entanto, era-lhe custoso encontrar um amigo, pois as interrupções vivenciadas em sua infância levaram-no a perceber o outro (não familiar) como um intruso, um perseguidor que não merecia sua confiança.

Para Diego, John e Felipe, a falta de confiança nos jovens que com eles conviviam tornava a amizade impossível no “ambiente impiedoso” do CASE. Assim, fora da Banda, não havia “lugar de repouso”, sendo-lhes preciso utilizar “estratégias de convivência” ou de “sobrevivência”, como os porcos-espinhos de Schopenhauer. Chamou-nos a atenção o fato de que, até mesmo entre os próprios jovens da Banda, a experiência de vínculo criativo com os colegas só acontecesse quando estavam juntos nos ensaios. Fora do “espaço potencial” da Banda, os laços destransicionalizavam-se, pelo excesso de relações retorcidas, permeadas pela violência real. A Banda insurgia-se, pois, como um oásis no deserto. Sustentamos, a partir de Roussillon (2006), que a restituição do espaço do jogo, em sua paradoxalidade, potencializa o trânsito entre processos primários e secundários, o retorno das representações em ato, tornando possível o reviramento do paradoxo “destruidor” em paradoxo “criador”.

Destacamos que a dimensão sensitiva da música, presente nas atividades da Banda, propiciava a suspensão dos afetos violentos, enquanto afetos de outra ordem podiam emergir. Mas, como vimos, se a música dá acesso à “entrada” no trauma, possibilitando sua significação, ainda é preciso a palavra para a sua “saída”, para a elaboração do trauma. Foi notável a

importância, para os jovens, desse espaço de palavra trazido pela/na transferência com a pesquisadora. Além da possibilidade de reflexão sobre a vida, os atos e os afetos, como já mencionamos, John apresentou demanda de acompanhamento psicológico e Felipe expressou que, em oito meses de internação, nunca tinha parado para conversar por tanto tempo com alguém e como aquele momento estava sendo “tão bom” para ele. A demanda de falar e de ser escutado existe nos jovens. Resta encontrar adultos/profissionais implicados e disponíveis para escutá-los. Entendemos que não é fácil para as equipes interprofissionais acompanhar/escutar um quantitativo tão elevado de jovens, como é o caso da Unidade em apreço. O esforço das equipes tem sido louvável. Contudo, não podemos deixar de destacar a necessidade de que a FUNASE encontre meios de viabilizar espaços de circulação da palavra para esses jovens, seja encaminhando-os para atendimento psicológico na rede de saúde, quando houver demanda, seja promovendo intervenções na própria Unidade Socioeducativa, a exemplo do trabalho desenvolvido por Perla Klautau (2017), com jovens moradores de comunidades do Rio de Janeiro, em situação de vulnerabilidade social. A partir das modalidades de intervenção individual (“papo reto”) e grupal (“tá na roda”), os jovens, por meio da palavra, “em sua multiplicidade de sentidos e em sua plasticidade criadora” (p. 122), puderam elaborar questões e sofrimentos, indo ao encontro de suas potencialidades.

Os resultados apresentados indicam, outrossim, a premência de que as unidades socioeducativas, sobretudo aquelas dedicadas ao cumprimento da MSE de internação, invistam fortemente em atividades grupais, mediadas por adultos de referência, que se constituam, para os jovens, em “interlocutores confiáveis”, para que, juntos, desenvolvam seus “espaços potenciais”, a partir do brincar compartilhado, das experiências culturais. Para ser capaz de construir relações alteritárias, como a amizade, ou qualquer outra forma de sociabilidade que prescindia do uso da violência, da destruição real do outro, é fundamental experimentar a destrutividade na fantasia, transformar a mordida em mordiscar. É preciso apostar na potência criativa das nossas crianças e jovens, primeiramente reconhecendo, e não negando a agressão, pois a agressividade não é algo a ser curado, faz parte do “estar vivo”. É o que faz o professor Artur com seu projeto de música dedicado aos jovens, cuja nomeação não poderia ser mais apropriada: “Banda Liberdade: alguém acreditou em mim”!

Desse “bom encontro”, com Artur, Diego, John e Felipe, foi-nos possível compreender que a violência não se apresenta apenas em sua face “assombrada” e que esta mesma face, quando ligada às pulsões de vida, apoiada nos mecanismos sublimatórios, engendra os processos criativos, a reinvenção dos laços.

Chegamos ao final da nossa “partitura”. Esperamos que nosso estudo possa contribuir com a produção de conhecimento sobre a temática, no escopo da “psicanálise implicada” (ROSA, 2016), no sentido de fornecer subsídios para debates e ações no âmbito das políticas públicas direcionadas à infância e juventude, especialmente no Sistema Socioeducativo, que apostem na amizade enquanto potência ética e política, capaz de propiciar outras formas de relação entre os jovens sem recurso à violência. Que este trabalho seja um ponto de múltiplos e variados *ritornelos*, uma compulsão à simbolização!

REFERÊNCIAS

ABADI, Sonia. **El pensamiento creativo: talento, transicionalidad y conectividade**. In: SUCAR, Inês (Org.). Winnicott: Ressonâncias. São Paulo: Primavera Editorial. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. (Originalmente publicado em 2012). *E-book*.

ALVES MAZZOTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

AMBERTÍN, Marta Gerez. **A questão do sujeito e as identificações**. Departamento de Psicologia da PUC – Publicações, Rio de Janeiro. Aceito para publicação em 5 novembro. 2003. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/psicologia/revista161_Marta_Gerez_Ambertin.html>. Acesso em: 23 março. 2006.

AMIZADE. In: Dicionário etimológico: etimologia e origem das palavras. Matosinhos, Portugal: 7 Graus, 2017. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/amizade/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

ALMEIDA, Rogério M. de. **Eros e Tânatos: a vida, a morte, o desejo**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BALDACCI, Jean-Louis. **Le triomphe par la bouche**. *Libres cahiers pour la psychanalyse*, n. 15, p. 41-52, 2007/1.

BARKER, Gary. Nos labirintos da violência: por que alguns homens usam da violência e outros não? p. 54-57. In: **HOMENS: tempos, práticas e vozes**. Benedito Medrado, Mônica Franch, Jorge Lyra e Maíra Brito (orgs.) – Recife: Instituto PAPAI/Fages/Nepo/Pegapacará, 2004. 182 p. (Série “Olhares do Gênero”)

BARROS, Paula Cristina Monteiro de. **“Eu vinha rodando pela rua”: Que ponto de ancoragem para o sujeito adolescente em situação de rua?** Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2015.

BENJAMIN, Jessica. **Sujetos iguales, objetos de amor: ensayos sobre el reconocimiento y la diferencia sexual**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. CEDCA/PE. Recife, 2013.

BRASIL. **Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012**. Presidência da República. Brasília, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12594.htm. Acesso em: 5 ago. 2016.

BRASIL, Katia Cristina Tarouquella Rodrigues; ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de; AMPARO, Deise Matos do; PEREIRA, Adriana Matos Rodrigues. **Adolescência, violência e objetos culturais: uma intervenção entre o educativo e o terapêutico no espaço escolar**. Rev. Estilos da Clínica, São Paulo, v. 20, n. 2, mai./ago. 2015, p. 205-225. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v20n2/a04v20n2.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2016.

BRASIL. **Levantamento Anual dos/as Adolescentes em Conflito com a Lei – 2012.** Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos (SDH). Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013.

BRASIL. **Levantamento Anual SINASE 2013.** Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos (SDH). Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2015.

BRASIL. **Levantamento Anual SINASE 2014.** Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos (SDH). Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2017.

BRASIL. **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE).** Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Brasília: CONANDA, 2006.

BRUN, Danièle. **A gramática amorosa da amizade.** *Rev. Ágora*, v. X, n. 2, jul./dez. 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/agora/v10n2/a11v10n2.pdf>> Acesso em: 05 jul. 2017.

BRUN, Danièle. **La passion dans l'amitié.** Paris: Odile Jacob, 2005.

CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. **Dicionário de Psicanálise.** São Leopoldo: Unisinos, 2007.

CONALBA, Vincent. **Vivre avec.** *Rev. Adolescence*, Tome 25, n. 3, p. 549-559, 2007.

COSTA, Ana; POLI, Maria Cristina. **Alguns fundamentos da entrevista na pesquisa em psicanálise.** *Pulsional: Revista de Psicanálise*. Ano XIX, n. 188, p. 14-21, dez. 2006.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade.* 21.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002, p. 51-66.

CUPA, Dominique. **A crueldade do supereu feminino.** p. 77-121. *In: MIJOLLA-MELLOR, Sophie de. (Org.) Crueldade no feminino.* Trad. Procópio de Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos.** São Paulo: Escuta, 1998. [Trad. Eloisa Araújo Ribeiro].

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Elsa Oliveira. **Incorporação e introjeção em Winnicott.** *Winnicott e-prints*, Série 2, v. 2, n. 2, p. 1-30, 2007. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/wep/v2n2/v2n2a02.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

DIAS, Elsa Oliveira. **Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento**. *Rev. Natureza Humana*, v. 2, n. 1, p. 9-48, 2000.

DIDIER-WEILL, Alain. **Os três tempos da lei: o mandamento siderante, a injunção do superu e a invocação musical**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DONARD, Véronique. **Du meurtre au sacrifice: Psychanalyse et dynamique spirituelle**. Paris: Cerf, 2009.

DONARD, Véronique. **Le voyage de l'intériorité à l'extériorité: l'accès à la réalité selon Winnicott**. Cours de Psychologie Fondamentale, 2e année, École de Psychologues Praticiens, Paris, 2012-2013.

DUNKER, Christian. **Pulsão de morte, destrutiva ou criativa?** *Falando n'isso 130*. 2017. (6m44s). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=n44l_ILh3ek>. Acesso em: 10 jan. 2019.

EDROSA, Martine. **Aux confins de l'originare, sur l'autel des sacrifices: genèse de l' "inhumanité psychique"**. In: BALIER, Claude (Org.). *La violence en Abyme*. Paris: Puf, 2016. *E-book*.

ELIA, Luciano. **A Transferência na Pesquisa em Psicanálise: Lugar ou Excesso?** *Rev. Psicol. Reflex. Crit.*, vol. 12, n. 3, Porto Alegre, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000300015>. Acesso em: 05 nov. 2018.

EMPÉDOCLES DE AGRIGENTO. **Fragmentos**. In: Os Pré-Socráticos. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Coleção Os Pensadores).

FERRÉZ. **Capão Pecado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio; MINERBO, Marion. **Pesquisa em Psicanálise: algumas ideias e um exemplo**. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a17.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2016.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2004.

FORGET, Jean-Marie. **Os transtornos do comportamento: onde está o rolo?** Trad. Maria Nestrovsky Folberg. Porto Alegre: CMC, 2011.

FRANÇA NETO, Oswaldo. **Freud e a sublimação: arte, ciência, amor e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer** (1920). *Obras Psicológicas Completas*. vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. **A interpretação de sonhos (segunda parte) e sobre os sonhos** (1900-1901). *Obras Psicológicas Completas*. vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. **Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo** (1922). Obras Psicológicas Completas. vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. **Análise terminável e interminável** (1937). Obras Psicológicas Completas. vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos** (1915). Obras Psicológicas Completas. vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. **Carta a Martha Bernays, de 7 de fevereiro de 1884**. In: *Lettres de jeunesse*. Paris: Gallimard, 1990.

FREUD, Sigmund. **Carta a Wilhelm Fliess, de 7 de maio de 1900**. p. 413. In: *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise** (1910 [1909]). Obras Psicológicas Completas. vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias sobre psicanálise** (1916-1917) – *Conferência XXII: Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão – Etiologia*. Obras Psicológicas Completas. vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. **Dois verbetes de enciclopédia** (1923 [1922]). Obras Psicológicas Completas. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. **Esboço de Psicanálise** (1940 [1938]), Parte I – A mente e o seu funcionamento, Capítulo II: A Teoria das Pulsões, p. 173-176. Obras Psicológicas Completas. vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. **Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância** (1910). Obras Psicológicas Completas. vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id** (1923). Obras Psicológicas Completas. vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização** (1930 [1929]). Obras Psicológicas Completas. vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. **O problema econômico do masoquismo** (1924). Obras Psicológicas Completas. vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. **Por que a guerra?** (1933 [1932]). Obras Psicológicas Completas. vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. **Psicologia de grupo e a análise do ego** (1921). Obras Psicológicas Completas. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise** (1933 [1932]) – *Conferência XXXII: Ansiedade e vida pulsional*. Obras Psicológicas Completas. vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. **Sobre o narcisismo: uma introdução** (1914). Obras Psicológicas Completas. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). Obras Psicológicas Completas. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FROEMMING, Liliane Seide; OLIVEIRA, Marisa Terezinha Garcia de. **Efeitos do deslocamento da noção de intimidade: o êxtimo na sala de jantar**. *Rev. aSEPHallus de Orientação Lacaniana*. Rio de Janeiro, v.10, n.19, p. 91-102, nov. 2014 a abr. 2015.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente**. 5.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. 295p. (Introdução à metapsicologia freudiana, v. 3).

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1984.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer, M.W.; Gaskell, G. (Editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GIVRE, Philippe. **Philia et adolescence**. *Revue Adolescence*. v. 3, n. 61, p. 505-528, 2007. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-adolescence1-2007-3-page-505.htm>>. Acesso em: 09 maio 2017.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Correspondance 1765-1832, Lettre à Bettina Achim Arnim, 23 février 1814**, Paris: Les presses d'aujourd'hui, 1982.

GONDAR, Jô. **A amizade e a ética da psicanálise**. *Rev. Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol. 26, n.2, p. 233-237, 2014.

GUTTON, Philippe. **Culture d'amis**. *Cahiers critiques de thérapie familiale et de pratiques de réseaux*, vol. 40, no. 1, 2008, p. 109-129, 2008. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-cahiers-critiques-de-therapie-familiale-2008-1-page-109.htm>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Petrópolis: Vozes, 2017. [Trad. Enio Paulo Giachini]

IRIBARRY, Isac Nikos. **O que é pesquisa psicanalítica?** *Rev.Ágora*, v. 4, n. 1, p. 115-138, jan./jun. 2003.

JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. 3, 1989.

JONES, Ernest. **Vida e Obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1979.

KAMIENIAK, Isabelle; KASWIN-BONNEFOND, Danielle. **Inhibition: argument.** *Revue française de psychanalyse*, v. 73, n. 2, p. 325-330, 2009.

KAËS, René. **As alianças inconscientes.** Trad. José Luis Cazarotto. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

KAËS, René. **Définitions et approches du concept de lien.** *Rev. Adolescence*, v. 3, n. 65, p. 763-780, 2008. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-adolescence1-2008-3-page-763.htm>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

KAËS, René. **Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

KAËS, René. **Les mediations entre les espaces psychiques dans les groups.** *Rev. Le Carnet PSY*, n. 1, p. 35-38, 2010. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-le-carnet-psy-2010-1-page-35.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

KEHL, Maria Rita. **Existe uma função fraterna?** In: KEHL, Maria Rita (org.). *Função Fraterna.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

KLAUTAU, Perla; SALEM, Pedro. **Dependência e construção da confiança: A clínica psicanalítica nos limites da interpretação.** *Rev. Natureza Humana*, v. 11, n. 2, p. 33-54, jul.-dez. 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v11n2/v11n2a02.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2018.

KLAUTAU, Perla. **O método psicanalítico e suas extensões: escutando jovens em situação de vulnerabilidade social.** *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.* São Paulo, v. 20, n. 1, p. 113-127, mar. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n1p113.8>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

LACAN, Jacques. **A agressividade em psicanálise (1948).** p 104-126. In: *Escritos.* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **Prefácio à edição inglesa do Seminário 11 (1976).** p 567-569. In: *Outros Escritos.* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LAGACHE, Daniel. **De la fantasie à la sublimation.** Tome V: 1962-1964. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

LAPLANCHE, Jean. **Problemáticas III: a sublimação.** São Paulo: Martins Fontes, 1989. [Trad. Álvaro Cabral].

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEBRUN, Jean-Pierre. **A Perversão Comum – Viver juntos sem Outro**. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2008. [Trad. Procopio Abreu].

LEJARRAGA, Ana Lila. **A noção de amizade em Freud e Winnicott**. *Rev. Natureza Humana*, v.12, n. 1, p. 85-104, jan.-jun. 2010.

LE RUN, Jean-Louis. **La bande à l'adolescence**. *Rev. Enfances & Psy*, n. 31, p. 56-66, 2006/2. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-enfances-et-psy-2006-2-page-56.htm>. Acesso em: 09 dez. 2018.

LIMA, Maria Celina Peixoto; MARTINS, Karla Patrícia Holanda. **Inibição, sintoma e ato: sobre os destinos do saber na adolescência**. In: O declínio dos saberes e o mercado do gozo. Ano 8, Col. LEPSI IP/FE-USP, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/lepsi/n8/a42n8.pdf>>. Acesso em: 20 Dec. 2017.

LISPECTOR, Clarice. **Uma amizade sincera**. In: Felicidade Clandestina. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. *E-book*. (Primeira edição publicada em 1971).

LOFFREDO, Ana Maria. **Figuras da sublimação na metapsicologia freudiana**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2014.

MACHADO, Luiz Marcílio Kern. **Mutualidade: Qual a novidade?** In: SUCAR, Inês (Org.). Winnicott: Ressonâncias. São Paulo: Primavera Editorial. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. (Originalmente publicado em 2012). *E-book*.

MANHES, Géraud. **La puissance de l'amitié**. *Libres cahiers pour la psychanalyse*, n. 19, p. 189-205, 2009/1. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-libres-cahiers-pourlapychanalyse-2009-1-page-189.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904**. [Trad. Vera Ribeiro]. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MONTAGNA, Plínio. **Níveis de mutualidade**. In: SUCAR, Inês (Org.). Winnicott: Ressonâncias. São Paulo: Primavera Editorial. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. (Originalmente publicado em 2012). *E-book*.

MEDRADO, Benedito. **Sexualidades e socialização masculina: Por uma ética da diversidade**. In: *Homens: tempos, práticas e vozes*. Benedito Medrado, Mônica Franch, Jorge Lyra e Maíra Brito (orgs.) – Recife: Instituto PAPAI/Fages/Nepo/Pegapacará, 2004, p. 42-48. (Série “Olhares do Gênero”)

MEDRADO, Benedito. **Adolescência, juventude, pré-adolescência, adultescência... Entre modelos culturais ideais e a ruptura com os padrões etários que (de)limitam lugares**. In: *Adolescências em movimento: traços, tramas e riscos*. Jorge Lyra, André Sobrinho, Cláudia Ribeiro, Teresa Campos, Leonel Luz e Benedito Medrado (orgs.). Recife: Instituto PAPAI/MAB/Canto Jovem, 2011, p. 23-40.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane; MÉLLO, Ricardo Pimentel. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: **A produção da informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Mary Jane Paris Spink; Jacqueline Isaac

Machado Brigagão; Vanda Lúcia Vitoriano do Nascimento e Mariana Prioli Cordeiro (Orgs.). 1.ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014, p. 273-294. (publicação virtual)

MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003 (Entrevistas por Jean-Pierre Lebrun).

MIJOLLA-MELLOR, Sophie de. **Ce qu'est la sublimation pour Freud**. In: MIJOLLA-MELLOR, Sophie de. (Org.) *Traité de la sublimation*. Paris: Puf, 2013. *E-book*.

MIJOLLA-MELLOR, Sophie de. **La sublimation: que sais-je?** Paris: Puf, 2012. *E-book*.

MIJOLLA-MELLOR, Sophie de. **Le choix de la sublimation**. Paris: Puf, 2015. *E-book*.

NASIO, Juan David. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Cap. 4: O conceito de Sublimação. Trad. de Vera Ribeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

NICOLAÏDIS, Graziella. **Freud et Empédocle. Pulsions de vie, pulsions de mort, amitié et discordie**. *Revue française de psychanalyse*. v. 73, n. 4, p. 1037-1054, 2009. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-psychanalyse-2009-4-page-1037.htm>. Acesso em: 21 ago. 2018.

OGDEN, Thomas H. **Os sujeitos da psicanálise**. Tra. Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

OLIVEIRA, Luiz Ricardo Prado de. **O sentido da amizade em Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Uapê, 2012.

OS PRÉ-SOCRÁTICOS. **Vida e Obra**. Trad. José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Coleção Os Pensadores).

PEÑA, Saul. **Naturalidade, mutualidade e o tântos terapêutico**. *Rev. Percurso*, v. 17, p. 108-113, 1996.

Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. São Paulo: Moderna, 2015.

PERNAMBUCO. Governo do Estado. **Plano Estadual Decenal de Atendimento Socioeducativo do Estado de Pernambuco 2015-2024**.

PERNAMBUCO. Fundação de Atendimento Socioeducativo – FUNASE. **Portaria Interna nº 279/15, de 15 de dezembro de 2015**. [Dispõe sobre a reorganização das unidades pelo critério de faixa etária, ante superlotação de algumas unidades].

PONTALIS, Jean-Bertrand. **Le songe de Monomotapa**. Paris: Gallimard, 2009.

PRIMO, Joana Sampaio. **Amizade, espaço de pensamento e alteridade: uma análise das cartas de Freud a Fliess**. Dissertação de Mestrado, Programa de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

QUEIROZ, Edilene Freire de. Cours à UFR d'Études Psychanalytiques Ecoles Doctorales, Université Paris-Diderot. Le 12.12.2016 et 16.01.2017.

QUEIROZ, Edilene Freire de. Reflexões sobre meta-análise em psicanálise. In QUEIROZ, E. F. e ZANOTTI, S. V. (Orgs) **Metodologia de pesquisa em psicanálise**. Série Psicanálise: Clínica e Cultura. Porto Alegre: UFRS, capítulo 2. (no prelo)

RANCIÈRE, Jacques. **A comunidade estética**. In: *Rev. Póiesis*, n. 17, p. 169-187, 2011. Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes – UFF. [Trad. André Gracindo e Ivana Grehs].

ROSA, Miriam Debieux. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2016.

ROSA, Miriam Debieux. **A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica**. *Rev. Mal-estar e Subjetividade*, v. 4, n. 2, p. 329-348, set. 2004.

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. **O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação**. *Rev. Psicologia & Sociedade*, v. 20, n. 1, p. 180-188, 2010.

SANTIAGO, Ana Lydia. **A inibição intelectual na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ROUSSILLON, René. **La destructivité et les forms complexes de la “survivance” de l’objet**. *Revue française de psychanalyse*. v. 73, n. 4, p. 1005-1022, 2009. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-francaise-de-psychanalyse-2009-4-page-1005.htm>>. Acesso em: 31 maio 2018.

ROUSSILLON, René. **Métapsychologie des processus et la transitionnalité**. *Revue française de psychanalyse*. Métapsychologie: écoute et transitionnalité. Tome LIX, p. 1375-1519, Paris: Puf, 1995. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5452348t.image.r=revue+fran%C3%A7aise+de+psychanalyse.f9.pagination.langFR>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

ROUSSILLON, René. **Paradoxos e situações limites da psicanálise**. Trad. Paulo Neves. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2006.

TANIS, Bernardo. **Presença do paradoxo na construção de vínculos: clínica, alteridade e cultura**. In: SUCAR, Inês (Org.). Winnicott: Ressonâncias. São Paulo: Primavera Editorial. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. (Originalmente publicado em 2012). *E-book*.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. **A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer**. p. 92-127. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Vol 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência. Mortes matadas por arma de fogo**. Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/> Acesso em: 25 jun. 2016.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**. *Rev. Estud. Fem.* 2001, vol.9, n.2, p.460-482. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

WINNICOTT, D.W. **A capacidade para estar só** (1958). p. 31-37. *In: O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

WINNICOTT, D.W. **A criança e as outras pessoas**. Cap.16, p. 116-124. *In: A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

WINNICOTT, D.W. **A experiência mãe-bebê de mutualidade**. (1969). p. 195-202. *In: WINNICOTT, Claire; SHEPHERD, Ray; DAVIS, Madeleine (orgs.). Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

WINNICOTT, D.W. **Agressão e suas raízes** (1939). p. 93-110. *In: Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

WINNICOTT, D.W. **Ansiedade associada à insegurança** (1952). p. 205-210. *In: Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

WINNICOTT, D.W. **A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal** (1954). p. 437-458. *In: Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

WINNICOTT, D.W. **Desenvolvimento emocional primitivo** (1945). p. 269-285. *In: Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

WINNICOTT, D.W. **Objetos transicionais e fenômenos transicionais** (1963). p. 13-44. *In: O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D.W. **O brinquedo na situação analítica**. (1954). p. 24-25. *In: WINNICOTT, Claire; SHEPHERD, Ray; DAVIS, Madeleine (orgs.). Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

WINNICOTT, D.W. **o desenvolvimento da capacidade de se preocupar** (1963). p. 70-78. *In: O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

WINNICOTT, D.W. **O uso de um objeto e relacionamento através de identificações** (1969). p. 121-131. *In: O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D.W. **Por que as crianças brincam?** Cap.22, p. 161-165. *In: A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

WINNICOTT, D.W. **Que entendemos por uma criança normal?** Cap.19, p. 140-147. *In: A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

WINNICOTT, D.W. **Teoria do relacionamento paterno-infantil** (1960). p. 38-54. *In: O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ZIZEK, Slavoj. **Em defesa das causas perdidas**. São Paulo: Boitempo, 2011.

ANEXO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO - UNICAP/PE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TECENDO "NÓS": UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE A AMIZADE ENTRE JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE, EM CONTEXTO DE VIOLÊNCIAS EXTREMAS

Pesquisador: VERONIQUE DONARD

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 79437917.7.0000.5206

Instituição Proponente: Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP/PE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.397.415

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que visa compreender as possibilidades de vinculações de tipo amistoso entre jovens em situação de internação socioeducativa, em contexto de violências extremas. Será desenvolvida no CASE [REDACTED], utilizando-se de observação de atividades e entrevistas semiestruturadas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Verificar as potencialidades de vínculos de amizade entre jovens privados de liberdade, em condições de violências extremas, e compreender suas formas de expressão.

Objetivo Secundário:

a) Identificar as estratégias de apoio mútuo utilizadas entre pares no contexto da privação de liberdade.

b) Analisar as vivências e os sentidos atribuídos à amizade pelos jovens privados de liberdade. c) Apreender as motivações/justificativas dos jovens para a prática de violências e agressões recíprocas durante o cumprimento da medida socioeducativa de internação.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios foram cuidadosamente descritos, assim como as medidas a serem tomadas tanto no sentido de proteger os sujeitos participantes quanto a pesquisadora.

Página 01 de

Continuação do Parecer: 2.397.415

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta valor científico, social e humanitário.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória estão adequadamente preenchidos. O retorno ao sujeito da pesquisa será feito através de entrevista devolutiva. Igualmente será feito o retorno aos demais profissionais da instituição.

Recomendações:

Não há recomendações a serem feitas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou lista de inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP acompanha o parecer do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1012595.pdf	27/10/2017 19:06:48		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Flavia_Barretto.pdf	25/10/2017 14:41:03	VERONIQUE DONARD	Aceito
Outros	CurriculoLattes.pdf	24/10/2017 19:08:27	FLAVIA CAVALCANTI BARRETTO	Aceito
Outros	GuiadeEntrevista.pdf	24/10/2017 19:05:55	FLAVIA CAVALCANTI	Aceito

			BARRETTO	
Outros	Curriculo_Orientadora_Veronique_Dona rd.pdf	24/10/2017 18:05:46	VERONIQUE DONARD	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_instituicao.pdf	24/10/2017 18:04:00	VERONIQUE DONARD	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodepesquisaAmizadeBARRETTO. pdf	23/10/2017 19:34:03	FLAVIA CAVALCANTI BARRETTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeAcordoMonitor.pdf	23/10/2017 19:32:51	FLAVIA CAVALCANTI BARRETTO	Aceito
TCLE / Termos de	TermodeAcordoJovens.pdf	23/10/2017	FLAVIA	Aceito

Página 02 de

Continuação do Parecer: 2.397.415

Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeAcordoJovens.pdf	19:32:37	CAVALCANTI BARRETTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	23/10/2017 19:31:32	FLAVIA CAVALCANTI BARRETTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	23/10/2017 19:31:23	FLAVIA CAVALCANTI BARRETTO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	CartadeAnuenciaPesquisadora.pdf	23/10/2017 19:30:54	FLAVIA CAVALCANTI BARRETTO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	CartadeAnuenciaOrientadora.pdf	23/10/2017 19:30:36	FLAVIA CAVALCANTI BARRETTO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TermodeAnuenciaFUNASE.pdf	23/10/2017 19:30:12	FLAVIA CAVALCANTI BARRETTO	Aceito

Declaração de Instituição e Infraestrutura	AutorizacaoVRIJ.pdf	23/10/2017 19:24:31	FLAVIA CAVALCANTI BARRETTO	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	23/10/2017 19:23:22	FLAVIA CAVALCANTI BARRETTO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	23/10/2017 19:15:00	FLAVIA CAVALCANTI BARRETTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 24 de Novembro de 2017

Assinado por:
Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo
(Coordenador)

APÊNDICES

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

GUIA DE ENTREVISTA

Nome:

Nome fictício (escolhido pelo jovem):

Relações de amizade

O tema dessa pesquisa é a amizade. Então, me conte sobre sua experiência com a amizade.

Como você vive a amizade?

- O que amizade significa para você?
- O que você mais valoriza em uma amizade?
- Você tinha amigos quando era criança? Como era? (Ainda são amigos?)
- E antes da internação?
- Você se considera amigo de alguém? Como é ser amigo de alguém?
- Você tem amigos aqui no CASE? Dá para fazer novos amigos aqui?
- Você mantém contato com seus amigos que estão lá fora? Eles podem visitar você aqui? Você gostaria?
- Faz alguma diferença ter amigos ou não aqui dentro?

Contexto de violências e agressões na internação

- Como é a convivência entre os jovens aqui no CASE?
- O ambiente aqui do CASE facilita ou dificulta as amizades?
- Quando acontece algum conflito, alguma briga aqui, como você se sente? E como as coisas se resolvem?
- Nessas situações de conflito, de briga, você recebe apoio de alguém?
- Você se lembra de alguma história de amizade para me contar?

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

TERMO DE ACORDO PARA OBSERVAÇÃO DE ATIVIDADE

(Monitor)

Eu, _____, responsável pela atividade _____, concordo com a participação da psicóloga Flávia Cavalcanti Barretto, mestranda em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, a fim de coletar dados para sua pesquisa intitulada: Tecendo “nós”: um estudo psicanalítico sobre a amizade entre jovens privados de liberdade, em contexto de violências extremas, durante a referida atividade.

Estou ciente de que a Juíza competente, Dr^a Ana Maria Wanderley Freire, autorizou previamente à referida profissional o acompanhamento das atividades realizadas no CASE [REDACTED], e que eu poderei solicitar-lhe, a qualquer momento, que interrompa a observação, caso sua presença na atividade me cause algum constrangimento ou prejuízo. Fui informado pela entrevistadora de sua obrigação de preservar-me de qualquer forma de identificação, garantir o sigilo das informações obtidas e que poderei comunicar à autoridade competente sobre qualquer constrangimento ou lesão à minha integridade decorrente da pesquisa, para as providências pertinentes.

Data: ___ / ___ / ____.

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP, que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, situada na Rua Do Príncipe, 526 – Boa Vista – Bloco G4 – 7º Andar, Setor A, CEP 50050-900 – Recife/PE – BRASIL. Telefone: (81)2119-4376. Endereço Eletrônico: cep_unicap@unicap.br / pesquisa_prac@unicap.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – CONEP
SEPN 510 NORTE, BLOCO A, 3º Andar
Edifício EX-INAN – Unidade II – Ministério da Saúde
CEP: 70750-521 – Brasília-DF
Telefone: (61) 3315-5878
Telefax: (61) 3315-5879

APÊNDICE C

UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

TERMO DE ACORDO PARA OBSERVAÇÃO DE ATIVIDADE

(Jovens)

Eu, abaixo-assinado, concordo com a participação da psicóloga Flávia Cavalcanti Barretto, mestranda em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, durante a atividade da qual estou participando, a fim de coletar dados para sua pesquisa intitulada: Tecendo “nós”: um estudo psicanalítico sobre a amizade entre jovens privados de liberdade, em contexto de violências extremas.

Estou ciente de que a Juíza competente, Dr^a Ana Maria Wanderley Freire, autorizou previamente à referida profissional o acompanhamento da atividade que realizo, e que poderei solicitar-lhe, a qualquer momento, que interrompa a observação, caso sintame constrangido ou prejudicado com a sua presença na atividade. Fui informado pela entrevistadora de sua obrigação de preservar-me de qualquer forma de identificação, garantir o sigilo das informações obtidas e que poderei comunicar à autoridade competente sobre qualquer constrangimento ou lesão à minha integridade decorrente da pesquisa, para as providências pertinentes.

Data: ___ / ___ / ____.

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP, que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, situada na Rua Do Príncipe, 526 – Boa Vista – Bloco G4 – 7º Andar, Setor A, CEP 50050-900 – Recife/PE – BRASIL. Telefone: (81)2119-4376. Endereço Eletrônico: cep_unicap@unicap.br / pesquisa_prac@unicap.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – CONEP
SEPN 510 NORTE, BLOCO A, 3º Andar
Edifício EX-INAN – Unidade II – Ministério da Saúde
CEP: 70750-521 – Brasília-DF
Telefone: (61) 3315-5878
Telefax: (61) 3315-5879

APÊNDICE D

UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa *Tecendo “nós”: um estudo psicanalítico sobre a amizade entre jovens privados de liberdade, em contexto de violências extremas*, realizada por mim, Flávia Cavalcanti Barretto, sob orientação da Profª. Dra. Véronique Donard. O/A Juiz/a da Vara Regional da Infância e da Juventude autorizou sua participação, com a concordância do coordenador geral do CASE [REDACTED]. Você é maior de 18 anos e poderá decidir sozinho sobre sua participação na pesquisa, mas, se achar necessário, poderá consultar sua família e outras pessoas de sua confiança. Você não precisa participar se não quiser e é um direito seu desistir de contribuir com a pesquisa a qualquer momento, sem nenhum problema ou prejuízo para você.

O principal objetivo da pesquisa é compreender as relações de amizade entre jovens que cumprem medida socioeducativa de internação. Especificamente, queremos saber em que situações você recebe apoio dos outros jovens, como você vive a amizade, antes e durante a internação, e também sobre as situações de violência e de agressão que acontecem entre os jovens no CASE [REDACTED].

A pesquisa será feita no CASE [REDACTED], onde você cumpre a medida de internação. Outros jovens do CASE também foram/serão convidados a participar. A participação de vocês será a partir de uma entrevista comigo, para conversarmos sobre o tema da amizade. A entrevista será individual, só eu e você, em uma sala que garanta a privacidade, e usaremos um gravador de áudio, se você concordar.

Quanto aos riscos relacionados com a participação na pesquisa, compartilhar suas lembranças e experiências durante a entrevista poderá despertar sentimentos que estavam reservados. Mas se alguma pergunta lhe causar constrangimento, você não precisa responder. E você sabe que poderá desistir da pesquisa a qualquer momento. Além disso, a pesquisadora é psicóloga e está apta para lidar com essas situações. Caso seja necessário, você poderá contar com o atendimento do/a psicólogo/a que o acompanha no CASE.

Também há benefícios para os participantes da pesquisa. Falar sobre sua experiência pode lhe trazer novos sentidos, você pode pensar em coisas que ainda não havia se dado conta, o que pode colaborar para mudanças importantes, tanto para você mesmo quanto para os outros jovens que cumprem medida de internação em Pernambuco, pois os resultados da pesquisa podem auxiliar os responsáveis pela execução das medidas socioeducativas a entender melhor o que os adolescentes e jovens pensam, sentem e desejam, e assim melhorar as condições do acompanhamento de vocês.

Após a conclusão deste estudo, a pesquisadora combinará com você uma entrevista devolutiva para lhe mostrar os dados coletados e a análise que foi feita. Você poderá tirar suas dúvidas e conversar sobre sua situação específica. A dissertação estará disponível por meio eletrônico e uma cópia ficará no CASE [REDACTED]. Caso sinta necessidade, poderá marcar outras entrevistas com a pesquisadora para esclarecer questionamentos ou para falar sobre como os dados da pesquisa mobilizaram seus sentimentos e pensamentos.

As informações obtidas a partir da(s) entrevista(s) concedida(s) por você serão confidenciais e asseguramos o sigilo da sua participação. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem

identificar os jovens que participaram.

Você receberá uma cópia deste Termo, onde consta o telefone e endereço do(a) pesquisador(a) principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou em qualquer momento.

DADOS DO(A) PESQUISADOR(A) PRINCIPAL

Prof^ª Dr^ª Véronique Donard

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526, 7º andar do Bloco G4.

Telefone: 2119-4066

E-mail: veronique.donard@gmail.com

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP, que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, situada na Rua Do Príncipe, 526 – Boa Vista – Bloco G4 – 7º Andar, Setor A, CEP 50050-900 – Recife/PE – BRASIL. Telefone: (81)2119-4376. Endereço Eletrônico: cep_unicap@unicap.br / pesquisa_prac@unicap.br

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – CONEP

SEPN 510 NORTE, BLOCO A, 3º Andar

Edifício EX-INAN – Unidade II – Ministério da Saúde

CEP: 70750-521 – Brasília-DF

Telefone: (61) 3315-5878

Telefax: (61) 3315-5879

Recife/PE, ____ de _____ de _____.

Assinatura do jovem

Assinatura do(a) pesquisador(a)

APÊNDICE E

UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa *Tecendo “nós”: um estudo psicanalítico sobre a amizade entre jovens privados de liberdade, em contexto de violências extremas*, realizada por mim, Flávia Cavalcanti Barretto, sob orientação da Profa. Dra. Véronique Donard. O/A Juiz/a da Vara Regional da Infância e da Juventude autorizou sua participação, com a concordância do coordenador geral do CASE [REDACTED], por isso não precisaremos pedir que seus pais ou responsável também autorizem, mas você pode consultar sua família e outros adultos de sua confiança se achar necessário. Você não precisa participar se não quiser e é um direito seu desistir de contribuir com a pesquisa a qualquer momento, sem nenhum problema ou prejuízo para você.

O principal objetivo da pesquisa é compreender as relações de amizade entre jovens que cumprem medida socioeducativa de internação. Especificamente, queremos saber em que situações você recebe apoio dos outros jovens, como você vive a amizade, antes e durante a internação, e também sobre as situações de violência e de agressão que acontecem entre os jovens no CASE [REDACTED].

A pesquisa será feita no CASE [REDACTED], onde você cumpre a medida de internação. Outros jovens do CASE também foram/serão convidados a participar. A participação de vocês será a partir de uma entrevista comigo, para conversarmos sobre o tema da amizade. A entrevista será individual, só eu e você, em uma sala que garanta a privacidade, e usaremos um gravador de áudio, se você concordar.

Quanto aos riscos relacionados com a participação na pesquisa, compartilhar suas lembranças e experiências durante a entrevista poderá despertar sentimentos que estavam reservados. Mas se alguma pergunta lhe causar constrangimento, você não precisa responder. E você sabe que poderá desistir da pesquisa a qualquer momento. Além disso, a pesquisadora é psicóloga e está apta para lidar com essas situações. Caso seja necessário, você poderá contar com o atendimento do/a psicólogo/a que o acompanha no CASE.

Também há benefícios para os participantes da pesquisa. Falar sobre sua experiência pode lhe trazer novos sentidos, você pode pensar em coisas que ainda não havia se dado conta, o que pode colaborar para mudanças importantes, tanto para você mesmo quanto para os outros jovens que cumprem medida de internação em Pernambuco, pois os resultados da pesquisa podem auxiliar os responsáveis pela execução das medidas socioeducativas a entender melhor o que os adolescentes e jovens pensam, sentem e desejam, e assim melhorar as condições do acompanhamento de vocês.

Após a conclusão deste estudo, a pesquisadora combinará com você uma entrevista devolutiva para lhe mostrar os dados coletados e a análise que foi feita. Você poderá tirar suas dúvidas e conversar sobre sua situação específica. A dissertação estará disponível por meio eletrônico e uma cópia ficará no CASE [REDACTED]. Caso sinta necessidade, poderá marcar outras entrevistas com a pesquisadora para esclarecer questionamentos ou para falar sobre como os dados da pesquisa mobilizaram seus sentimentos e pensamentos.

As informações obtidas a partir da(s) entrevista(s) concedida(s) por você serão confidenciais e asseguramos o sigilo da sua participação. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem

identificar os adolescentes e jovens que participaram.

Você receberá uma cópia deste Termo, onde consta o telefone e endereço do(a) pesquisador(a) principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou em qualquer momento.

DADOS DO(A) PESQUISADOR(A) PRINCIPAL

Profª Drª Véronique Donard

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526, 7º andar do Bloco G4.

Telefone: 2119-4066

E-mail: veronique.donard@gmail.com

ASSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP, que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, situada na Rua Do Príncipe, 526 – Boa Vista – Bloco G4 – 7º Andar, Setor A, CEP 50050-900 – Recife/PE – BRASIL. Telefone: (81)2119-4376. Endereço Eletrônico: cep_unicap@unicap.br / pesquisa_prac@unicap.br

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – CONEP

SEPN 510 NORTE, BLOCO A, 3º Andar

Edifício EX-INAN – Unidade II – Ministério da Saúde

CEP: 70750-521 – Brasília-DF

Telefone: (61) 3315-5878

Telefax: (61) 3315-5879

Recife/PE, ____ de _____ de _____.

Assinatura do adolescente

Assinatura do(a) pesquisador(a)